UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DANIELE CAJASEIRAS MATOS

A BUSCA DE SENTIDO ÚLTIMO COMO FATOR DE PROTEÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL EM MEMBROS DE UMA NOVA COMUNIDADE CATÓLICA

JOÃO PESSOA-PB
2024

DANIELE CAJASEIRAS MATOS

A BUSCA DE SENTIDO ÚLTIMO COMO FATOR DE PROTEÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL EM MEMBROS DE UMA NOVA COMUNIDADE CATÓLICA

Tese apresentada à Universidade Federal da Paraíba, no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na área de Ciências Sociais das Religiões, Educação e Saúde e na Linha de Pesquisa Espiritualidade e Saúde, para obtenção do título de Doutora em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dr. Thiago A. Avellar de Aquino.

JOÃO PESSOA-PB

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M433b Matos, Daniele Cajaseiras.
A busca de sentido último como fator de proteção para a saúde mental em membros de uma nova comunidade católica / Daniele Cajaseiras Matos. - João Pessoa, 2024.
108 f.

Orientação: Thiago Antonio Avellar Aquino.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Logoterapia. 2. Saúde mental. 3. Comunidades católicas. I. Aquino, Thiago Antonio Avellar. II. Título.

UFPB/BC CDU 159.9:2(043)

Elaborado por GRACILENE BARBOSA FIGUEIREDO - CRB-15/794

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A BUSCA DE SENTIDO ÚLTIMO COMO FATOR DE PROTEÇÃO PARA A SAÚDE MENTAL EM MEMBROS DE UMA NOVA COMUNIDADE CATÓLICA

Daniele Cajaseiras Matos

Tese apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.

Thiago Antonio Avellar de Aquino
(orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br
KAREN GUEDES OLIVEIRA
Data: 31/05/2024 21:03:00-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Karen Guedes Oliveira
(membro-externo/UFPB)

Documento assinado digitalmente
gov.br
ALISSON DE MENESES PONTES
Data: 03/06/2024 10:25:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Alisson de Meneses Pontes
(membro-externo/UNILIFE)

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOSILENE SILVA DA CRUZ
Data: 31/05/2024 18:53:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Josilene Silva da Cruz
(membro-externo/UERN)

Documento assinado digitalmente
gov.br
LISIEUX D JESUS LUZIA DE ARAUJO ROCHA
Data: 31/05/2024 21:24:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha
(membro-externo/FCF)

Aprovada em 29 de maio de 2024.

Dedico este trabalho ao meu pai Aldísio (*in memoriam*), que sempre foi um porto seguro para o desenvolvimento dos meus estudos. Dedico com muito amor!!

AGRADECIMENTOS

Ao Sentido Último da minha vida, Jesus Cristo Nosso Senhor. Em quem nos movemos e somos. Ele que realizou em mim tantas transformações ao longo desse percurso e que me fortaleceu para finalizá-lo. Também pela sempre Virgem Maria, aquela toda pequena, toda escondida, mas muito presente, me sustentando durante esse período com sua intercessão.

Ao meu pai Aldísio (in memoriam) que muito se alegrou e me apoiou durante o percurso desse doutorado. À minha mãe Fátima pela presença sempre cuidadosa e motivadora. Às minhas irmãs pelas palavras de ânimo e encorajamento. Aos meus sobrinhos que me ajudam a viver um amor de doação e alegria.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Thiago A. A. de Aquino, que sempre me estimulou e animou com suas sábias palavras e atitudes. Ele que me apresentou Viktor Frankl e me inseriu no mundo da logoterapia, dando um novo sentido à minha vida pessoal e profissional. As palavras são insuficientes para expressar minha gratidão a ele, então só me resta dizer muito obrigada!

Agradeço de modo especial aos membros desta banca: Profa. Dra. Karen Guedes Oliveira, Profa. Dra. Josilene Silva da Cruz, Profa. Dra. Lisieux e Araújo Rocha e Prof. Dr. Alysson de Meneses Pontes que generosamente aceitaram contribuir com seus conhecimentos para essa tese.

Aos participantes da pesquisa que responderam a respeito de suas vivências pessoais na busca pelo sentido último.

RESUMO

A presente tese fundamentou-se na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Baseou-se em três pilares fundamentais: Logoterapia e Análise Existencial, Espiritualidade e Novas Comunidades Católicas, os quais podem ser definidos respectivamente como: terceira escola vienense de psicologia de Viena, dimensão constitutiva do ser humano e novas formas de vida consagrada. A tese teve como objetivo geral: Verificar como a busca de sentido último se constitui como fator protetivo para a saúde mental de membros de uma Nova Comunidade Católica. Nesse sentido, a tese apresenta os seguintes objetivos específicos: 1. Propor um instrumento para avaliar qualitativamente o *Burnout* religioso, 2. Definir e discutir sobre o conceito de sentido último na Logoterapia, 3. Discorrer sobre a saúde mental de membros de uma nova comunidade católica. Participaram da pesquisa 45 sujeitos. Foram utilizados para a coleta de dados, o questionário de *Burnout* religioso e a autobiografia para a vida espiritual. Para a análise dos dados, recorreu-se ao software Iramuteq com os seguintes tipos de análises: nuvem de palavras; análise de similitude e classificação hierárquica descendente. O estudo da tese demonstrou que a busca do sentido último por parte dos membros que participaram da pesquisa, leva-os a uma vivência e a uma forma religiosa específica nessa comunidade nova que os faz vivenciar os conteúdos espirituais/noéticos com uma cosmovisão específica, repercutindo assim, em seu processo de saúde-doença. Concluiu-se que a busca pelo sentido último influencia na saúde mental dos membros da comunidade nova constituindo-se um fator protetivo.

Palavras-chave: logoterapia; saúde mental; novas comunidades católicas; *Burnout*.

ABSTRACT

This thesis was based on Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis. It was based on three fundamental pillars: Logotherapy and Existential Analysis, Spirituality and New Catholic Communities. Which can be defined respectively as: third Viennese school of psychology, constitutive dimension of the human being and new forms of consecrated life. The thesis had the general objective: Verify how the search for ultimate meaning constitutes a protective factor for the mental health of members of a New Catholic Community. In this sense, the thesis presents the following specific objectives: 1. Propose an instrument to qualitatively assess religious Burnout, 2. Define and discuss the concept of ultimate meaning in Logotherapy, 3. Discuss the mental health of members of a new community Catholic. 45 subjects participated in the research. For data collection, I used the religious burnout questionnaire and the autobiography for spiritual life. And for data analysis, the Iramuteq software was used with the following types of analysis: word cloud; similarity analysis and descending hierarchical classification. The thesis study demonstrated that the search for ultimate meaning on the part of the members who participated in the research leads them to an experience and a specific religious form in this new community that makes them experience the spiritual/noetic contents with a specific worldview, which influences your health-disease process. It was concluded that the search for ultimate meaning influences the mental health of members of the new community, constituting a protective factor for it.

Keywords: ultimate meaning; mental health; new catholic communities; *Burnout.*

LISTA DAS SIGLAS

ACP	Abordagem centrada na pessoa
ALVEF	Associação de logoterapia Viktor Emil Frankl
ABLAE	Associação brasileira de logoterapia e análise existencial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
RCC	Renovação Carismática Católica
CFL	Christifideles laici
Iramuteq	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
UCE	Unidades de contexto elementares
MFE	Método fenomenológico empírico
US	Unidade de significado
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dimensões do existir humano 30
Figura 2 – Pilares da logoterapia 31
Figura 3 – Dimensões humanas 35
Figura 4 – Primeira lei da ontologia dimensional de Viktor Frankl..... 35
Figura 5 – Segunda lei da ontologia dimensional de Viktor Frankl..... 37
Figura 6 – As dimensões do ser humano 38
Figura 7 – Sentido da felicidade 45
Figura 8 – Objetivos da psicoterapia e da religião..... 54
Figura 9 – Plano horizontal e vertical da evolução..... 56
Figura 10 – Nuvem de palavras do corpus composto pela autobiografia espiritual..... 72
Figura 11 – Árvore de similitude do corpus analisado. 73
Figura 12 – Dendograma referente às classes temáticas da narrativa de autobiografia espiritual 74
Figura 13 – Nuvem de palavras do corpus composto pelo inventário de Burnout religioso 83
Figura 14 – Árvore de similaridade do corpus analisado 84
Figura 15 – Dendograma referente as classes temáticas da narrativa do inventário de Burnout religioso 84

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **12**
1 INTRODUÇÃO 15
1.1 Objetivos **18**
1.1.1 Objetivo geral 18
1.1.2 Objetivos específicos 18
2 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL **19**
2.1 Pilares da Logoterapia **19**
2.2 A Ontologia Dimensional **31**
2.3 O que é saúde para Frankl **38**
3 ESPIRITUALIDADE **47**
3.1 Espiritualidade: origem **47**
3.2 Espiritualidade e religiosidade em Frankl **51**
4 NOVAS COMUNIDADES CATÓLICAS **57**
4.1 Elas são eclesiais **60**
4.2 A presença predominante dos leigos **61**
4.3 Uma nova autoconsciência eclesial **62**
4.4 A referência à dimensão carismática da igreja **63**
4.5 Burnout religioso **64**
5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS **68**
5.1 Tipo de pesquisa **68**
5.2 Local da pesquisa **68**
5.3 Participantes do estudo **68**
5.4 Instrumentos para coleta de dados **68**
5.5 Procedimentos para coleta de dados **69**
5.6 Análise dos dados **69**
6 RESULTADOS **72**
6.1 Autobiografia espiritual **72**
7 DISCUSSÃO AUTOBIOGRAFIA ESPIRITUAL **79**
7.1 Análise do inventário de Burnout Religioso **82**
7.2 Discussão do inventário sobre *Burnout* Religioso **88**
8 CONCLUSÃO **93**
REFERÊNCIAS **95**

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....100
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....103
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE BURNOUT RELIGIOSO (QBR) 104
APÊNDICE D – AUTOBIOGRAFIA DIRIGIDA PARA A VIDA ESPIRITUAL.....105

APRESENTAÇÃO

A busca de sentido sempre foi um assunto pertinente na minha vida, perpassando minha história pessoal e minha prática enquanto psicóloga.

Perguntar pelo sentido da existência foi algo que permeou minha história desde a adolescência. Já nessa tenra idade, eu me perguntava sobre um sentido máximo da existência. Era como se ela necessitasse de algo maior para ter sentido, para fazer valer toda a labuta diária. Estudos, família, amigos, tudo isso eu tinha, mas me parecia insuficiente diante do questionamento filosófico por sentido. Eu gostava das realidades que me cercavam e conseguia dar conta delas, porém convivia com certa insatisfação.

Encontrei esse sentido maior na religião. Aos treze anos de idade, ingressei em um grupo de oração de jovens. Lá, pude experimentar uma sensação de plenitude e alegria que me completava e respondia ao questionamento pelo sentido maior que buscara. Foi na religião que encontrei o supersentido que preencheu de significado as minhas outras realidades. Assim como no teatro, o plano de fundo serve para dar formato a toda a trama que se desenvolve no palco, Deus tornou-se para mim esse plano de fundo que ressignifica minhas vivências pessoais e sociais. Ele é o sentido que dá sentido aos outros sentidos da minha vida.

Ainda durante minha juventude, coordenei grupos de oração de jovens, e através do acompanhamento da juventude e do trabalho pastoral com ela, fui me interessando pelo estudo da psicologia, pois chegavam a mim diversas demandas que exigiam um conhecimento de saúde mental. Foi dessa forma que me interessei pela psicologia, para compreender e ajudar melhor aqueles jovens que chegavam a mim com suas variadas demandas.

Durante minha formação de psicóloga, conheci a logoterapia de Viktor Frankl e me identifiquei bastante com os seus postulados. Durante o curso de psicologia, o estudante é incentivado a encontrar uma abordagem psicológica com a qual se identifique mais e, a partir disso, aprofundar-se em seus estudos nessa abordagem para que possa construir sua visão de homem. A partir dessa visão, ele desenvolverá seu trabalho nas mais diversas áreas nas quais decida atuar.

Na faculdade, identifiquei-me com as abordagens humanistas: Gestalterapia e Abordagem centrada na pessoa (ACP). Nelas, desenvolvi meus estudos mais aprofundados, fiz formação, participei de grupo de estudos, *workshops*, fiz meu estágio na clínica psicológica, dentre outras atividades. Essas abordagens entravam em sintonia com minha visão pessoal de homem, por isso mesmo as escolhi para formarem meu arcabouço teórico e prático de

psicóloga. Porém, ainda faltava algo que respondesse de forma mais coerente à pergunta: "Quem é o homem"? E que complementasse essa minha visão.

Conheci a Logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl ainda na faculdade, porém não através dela. Alguns amigos apresentaram-na para mim. Pude iniciar, assim, meu contato com a vida e obra de Frankl através da leitura de seus livros e do contato com colegas que também compartilhavam do mesmo interesse. Posso afirmar que essa abordagem veio complementar minha visão de homem, responder às minhas indagações a respeito do homem e me ajudar em minha prática enquanto psicóloga. Quanto mais eu tinha contato com os postulados de Frankl, mais minha identificação com a logoterapia tornava-se forte.

Fiz uma Especialização em Abordagem Sistêmica da Família (UNIFOR), onde pude aprofundar meus conhecimentos nessa temática. Nessa época, eu atendia na clínica psicológica e trabalhava em uma escola como psicóloga. Dessa forma, esse curso muito contribuiu para a minha prática, pois compreender melhor a dinâmica familiar do paciente ou do estudante é fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho com os mesmos.

Fiz um Mestrado em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Minha dissertação teve como tema: "Ter para ser: Uma Pesquisa Fenomenológica sobre os Ideais Femininos de Felicidade na Sociedade de Consumo". Nessa pesquisa, também fiz uso dos postulados da logoterapia, da fenomenologia de Merleau-Ponty e de outros autores tais como: Bauman e Giddens que investigam a sociedade contemporânea e suas implicações na vida dos indivíduos. Desenvolvi uma pesquisa qualitativa. Utilizei o método fenomenológico crítico ou mundano, desenvolvido por Moreira e Sloan (2002) tendo como base a fenomenologia de Merleau-Ponty que propõe uma lente crítica para a compreensão do mundo a partir da perspectiva de múltiplos contornos, de acordo com a qual a realidade percebida está sempre em movimento. Através da pergunta disparadora: O que você precisa ter para ser feliz? Pesquisei a experiência vivida por mulheres em relação à felicidade na sociedade de consumo contemporânea.

Fiz uma especialização em Logoterapia na Associação de Logoterapia Viktor Emil Frankl (Alvef) em Curitiba, onde pude aprofundar meus estudos na área e me especializar na logoterapia clínica. Sou membro associado da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE) desde sua fundação em 2010. Promovemos eventos, congressos, encontros etc. com o objetivo de fortalecer e expandir o pensamento de Frankl no Brasil e também fora dele.

Atualmente, trabalho em um hospital psiquiátrico, atendo em um consultório particular como psicóloga clínica e ministro aulas no curso de especialização em Logoterapia e Análise

existencial da Faculdade Católica de Fortaleza. Utilizo a logoterapia em minha prática como visão de homem e como técnica de psicoterapia.

Como psicóloga clínica, atendo adolescentes e adultos. Na minha prática, sempre me chamaram atenção os pacientes que vivenciam um processo de busca de Deus. Percebo que esse aspecto desencadeia algumas realidades em suas vidas. Noto que a saúde mental dessas pessoas sofre influências de sua busca pelo suprassentido. Diante do exposto, interessei-me pelo tema dessa tese de doutorado.

Acredito que a investigação desse tema muito poderá contribuir para uma compreensão maior e mais aprofundada sobre o fenômeno da busca de Deus e as repercussões que esse processo pode gerar na vida das pessoas. Tema esse de grande importância na minha profissão, pois recebo, com frequência, diversas pessoas que vivenciam essa realidade. Essa pesquisa também poderá ajudar outros profissionais a cuidarem e promoverem a saúde mental de pessoas que vivenciam experiências semelhantes.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a religião sempre foi algo inerente à população. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), mais de 90% da população brasileira declarou ter uma religião. Percebemos, através desse dado, a importância da dimensão religiosa para a vida dos brasileiros.

Durante algum tempo do século passado, os aspectos religiosos da vida humana foram negados. Um movimento que favoreceu de forma significativa para a construção dessa barreira em relação à espiritualidade/religiosidade, foi o Iluminismo, conhecido como "século das luzes". A razão se sobrepõe à fé. O Iluminismo surgiu no século XVIII, na Europa e, rapidamente se espalhou por todo o mundo ocidental. Prevalecendo uma visão patologizante e antiquada sobre eles. Havia até mesmo a crença de que, com o amadurecimento da humanidade, esses aspectos desapareceriam e seriam desnecessários. A grande parte dessas afirmações sobre a influência da religiosidade na saúde mental eram baseadas em opiniões e preconceitos pessoais sobre o tema. Somente nas últimas décadas, foram realizadas pesquisas científicas rigorosas e publicadas em revistas de referência que, de modo geral, mostram uma associação positiva entre envolvimento religioso e saúde mental (Moreira-Almeida; Lotufo Neto; Koenig, 2006).

As pessoas podem procurar dentro da religião auxílio para encontrar sentido para as suas vidas, podem recorrer a ela para o enfrentamento de situações estressantes etc. A religião tem a capacidade de servir a muitos propósitos, podendo oferecer uma fonte de significado diante da incerteza, da tragédia e da perda. Em situações estressantes, a religião pode proporcionar às pessoas um sentimento de pertencimento, conexão e identidade. E, por mais importante que seja sua função psicossocial, o propósito religioso mais central de todos é a função espiritual.

As pessoas procuram significado em muitos aspectos de suas vidas. Quase todas as instituições sociais, sistemas familiares e educacionais, instituições governamentais e médicas tentam ajudar as pessoas a alcançarem significado, mas o que diferencia a religião dessas outras instituições é que ela traz o sagrado para a busca. Assim, a religião é um fenômeno complexo e multifacetado que pode evoluir de maneiras muito diferentes ao longo da vida.

Além disso, a religião tanto pode ajudar a saúde das pessoas, integrando-as à sociedade ou motivando a procurar tratamento, como pode dificultar o tratamento, caso proíba ou questione a validade da psicoterapia ou do uso de medicação, por exemplo. Nesse último caso, no Brasil, onde a mudança religiosa ocorre rapidamente, a pobreza e a falta de educação podem

tornar as pessoas vulneráveis ao abuso espiritual. Segundo Pargament (2010), embora ainda existam estudos empíricos que confirmam o estereótipo de que a religião pode promover passividade e negação diante de doenças médicas, a maioria deles se concentra nos efeitos úteis do enfrentamento religioso para medidas de saúde psicológica e bem-estar. Em sua maioria, esses estudos associam o enfrentamento religioso a resultados positivos na saúde física, particularmente entre pessoas que enfrentam doenças graves. Se de um lado a religião pode ser útil para as pessoas encararem uma doença médica, por outro pode também contribuir para maior estresse e tensão. Dessa forma, a influência da religião na saúde física e mental das pessoas não deve ser subestimado.

Nos últimos anos, percebemos o aparecimento de diversas Novas Comunidades Católicas pelo Brasil e pelo mundo. Diversos tipos de pessoas têm-se engajado neste movimento. Elas são um fenômeno novo no universo católico e nasceram a partir do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC).

Atualmente, percebe-se uma mudança na forma de viver a religiosidade por parte dos fiéis católicos. Podemos citar o crescimento das Novas Comunidades Católicas como sinal dessa mudança, justificando a atenção científica sobre a influência dessa religiosidade na saúde mental daqueles que aderem a tais instituições.

A temática sobre religiosidade é uma questão pouco discutida entre profissionais da área da saúde mental; comumente esses estudos se restringem à teologia. Porém, Frankl (2019) afirma que é legítimo que a psicoterapia se ocupe com o fenômeno da fé quando a mesma entende essa crença como uma fé mais abrangente em um sentido. “A logoterapia pode ocupar-se legitimamente não só com a vontade de sentido, mas também com a vontade de um sentido último de um suprassentido” (Frankl, 2019, p. 62). Esse sentido último necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano; na logoterapia, falamos nesse contexto de um suprassentido ou sentido último.

Um maior cultivo religioso está associado a maiores níveis de bem-estar geral, menor prevalência de depressão e distúrbios mentais, menor abuso de álcool e drogas, menor incidência de suicídio, melhor qualidade de vida, maior sobrevida e menor tempo de internação. Comumente, os benefícios da prática religiosa estão associados a pessoas sob estresse ou em situações de fragilidade, como idosos, pessoas com deficiência e doenças clínicas. Porém, tem-se demonstrado o impacto também em adolescentes e adultos sem fragilidades comuns (Stroppa et al., 2008).

A tradição religiosa instituída cultiva a necessidade da relação pessoal com Deus, relação essa que pode impactar diversas áreas da vida humana. A religiosidade é associada a

maior aceitação e firmeza, gerando paz, autoconfiança e uma imagem positiva de si mesmo. Contribui ainda para o bem-estar social, sendo os mecanismos de destaque para esta realização a integração social, através da comunidade religiosa, e a regulação social, a partir das normas estabelecidas por estas comunidades religiosas e que são reforçadas no convívio (Stroppa, et al., 2008).

Associada a isto está a melhor qualidade de vida que pessoas religiosas possuem, onde um dos fatores que contribuem para tal é a não utilização de álcool e drogas, ou seu uso diminuído. Destaca-se o papel protetivo da religiosidade em públicos de baixa escolaridade, moradores de territórios vulneráveis e com elevada circulação de álcool e drogas. Junto a isto, a devoção é peça fundamental no tratamento holístico, preconizado por diversas teorias, na recuperação do vício e saúde de dependentes químicos (Oliveira *et al*., 2017).

Ainda no quesito qualidade de vida, a prática religiosa está associada à formação de comportamentos protetivos e que conduzem à saúde, como o cumprimento de ordens médicas e a realização de exercícios físicos, diminuindo a incidência do estresse e doenças agudas e crônicas (Stroppa et al., 2008).

Vale ressaltar ainda que, apesar de a maioria das evidências empíricas apontar para uma associação positiva entre saúde mental, religião e religiosidade, também há, embora em menor número, evidências empíricas de que, para alguns subgrupos, em determinadas situações e condições de vida, e em certos contextos, o maior envolvimento religioso pode, ao contrário, estar associado a aspectos negativos da saúde física e mental (Dalgalarrondo, 2008).

Para Frankl (2019), o sentido é o principal fator para uma humanidade saudável e possui um valor de sobrevivência para toda a espécie humana, não apenas para o indivíduo. Assim como Frankl constatou no campo de concentração, os prisioneiros que tinham mais chances de sobreviver, aqueles que adoeciam menos e aqueles que não desistiam da vida através do suicídio, eram justamente aqueles que tinham sentido de vida.

Além de considerações sobre a busca de sentido, a logoterapia de Viktor Frankl também postula a respeito desse movimento do ser humano. Ele argumenta que: “[...] a fé num sentido último é precedida pela crença em um Ser último: pela crença em Deus” (Frankl, 2011, p. 181).

A logoterapia postula uma relação positiva entre saúde mental e vivência religiosa e afirma ainda os efeitos terapêuticos da religiosidade. Dessa forma, Frankl concebe-a como uma expressão saudável do ser humano chegando a afirmar que: “sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente com Deus” (Frankl, 1992, p.48).

Percebemos por parte dos membros das novas comunidades católicas uma mudança em suas vidas influenciando suas atitudes e comportamentos. Dessa forma, vejo a importância da investigação e análise desse novo grupo social e sua relação com a saúde mental dos sujeitos ali presentes. Acreditando, assim, ser pertinente investigar esse fenômeno nessa tese de doutorado a partir da seguinte pergunta: De que forma a busca pelo sentido último influencia a saúde mental de membros de uma nova comunidade católica?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

- Discorrer acerca de como a busca de sentido último se constitui como fator protetivo para a saúde mental de membros de uma Nova Comunidade Católica.

1.1.2 Objetivos específicos

- Propor um instrumento para avaliar qualitativamente o Burnout religioso
- Definir e discutir sobre o conceito de sentido último na Logoterapia
- Discorrer sobre a saúde mental de membros de uma nova comunidade católica

2 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

2.1 Pilares da Logoterapia

A Logoterapia é chamada de terceira escola de psicoterapia de Viena, enquanto se considera a psicanálise de Freud a primeira escola de Viena e a psicologia individual de Adler, a segunda escola de Viena.

As teorias de Freud concentram-se na vida instintiva do ser humano, em cujo ponto central está o impulso sexual (tendência ao prazer) e cuja repressão passa a ser fonte de distúrbios psíquicos. Adler investigou, antes de tudo, a relação do ser humano com o ambiente social e deduziu o desejo de poder do sentimento de superioridade e de supercompensação. Frankl vê no homem um ser que quer moldar a sua vida significativamente, ou seja, segundo um sentido, e poderá adoecer física e psiquicamente se for frustrada essa vontade (Frankl, 2011).

A Logoterapia é uma teoria criada por Viktor Frankl, psiquiatra e neurologista vienense. Seu arcabouço teórico é constituído por três fundamentos chamados de tríade básica da logoterapia, quais sejam: uma visão antropológica, derivada da liberdade da vontade; uma ciência de cura, resultante da vontade de sentido; e uma compreensão filosófica, precedida do conceito de sentido da vida. Ela é uma tríade básica porque dá conta de aspectos essenciais para compreendermos a condição humana que a logoterapia irá postular. São conceitos fundamentais para serem compreendidos para entendermos a logoterapia: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida (Lukas, 1989).

A matriz conceitual da perspectiva frankliana está alicerçada nessa tríade. Nesta visão, o ser humano tem liberdade para agir independentemente da situação em que se encontra. Há uma dimensão nele que ninguém ou nada pode suplantar. É um nível superior de dimensão humana, que Frankl denomina de dimensão noética ou dimensão espiritual. E, nessa esfera, o ser humano é livre e responsável perante os acontecimentos de sua existência. Para Frankl, o que lhe motiva não é a busca de poder ou prazer como teorizaram seus precursores Freud e Adler. Conforme a abordagem da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, o homem tem um anseio por sentido em sua vida, isso é que o move em direção à realização de propósitos (Lukas, 1989).

Quanto ao sentido da vida, ele não é igual para todos, mas de caráter objetivo e particular a cada um. O que significa dizer que a vida não tem uma finalidade última, sequer única, porém modificável às circunstâncias que a existência oferece em dado momento. Conforme o teórico,

não é uma postura contemplativa aguardando o que a vida tem reservado, porém é uma resposta prática ao que a vida exige da pessoa num contexto próprio. Isso contraria a posição homeostática de regulação do organismo, como meio para a realização pessoal, pois, segundo Frankl, a constituição humana necessita de certa tensão, que é consequência da descoberta e confronto com o sentido (Frankl, 1988).

No que concerne à dimensão da liberdade da vontade humana, o autor em tela compreende que o ser humano não seria livre de condições externas e internas, mas livre para se posicionar perante o que o condiciona. Dessa forma, conclui que

> [...] a liberdade do homem não é, evidentemente, uma liberdade em relação a condições, quer elas sejam biológicas, psicológicas ou sociológicas; e, sobretudo, não é uma liberdade de algo, mas sim uma liberdade para algo, a saber: a liberdade para uma tomada de posição perante todas as condições (Frankl, 1992a, p. 4).

Embora o ser humano sofra a influência delas, é livre para tomar uma postura e decidir a forma de sua existência. Sua liberdade é limitada. Sem esses condicionamentos, a liberdade não faria sentido. O ser humano é livre para uma tomada de posição perante todas as condições. Quando se escolhe dar uma resposta à vida, torna-se responsável pelo que se vai ser no momento seguinte. Dessa forma, ele é considerado como um ser além de suas contingências, que é capaz de posicionar-se diante de qualquer condição que lhe sobrevenha, ou seja, um ser não determinado, mas que se autodetermina (Frankl, 2003).

A liberdade se constitui a partir da dimensão espiritual/noética do ser humano, nas palavras do autor, "a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido" (Frankl, 2010, p. 89). Ela é dada a cada homem pelo menos potencialmente. É claro que essa liberdade da vontade humana pode, em tempos, sofrer restrições por doenças, senilidade etc., porém nenhuma dessas circunstâncias, pelas quais o ser humano pode passar, altera a potencialidade fundamental de sua liberdade. Dessa forma, podemos afirmar que a liberdade é um campo de possibilidades. O logoterapeuta é aquele que auxilia o sujeito a reconhecer o campo de possibilidades que ele tem. Dessa forma, podemos perceber o caráter não determinista da logoterapia. Para Frankl,

> (...) a liberdade da vontade está em oposição a um princípio que caracteriza a maior parte das abordagens atuais ao homem, a saber, o determinismo. Na verdade, porém, está em oposição somente ao que costumo chamar pandeterminismo, porque falar em liberdade da vontade não implica, de qualquer maneira, um indeterminismo a priori. Afinal, liberdade da vontade significa liberdade da vontade humana, e a vontade humana é a vontade de um ser finito (Frankl, 2019, p. 57).

É importante ressaltar ainda, que Frankl não trabalha com a ideia de que a pessoa pode tudo porque existem os condicionantes de ordem biológica, social, genética etc. Eles irão tornar a liberdade humana limitada porque ela fica condicionada a esses variados fatores e nem sempre estamos livres de determinadas situações. Por conta disto, Frankl vai falar de uma liberdade para se posicionar diante de todas essas situações as quais o ser humano esteja vivenciando.

Podemos nos perguntar, diante da condição de liberdade do ser humano, se ele reage ou responde às contingências da vida. E uma observação mais cuidadosa de nossa parte, pode nos levar a concluir que existem situações nas quais o ser humano reage, quando deveria responder. O autor em tela observa que as teorias da motivação tratam o ser humano como um ser que reage a estímulos ou obedece às pulsões, e esquecem de considerá-lo como um ser que responde. Desta forma, a logoterapia concebe o ser humano enquanto ser consciente e responsável, formando, assim, uma unidade ontológica (Frankl, 1988).

É sobre essa situação de resposta humana que a logoterapia vai se debruçar, pois responder a algo tem relação com responsabilidade e tem relação com consciência, ou seja, a resposta tem um elemento consciente intencional. E é principalmente com aquilo que é consciente ao sujeito que a logoterapia vai trabalhar. Somos livres para decidir e essa liberdade nos localiza em uma responsabilidade. Nesse sentido, liberdade e responsabilidade, para o autor, andam juntas. Nós respondemos a uma situação e, por respondermos a ela, somos responsáveis por ela, pela maneira como nos posicionamos frente a tal situação (Aquino, 2011).

Para Frankl (1992), podemos ainda perceber essa unidade ontológica do ser humano também expressa por meio da palavra consciência, que, em diversas línguas, tem o significado também de responsabilidade. No alemão, existem duas palavras para designar consciência: *bewusstsein*, que significa consciência psicológica, e *gevissen*, que se refere àquela consciência que estabelece julgamento valorativo. A logoterapia irá abordar a consciência relacionada ao segundo significado (Frankl, 1992).

Frankl (1991) vai fazer uma observação com relação ao aspecto histórico da psicologia, enfatizando a psicanálise e a psicologia individual de Adler. Para o autor, o surgimento da neurose, como compreendia a primeira formulação da psicanálise, era a passagem de certos conteúdos da consciência para o inconsciente por meio do recalque. Dessa forma, o processo terapêutico consistiria em trazer para o consciente os conteúdos inconscientes. Por outro lado, para a Psicologia Individual de Adler, o sintoma neurótico era concebido como “uma tentativa do indivíduo para se desvencilhar da responsabilidade” (Frankl, 1991, p.17).

Porém, por se preocuparem apenas com uma das dimensões do ser, essas duas teorias, a psicanálise e a psicologia individual, apresentam uma visão parcial do indivíduo: uma,

enfatizando a consciência e, outra, a responsabilidade. Conceitos esses que, nessas duas teorias, aparentam estar dissociados entre si. Frankl, então formula a seguinte sentença sobre a imagem da pessoa não neurótica: “ser eu significa ser consciente e ser responsável” (Frankl, 1991, p. 17). A união destes dois conceitos, descobertos inicialmente pela psicanálise e pela psicologia individual, constitui a totalidade do ser humano no sentido ontológico, só dessa forma a pessoa estaria impelida a tomar posições e fazer escolhas em sua existência (Frankl, 1991).

O fato de concebermos o ser humano como consciente e responsável pela sua própria existência implica a resolução de duas questões: “(1) pelo que o ser humano se sente responsável e (2) perante quem ele se sente responsável” (Frankl, 1991, p. 23). É a própria pessoa que decide como interpretar sua vida “(...) como sendo responsável perante a sociedade ou perante a sua própria consciência. Há pessoas, no entanto, que não interpretam suas vidas como uma tarefa a elas designada, mas em função do contramestre que lhes atribui a tarefa” (Frankl, 1995, p. 99).

Dessa forma, segundo o fundador da logoterapia, o ser humano é concebido como um ser que decide, ou seja, não é impelido nem pelo id e nem pelo superego, pois “quem se decide eticamente não o faz para apaziguar seu superego que lhe aguilhoa a consciência” (Frankl, 1995, p. 113).

Ele se posiciona contra todo tipo de reducionismo biológico, sociológico ou psicológico que retira a responsabilidade e a liberdade humanas. Deixando claro que, se há possibilidade de escolha, há liberdade e, por conseguinte, responsabilidade pela escolha realizada. Nessa perspectiva, a responsabilidade do ser humano não pode ser desconfigurada pela coerção social, isto é, não se pode considerar o indivíduo como uma vítima da estrutura social, pois, ao fazê-lo, duvidamos de sua forma autônoma de agir (Aquino et al., 2009).

A análise existencial de Frankl afirma que o ambiente não irá determinar o comportamento da pessoa humana “de modo uniforme e inevitável” (Frankl, 1995, p. 144). Mas irá conceber a vida como uma tarefa ou um dever, no qual cada ser humano é confrontado e diante dessa tarefa, ele se torna único e insubstituível. É uma concepção de ser humano enquanto ser que responde e não uma visão que o concebe enquanto um autômato. O ser humano é um ser que responde às questões que a vida lhe coloca, e que, ao responder, torna-se responsável (Frankl, 1988).

Para reconhecermos a premissa básica da liberdade da vontade humana na teoria de Frankl, é preciso conceber o indivíduo como um ser consciente e responsável, o qual postula que sempre resta à pessoa humana algum resquício de liberdade para escolher e responder às questões de sua própria existência. A liberdade é o campo das possibilidades da condição

humana e é a antítese da área do destino que são aquelas condições que fogem à nossa intervenção.

Apesar dos condicionantes que determinam a condição humana quais sejam: os instintos, a hereditariedade e o meio ambiente, considera-se que "o ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, determina-se a si mesmo" (Frankl, 2020, p. 114). Vale ressaltar que esses condicionamentos da vida humana, constituem-se os meios pelo qual o indivíduo se afirma, mas ele não perderia sua liberdade de se posicionar, ou seja, de se submeter ou transcender às determinações (Frankl, 1991).

O indivíduo, a cada instante de sua vida, depara-se com as múltiplas possibilidades de escolha, dentre as quais apenas uma poderá ser realizada. Ele é livre para fazer suas escolhas. A liberdade, neste caso, seria compreendida como uma possibilidade de escolha na concretude das situações (Frankl, 2020).

Dessa forma, o ser humano irá construindo o seu eu de acordo com as decisões realizadas e configurando seu ser-no-mundo. Percebemos, assim, a importância de considerarmos os aspectos da consciência, da responsabilidade e da liberdade. Conforme o autor: "eu ajo não apenas em consonância com o que sou, como também me transformo em consonância com o que ajo" (Frankl, 2020, p. 99).

A liberdade da vontade faz emergir a preocupação humana em relação ao segundo constructo fundamental da logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl, qual seja: a vontade de sentido que está relacionada à maior aspiração humana, que é encontrar sentido em sua vida, em qualquer que seja a situação. O ser humano em suas vivências existenciais, na medida em que capta, na sua relação com o mundo, valores e sentidos, faz emergir o fenômeno da vontade de sentido, que está no centro do conceito logoterapêutico de motivação. É profundamente inerente a cada ser humano uma tendência para o sentido e a busca de sentido (Lukas, 1989).

Ela é um conceito fundamental na logoterapia: "por vontade de sentido não se entende senão um fato [...] de que o homem, no fundo, sempre aspira encontrar um sentido para a sua vida e a atingir plenamente esse sentido, realizando-o (Frankl, 2003, p.321). É o esforço do ser humano por buscar um pleno sentido de sua existência. Frankl introduz o termo vontade de sentido e afirma a sua universalidade (Aquino, 2011).

Ele constata a vontade de sentido a partir do fato de que não é possível comprovar a teoria de que satisfazer as necessidades de sobrevivência é condição suficiente e necessária para a pessoa encontrar a felicidade. Esta tese surge em decorrência da crise econômica, do

desemprego e de duas Guerras Mundiais ocorridas durante a primeira metade do século XX. Não obstante, o que se observa nas sociedades economicamente desenvolvidas é um novo questionamento, "sobreviver? Mas para quê?", ou seja, uma carência de um para quê viver (Lukas, 1989; Frankl, 1992; Aquino, 2011).

Vale ressaltar que, quando falamos de vontade de sentido, não estamos apelando para a vontade ou fazendo um aceno ao voluntarismo. Não se pode ordenar a ninguém que ame, que tenha fé ou que tenha esperança. E o próprio homem não pode querer amar, crer ou esperar e muito menos ele não pode querer. Mas quando a logoterapia apela para a vontade de sentido, ela está querendo que o sentido brilhe. Dessa forma, a vontade humana poderá realizá-lo ou não (Frankl, 2003).

Sobre a orientação do ser humano para o sentido, Lukas irá afirmar:

> Esta orientação ao sentido consiste numa parte "interior" (tendência para a realização de sentido) e numa parte "exterior" (caráter significativo ou de sentido da situação), ambas as quais se aproximam mutuamente. Se a orientação humana para o sentido for reduzida por senilidade, doença, imaturidade etc., o que pode acontecer, trata-se, geralmente, mais de uma perturbação de percepção da parte "exterior" e menos de uma diminuição da parte "interior" a qual como motivação primária do homem, sempre permanece, mesmo em caso de doença. (Lukas, 1989, p.24).

O fundador da Logoterapia cunhou o termo *vontade de sentido* para contrastar com aquilo que ele compreendeu ser o cerne teórico das duas primeiras escolas de psicoterapia de Viena, a saber, a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler. Para Frankl (2003), a psicanálise apoia-se no princípio do prazer, que o autor vienense chamará de vontade de prazer. Já a Psicologia Adleriana apoia-se na vontade de poder, que afirma ser a busca de superioridade, a motivação primária do homem.

Esse conceito, segundo a análise existencial de Frankl, é discutido fazendo-se uma distinção entre vontade de poder e vontade de prazer tal qual foram desenvolvidos por Adler e Freud respectivamente. A definição de vontade de sentido segundo Frankl (2011) é um esforço básico do homem em encontrar sentidos e propósitos em sua vida, sendo a vontade de poder e a vontade de prazer derivadas da vontade de sentido, ou seja, o prazer vem do esforço humano como um efeito da realização de sentido. O poder se mostra um meio para um fim, para viabilizar a vontade de sentido. Frankl (2011) afirma que apenas na frustração da vontade de sentido é que alguém pode se contentar com o poder por ele mesmo ou se fixar no prazer.

Se a vontade de sentido do homem for satisfeita, ele se tornará capaz de suportar o sofrimento e lidar com as frustrações e tensões perante a vida. Ela se mostra como a capacidade

especificamente humana para se descobrir a configuração de sentido, não apenas no real, mas também no possível (Frankl, 2019).

Em uma perspectiva do desenvolvimento humano, considera-se que, nos primeiros anos da infância, predomina a vontade de prazer, o que garante a sobrevivência do bebê. Na idade escolar, predominam as vontades de prazer e poder, fundamentais para o desenvolvimento biológico, psicológico e social. Já na adolescência, há uma predominância da vontade de poder. Com a busca da identidade e transformações psicossociais bem como a consciência histórica, capacidade de autorreflexão, gradativamente manifesta-se a dimensão especificamente humana, predominando, na vida adulta, a vontade de sentido (Aquino et al., 2009).

A teoria motivacional de Frankl apregoa a vontade de sentido como a motivação primária, ou seja, o ser humano possui uma vontade de encontrar sentido no mundo objetivo, interpretando a sua existência em um contexto de sentido. Sobre esse assunto, ele irá postular: "(...) o homem está estruturado de tal maneira que sua condição é tal que simplesmente não pode prescindir de ter um sentido em sua vida" (Frankl, 2000, p. 23). Também podemos observar seu pensamento sobre a vontade de sentido quando o afirma da seguinte maneira: "o ser humano está animado por uma vontade de sentido, por uma nostalgia ancestral, de compreender sua vida em um contexto de sentido" (Frankl, 2003; Lukas, 1996, p. 14). Desta forma, a teoria de Frankl coloca o ser humano como o único ente que busca significado. Diferente dos animais, o ser humano se preocupa com o sentido de sua vida, pois possui a consciência da finitude de sua existência.

O construto vontade de sentido é introduzido no âmbito da psicologia por Frankl e ele afirma a sua universalidade. Sua teoria da motivação humana concebe a vontade de sentido como o interesse primeiro e último do ser humano, ou seja, "apelar para a vontade de sentido significa melhor fazer com que resplandeça o sentido e deixe a vontade querê-lo ou não" (Frankl, 1992, p. 109).

Porém, a vontade de sentido também pode ser frustrada e gerar o vazio existencial. Frankl percebe, em pacientes jovens, uma patologia que ele chamará de "neurose de desemprego". Ela consistia em identificar a ociosidade com a inutilidade da vida e, por consequência, considerar a vida como não tendo sentido. Dessa forma, o autor concebe que tanto a abundância quanto a extrema necessidade fazem emergir a busca de um sentido, e quando estas estão associadas ao ócio, verifica-se uma frustração de tal busca (Frankl, 1992; Frankl, 1988).

A satisfação das necessidades básicas constitui-se como uma condição necessária para sobrevivência, mas não suficiente para proporcionar um sentido para a vida do ser humano.

Dessa forma, o autor propõe quatro afirmações sobre a pessoa humana: (1) Ela precisa de tensões, ou seja, precisa de certa dose saudável de tensão, a ausência e o excesso de tensão podem provocar mal estar subjetivo; (2) ela busca tensões, entretanto, não se trata de qualquer tensão, mas aquelas pelas quais configurem um sentido para a sua existência; (3) atualmente, ela encontra pouca tensão, ou seja, encontra pouco sentido na vida, gerando tédio e vazio existencial; (4) sendo assim, ela cria tensões (Frankl, 1988).

Frankl afirma que "(...) tudo que é humano se caracteriza por sua autotranscendência" (1991, p.15). Ele ainda critica as teorias da motivação que enfatizam as coisas e as pessoas como meios para a autorrealização.

Geralmente na puberdade iniciam-se as perguntas sobre o sentido da vida, a finitude etc., é nessa fase que a própria existência começa a ser problematizada. Essa é uma característica específica do ser humano. Frankl (1991) define operacionalmente o conceito de "vontade de sentido" como "(...) aquilo que é frustrado no homem, sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e vazio" (p. 25). Desta forma, a motivação para o sentido da vida pode ser empiricamente demonstrada.

Entretanto, Frankl observou que:

> A percepção do sentido difere do conceito clássico de percepção da Gestalt, na medida em que esta última implica a súbita consciência de uma "figura" num "fundo", enquanto a percepção do sentido, como eu a vejo, se reduz mais especificamente a tomar consciência de uma possibilidade contra o pano de fundo da realidade ou, para expressá-lo de modo mais simples, perceber o que pode ser feito em determinada situação (Frankl, 1991, p. 123).

O terceiro constructo que o autor em tela cita como pilar de sua teoria é o sentido da vida. Para Frankl, o sentido está latente em cada situação e se modifica de uma pessoa para outra (*ad personam*) e de uma situação para outra (*ad situationem*). Cada pessoa é única e irrepetível, assim como cada situação é particular. A vida tem um sentido incondicional e não o perde de maneira alguma.

> Não há situação na vida que realmente seja sem sentido. Atribui-se isto ao fato de que os aspectos aparentemente negativos da existência humana- em particular aquela tríade trágica que reúne sofrimento, culpa e morte – também podem ser transformados em algo positivo, numa realização, se se vier ao encontro deles com atitude e postura correta. (Frankl, 2019, p. 67).

Poderá acontecer ainda, de o ser humano enfrentar uma dificuldade interna e não conseguir perceber o sentido latente em cada situação. Sendo assim, ele poderá ter uma fé no sentido ou cair no vazio existencial. Ou seja, em todas as situações, mesmo não conhecendo o

sentido, a pessoa humana teria uma sensação de que há sentido incondicional na vida, até mesmo no sofrimento.

Significa dizer que a vida não tem uma finalidade última, sequer única, porém modificável às circunstâncias que a existência oferece em dado momento. Não é uma postura contemplativa aguardando o que a vida tem reservado, porém é uma resposta prática ao que a vida exige da pessoa num dado contexto (Frankl, 2019).

Descobre-se o sentido da vida através do caminho de valores, ou seja, da tríade valorativa. Aqueles valores que se cumprem através de um ato criador; aqueles que se realizam por meio do viver experiencial com o mundo e os valores atitudinais, que diante daquilo que o ser humano não pode mudar, ele pode resistir e aceitar resolutamente. Isto posto, o ser humano tem a capacidade de criar, vivenciar e atuar com sentido no seu cotidiano. Dessa forma, o sentido da vida é composto por essa tríade de valores (valores de criação, valores de atitude e valores de experiência), sendo os valores de atitude divididos em atitudes significativas diante da dor, da culpa e da morte (Frankl, 2011).

A logoterapia não irá se ocupar com um sentido universal para a vida, e sim com a unicidade do sentido, ou seja, sentidos únicos das situações individuais. Considera-se também a possibilidade de ocorrerem situações em que há algo comum, o que nos leva considerar e afirmar a existência de sentidos que podem ser partilhados entre seres humanos, que atravessa os seres em sociedade, ao longo da história. Sentidos esses que mais do que ao se relacionarem em questões única, referem-se a própria condição humana, o que chamamos de valores. Frankl (2016), define valores como aquelas possibilidades de sentido que possuem sentido universal e que se cristalizaram em situações típicas que a sociedade e a humanidade têm de enfrentar.

Frankl (2016) afirma que a presença de valores dá um alívio ao homem na busca por sentido, pois ao menos em situações típicas o mesmo é poupado de tomar decisões. Frankl cita Max Scheler, ao dizer que valorar significa preferir um valor a outro, ou seja, a experiência de um determinado valor, já implica o fato de ele se encontrar numa ordem relativa, acima de outros valores, logo não há de falar de valores conflitantes. Sentidos são descobertos, e não inventados, sendo assim, o ser humano é responsável por dar a resposta certa para as perguntas encontrando verdadeiro sentido em cada situação, e deve ser encontrado responsavelmente e também conscientemente, pois nessa busca o ser humano tem de ser orientado pela sua consciência, que é a capacidade intuitiva do homem para encontrar sentido em uma dada situação, a qual se submete a uma lei geral e é também criativa, podendo o indivíduo contrariar algo que é moral estabelecido pela sociedade (Frankl, 2011).

Frankl afirma que:

> o logoterapeuta não é um moralista e que seu trabalho se baseia em análises empíricas e fenomenológicas do homem simples, o que ele nos mostra que é possível encontrar um sentido na vida, seja na criação de uma ‘’obra’’, de uma boa ação, ou uma experiência de bondade, da verdade, da beleza, na natureza e na cultura e não menos importante podemos citar também, o encontro com outro ser humano, ou seja no amor a outro ser humano (2011, p. 90).

A primeira missão do homem, está em descobrir a própria missão e se propor a encontrar o sentido de sua vida no que tem de único e irrepetível, e no seu próprio ser está a direção do seu dever-ser. O hiato presente entre ser e dever-ser e entre ser e sentido é de suma importância na essência do homem e não se deve coincidir e concordar a existência com essência, pelo contrário o sentido deve vir sempre à frente do ser, ou seja, deve guiar o ser. “ Toda existência se afunda em si mesma se a si mesma não transcende, levantando-se acima de si, para alcançar algo que esteja mais além” (Frankl, 2011, p. 138).

Ou seja, porque o ser humano já por si mesmo é ordenado ao sentido, mesmo que ainda não o conheça ou mal o conheça, então há um pré-saber acerca do sentido. Para a logoterapia, a responsabilidade é considerada como a essência da própria existência humana. Assim, cada pessoa é chamada a responder à vida em sua própria vida, e essa resposta requer que a pessoa seja responsável.

O ser humano é um ser essencialmente histórico, vive de uma forma diferente dos animais e tem o sentido da vida como um problema especificamente humano, ou seja, que decorre exclusivamente do ser humano. Isto posto, o sentido da vida se constitui uma motivação *sui generis*, pois se trata de um fenômeno autenticamente humano, não podendo, assim, ser reduzido ou derivado de outras necessidades (Frankl, 2003; 1988).

Na teoria de Frankl, o sentido pode ser discutido sob três aspectos. O primeiro conceito que a Logoterapia compreende sobre o sentido é o sentido na vida ou o sentido do momento. Para o autor: “(...) a consumação da vida vem a ser como uma magnitude vetorial: tem direção ou sentido, se endereça à possibilidade de valor reservada a cada indivíduo humano e cuja realização se vive a vida” (Frankl, 1992, p. 29). O segundo sentido é o sentido da vida. Essa perspectiva estaria relacionada ao sentido da vida como um todo, o sentido da vida de um ser humano específico. A terceira perspectiva sobre o sentido é que ele pode ser concebido como o sentido do mundo ou do universo (Frankl; Lapide, 2005). Para essas duas últimas perspectivas, a análise existencial não obtém uma resposta, visto que são perguntas mais abrangentes.

O indivíduo comum, por meio de sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva, concebe três formas de encontrar um sentido na vida: por meio da capacidade de amar, trabalhar e suportar o sofrimento. Assim, esses valores existenciais constituem vias para o ser humano poder encontrar significados para vida (Frankl, 1992, 2003).

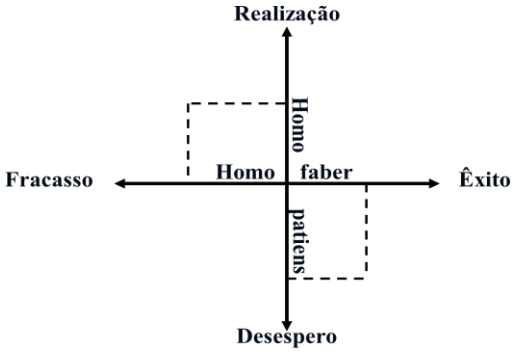
Para Frankl, o ser humano é atraído pelos valores. "O homem não é empurrado pelos instintos, mas sim que é arrastado pelo que tem valor" (1990, p. 112). Dessa forma, o autor relaciona valores e sentidos, visto que realizar sentido corresponde à realização de valores.

Quando a pessoa humana cria uma obra e a entrega ao mundo, ou seja, a dimensão do homo faber, encontram-se os valores criativos. Toda obra artística bem como toda obra científica expressam a capacidade especificamente humana de agir sobre o mundo e transformá-lo. Outra forma de encontrar sentido na vida é quando o ser humano vivencia algo ou alguém, ou seja, quando recebe algo do mundo ou no encontro de um tu, emerge a dimensão do homo amans, ou quando o ser humano contempla os valores estéticos, denomina-se de valores vivenciais. Nesta categoria valorativa, o ser humano está recebendo algo do mundo.

A terceira forma em que a vida pode configurar um sentido é quando se transforma um sofrimento em uma realização. É a condição do homo patiens que pode transformar um sofrimento em uma realização de valores. Segundo Frankl (1994), não há situação na vida que seja destituída de significado e sentido, logo, do sofrimento, pode ser extraído sentido por meio das posturas, no como suportar o sofrimento inevitável. Quando o ser humano não pode mudar uma situação, ele é desafiado a mudar a si mesmo (Frankl, 1990).

Vale ressaltar que ainda segundo Frankl (2003), o sentido do sofrimento seria superior, em comparação aos outros sentidos, o sentido do amor e o sentido do trabalho, considerando-o como o mais profundo dos sentidos. Assim, pensa este autor na existência de duas dimensões da existência humana: a dimensão do homo sapiens e a dimensão do homo patiens (Figura 1). O homo sapiens caminha numa ética do êxito que se constitui por meio de dois polos: o sucesso e o fracasso, pois deseja o sucesso como um fim e teme o fracasso; nesta dimensão horizontal, a pessoa pode se encontrar no sucesso, mas carecer de um sentido o que o tornaria mais propício entrar em desespero apesar do êxito. Já na dimensão vertical, o homo patiens pode realizar-se apesar do fracasso.

Figura 1 – Dimensões do existir humano



Fonte: Adaptado de Frankl (2003a, p. 36)

Frankl (1988) considera que o reducionismo é o niilismo dos tempos atuais. E ele se se expressa quase sempre por meio da sentença “nada mais que”). O fundador da logoterapia, certa vez, foi submetido a um ensinamento reducionista durante o seu ensino médio, onde um professor relatou que a vida humana “em última instância não era mais que uma combustão, um processo de oxidação” (Frankl, 1988, p. 18), destituindo, assim, a possibilidade de um sentido para a existência humana.

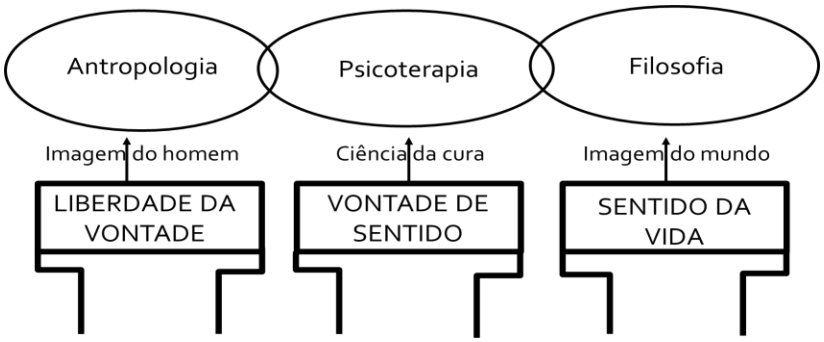
A logoterapia concebe que o significado está na relação sujeito-objeto pois ela aceita a postura intermediária entre o subjetivismo e o objetivismo. Não é o ser humano que dá sentido à vida, mas ele encontra o sentido que está contido em cada situação que a vida lhe apresenta (Figura 2).

Segundo Frankl, a apreensão dos valores é dada por via de uma relação entre sujeito (consciência) e objeto (valores), assim, apesar da ênfase dada à subjetividade, os valores pertencem àquela categoria de objetos ideais, pois se constituem de um ser que, em princípio, não possui existência, mas nem por isso perde a sua objetividade, pois se encontra no mundo. Um valor não tem ser, mas tem existência e quando ele é concretizado, penetra na esfera do real, assumindo existência. Nesta perspectiva, os valores se convertem do mundo das possibilidades para o mundo do real, tornando-se imutáveis e permanentes. Os valores não possuem um ser independente, mas são de certo modo trazidos, sustentados pelos objetos nos quais se realizam; esses objetos tornam-se seu suporte. Constata-se, portanto, que, para Frankl, os valores existenciais não são perecíveis, apesar da transitoriedade humana.

Em decorrência, Frankl (2000) chega a uma definição operacional de valores como “aqueles sentidos universais que se cristalizam em situações típicas que uma sociedade ou, ainda, a humanidade deve enfrentar” (p.59). Eles são sentidos universais que se relacionam com a condição humana como tal. Segundo Lukas (2005), os valores são mais amplos, abarcam

pessoas e coisas, cultura e natureza, arte e sociedade. Já o sentido é algo único e irrepetível, são valores específicos, latentes nas situações, para um ser humano específico e que se modificam de pessoa para pessoa e de momento para momento, ou seja, "ele é sentido *ad situationem* e não só *ad personam*" (Frankl, 1992, p. 68). O sentido do momento requer uma avaliação do que a vida está exigindo naquela situação específica, para aquele indivíduo específico.

Figura 2 – Pilares da Logoterapia



Fonte: Adaptado de Lukas (1989, p. 26).

A logoterapia é sustentada nessas três colunas, e apoia-se como ciência da cura em uma imagem completa de homem e em uma imagem completa de mundo. São elas a tríade básica, pois dão conta de aspectos essenciais para a compreensão da visão de homem da logoterapia.

> Duas dessas colunas são "axiomas", e, portanto, são pressupostos de todo o sistema do pensamento e não dependem de prova; a terceira coluna, porém, refere-se a um dado de fato totalmente verificável e repetidamente demonstrado em muitos estudos científicos. É aquela "vontade de sentido", tão originariamente própria do homem, que a logoterapia, descobriu por primeiro (Lukas, 1989, p. 23).

2.2 A Ontologia Dimensional

Para Frankl, o homem é pessoa espiritual. Ele é mais do que organismo psicofísico, ou seja, mais do que suas dimensões psíquica e somática. É necessário, contudo, esclarecermos o que significa espírito para a logoterapia, pois Frankl define a logoterapia como uma "psicoterapia em termos espirituais". A pessoa humana possui corpo e alma, mas ela é espírito. É essa dimensão espiritual/noética do ser humano que o torna verdadeiramente humano. Vale ressaltar que essa dimensão não se resume à vida religiosa-espiritual, mas a uma série de fenômenos que não se podem derivar do psicofísico do homem. Nela, estão presentes os

aspectos mais elevados do ser, tais como: consciência, liberdade, responsabilidade, compreensão dos valores, senso ético, religiosidade, senso estético, amor etc. (Frankl, 2019).

Na concepção da Logoterapia, o indivíduo possui um corpo (soma) e uma psiquê, entretanto a sua essência se encontra numa dimensão mais além: a dimensão noética/espiritual, esta última dimensão compreendida como uma dimensão antropológica. Dessa forma, Frankl constitui uma maneira de abordar o ser humano e compreendê-lo de uma forma integral.

Pintos (2007) afirma que Frankl decidiu denominar a dimensão espiritual de dimensão noética para evitar confusões com a espiritualidade religiosa. E deixou claro que o noético (espiritual) é a capacidade exclusiva do homem para captar valores e viver em consonância com eles. A distinção de quatro termos do alemão é apresentada por Frankl: *Geistlich*, sagrado; *Geist*, mente/espírito; *Seele*, alma e *Geisting*, espiritual. Dessa forma, ele deixa claro que sua teoria se refere às três últimas acepções que não têm conotação religiosa e que por esse motivo, preferia falar de *nous* para tornar universal essa distinção também em outros idiomas (Aquino, 2011).

Frankl (1990) considera que "(...) não só o psíquico, mas também o espiritual tem sua dinâmica; apesar disso, a dinâmica do espiritual não se fundamenta partindo do instintivo, mas partindo da aspiração aos valores" (p.113). Assim, para fugir do reducionismo, o autor vai recorrer ao conceito grego de nous, e integrar o ser humano numa unidade bio-psico-noética. O ser humano não poderia mais ser concebido apenas como um ser autômato, reduzido a processos psicológicos, sociológicos ou somáticos. Assim, conclui Frankl (1990) "o homo humanus está em sua pátria nesta tri-unidade, ali sua humanitas está em sua terra natal" (p.75).

Frankl atribui à dimensão noética a especificidade do ser humano, pois esta não é compartilhada com os outros entes, sendo considerada a dimensão dos fenômenos especificamente humanos (Frank; Lapide, 2005).

Lukas (1992) concebe que "o que é espiritual é pura 'dynamis', é movimento, embora não movimento no espaço e sim movimento no ser" (p. 273), assim como existência pressupõe movimento, pois se deriva da palavra ex-sistere, ou seja, emergir. Max Scheler (1928/2003), afirma que a palavra espírito está relacionada aos atos volitivos e emocionais, como por exemplo: "a bondade, o amor, o remorso, a veneração, a ferida espiritual, a bem-aventurança e o desespero, a decisão livre" (p. 35).

Lukas (1989), em relação à dimensão somática do ser humano, afirma ser toda união de processos corporais, entre eles processos celulares e químicos. A dimensão psíquica vai, desde os impulsos, sensações e desejos até os processos intelectuais e padrões comportamentais e sociais. Já a dimensão espiritual ou noética localiza as posturas do ser humano perante o seu

psicofísico, como por exemplo: “as decisões da vontade, intencionalidade, interesses práticos e artísticos, pensamento criativo, religiosidade, senso ético (consciência moral) e compreensão do valor” (Lukas, 1989, p. 28-29).

Dessa forma, a diferença entre os homens e os animais não seria apenas gradual, pois emoções como medo, raiva e prazer são compartilhadas entre ambos, como também alguns processos básicos, como percepções, recordações e aprendizagem. O que os diferencia seria uma dimensão qualitativamente nova, aquela pela qual a pessoa humana é capaz de valorar, posicionar-se e decidir (Lukas, 1992).

É justamente a dimensão espiritual/noética que irá diferenciar o ser humano dos outros seres vivos. O corpo ou dimensão somática é uma dimensão que ele terá em comum com os vegetais, ao passo que, o corpo e a psique são dimensões que ele irá ter em comum com os animais. Porém a dimensão espiritual/noética foi dada somente ao ser humano. Só ele é capaz de se perguntar sobre o sentido de sua vida, é capaz de amar, de abraçar uma missão etc. Ele é unidade e totalidade. Sobre esse assunto, Frankl (2019, p. 168) afirma que: “nunca é demais enfatizar essa unidade e totalidade, porque não afirmamos, de modo algum, que o homem seja ‘composto’ de corpo, alma e espírito, ele é tudo isto, pelo contrário, unitariamente, mas só o espiritual constitui e garante essa unidade”.

A logoterapia tem seu conceito de espírito derivado do pensamento filosófico, de forma especial da fenomenologia de Max Scheler. Este mesmo filósofo afirma que “o espírito é o único ser que é, por si mesmo, incapaz de ser objetivado, ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos” (Scheler, 2003, p. 45).

A dimensão espiritual é a verdadeira dimensão do existir humano, pois o homem como tal só se constitui a partir daqueles atos dos quais se eleva das dimensões somática e psíquica para a dimensão espiritual. Ela é aquilo que há de mais elevado no ser humano. Por isso, também podemos falar da logoterapia como uma psicologia das alturas, pois favorecerá pacientes que acessem essa dimensão especificamente humana e, a partir daí, encontrarem os recursos necessários para a saúde mental. A dimensão espiritual tem uma dinâmica própria que parte da aspiração aos valores. Nesta dimensão espiritual, as dimensões somática e psíquica serão introduzidas como uma energia alimentadora (Frankl, 2012, 2016).

Vale ressaltar ainda sobre a dimensão espiritual/noética do ser humano, que é por meio dela que ele tem a capacidade de confrontar-se com o somático e o psíquico que existem nele. Caso, o indivíduo assim decida, é facultado a ele esta possibilidade, pois a dimensão noética/espiritual refere-se à postura do ser humano perante o seu psicofísico. Ela é o que há de liberdade no ser humano. Somente aquele indivíduo que pode comportar-se livremente diante

de qualquer circunstância é que pode ser chamado pessoa, pois a pessoa espiritual é aquela dimensão do ser humano que pode confrontar-se sempre e a qualquer momento com as mais variadas situações (Frankl, 2012).

Podemos ainda nos perguntar acerca da origem do espírito humano, visto que é fácil percebermos a origem de seu psicofísico. Para Frankl (2019, p.172) "os pais, no momento da procriação dos filhos, fornecem-lhes os cromossomos; não lhes insuflam o espírito. Os cromossomos determinam unicamente o psicofísico. "Dessa forma, os cromossomos herdados dos pais, somente determinam o homem naquilo que ele "tem" e não no que ele "é".

Sobre a origem do espírito humano, Frankl (2019, p. 120) afirma que:

> Segundo Aristóteles o espírito [...] vem "pela porta adentro"; mas não sabemos de onde vem. [...] O espiritual deve, portanto, entrar primeiro, de algum modo, no corpo-alma, mas, tão logo isto acontece, ele é envolvido pelo silêncio, o espírito pessoal oculta-se no silêncio, e assim permanece à espera do momento em que possa manifestar-se, romper o "invólucro" do psicofísico, as camadas do psicofísico que o cobrem. Espera, ainda, até poder anunciar-se, até poder mostrar-se no organismo psicofísico como órgão de tal manifestação. Espera ainda [...] até o dia em que domina a tal ponto o organismo, que pode fazer dele o seu campo de expressão.

A dimensão noética seria o núcleo integrador do ser humano. Frankl inaugura duas leis que dizem respeito à ontologia dimensional. O autor em tela usa a expressão ontologia dimensional para lidar com a questão das dimensões do homem quais sejam: dimensão física, psíquica e noética. Para não prejudicar a unidade e a totalidade dessas dimensões humanas, ele define o homem como "unidade apesar da pluralidade: porque há uma unidade antropológica apesar das diferenças ontológicas, apesar das diferenças entre as espécies de ser diferençáveis". Frankl (2016, p. 65).

Apesar das suas diversas dimensões, a pessoa humana não pode ser fragmentada, o fundador da logoterapia compreende que: "a pessoa espiritual existencial do homem é um *individuum,* um *insummabile* e um *novum*" (Frankl, 2011, p. 129). Ela não pode ser dividida, pois é um *in-dividuum*, ou seja, ela é unidade na diversidade dimensional. É também *in-summabile* pois é uma totalidade, a ela nada pode ser somado, ou seja, ela não pode ser compreendida como um somatório de dimensões. Cada pessoa também é um *novum* absoluto, o que significa que a pessoa espiritual não pode ser transmitida pelos pais, aquilo que se transmite é apenas o organismo psicofísico; em outras palavras, herdam-se os tijolos, mas não o construtor. Assim, o ser humano é uma unidade na multiplicidade, unitas multiplex. Nessa perspectiva, o organismo teria um valor utilitário, seria um meio para um fim, pois possui uma função instrumental e de expressividade (Frankl 1988; Aquino 2011).

O autor afirma que a forma como Max Scheler (2003) organizou as dimensões humanas (Figura 3) sob forma de camadas e a forma como as mesmas foram organizadas enquanto estratos, segundo a concepção de Nicolai Hartmann (1969), apresentavam uma falha fundamental no tocante à afirmação da unidade humana, pois essa forma de conceber as três dimensões humanas transmite uma noção equivocada de que as mesmas são separadas.

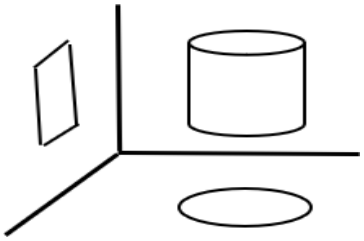
Figura 3 – Dimensões humanas



Fonte: Frankl, (1992, p. 40)

Frankl (2016) esboça uma *imago hominis*, uma imagem do homem que opera com analogias geométricas. É a ontologia dimensional composta por duas leis. A primeira lei é representada pela Figura 4.

Figura 4 – Primeira Lei da Ontologia Dimensional de Viktor Frankl



Fonte: Frankl, (2003, p. 43)

Se tomarmos um objeto em uma dada dimensão e o projetarmos em várias dimensões inferiores à sua, teremos figuras contraditórias e opostas umas às outras. Dessa forma, como observamos na figura 3, um cilindro em um espaço tridimensional, ao ser projetado nos planos longitudinal e horizontal, ou seja, em uma dimensão unidimensional, formará um retângulo e um círculo. Outra observação que podemos fazer desta figura, é que o cilindro é uma figura aberta, enquanto as figuras obtidas pela projeção do cilindro são figuras fechadas. Percebe-se, dessa forma, a crítica do fundador da logoterapia aos paradigmas que concebem o homem como um sistema fechado em seus reflexos fisiológicos ou em suas reações psicológicas. As figuras

obtidas só se opõem enquanto se tratam de um quadro fechado. Porém o homem é um ser aberto para o mundo (Frankl, 1988; Aquino, 2011)

Nesse sentido, deriva-se desta primeira lei que o ser humano é muito mais que um animal, posto que este não se eleva até a dimensão humana. O animal é agressivo, enquanto que a pessoa humana odeia ou ama, como animal o ser humano também possui uma energia sexual, mas também é capaz de uma entrega desinteressada (Frankl; Lapide, 2005).

Mediante a primeira lei, um conceito unificado do ser humano não pode ser obtido apenas nas dimensões psíquica e fisiológica como ele foi projetado, resultando no problema mente-corpo. Quando um fenômeno é interpretado em suas dimensões inferiores, aparentemente surgem inconsistências e contradições. Assim, a unidade do ser humano se manifesta na dimensão dos fenômenos especificamente humanos (Frankl, 1988), pois essa última dimensão, sendo superior, não no sentido hierárquico, abarcaria as dimensões inferiores (Frankl, 2000).

Assim também o homem, como na imagem geométrica, se tomado na dimensão noética, em sua dimensão especificamente humana e projetado nos planos biológico e psicológico, irá apresentar-se de forma tal que as figuras obtidas se opõem umas às outras. “À luz da ontologia dimensional, a contradição não diz respeito à unidade do homem. Tanto quanto a contradição entre o círculo e o retângulo abrange o fato de que se trata da projeção de um mesmo cilindro”. (Frankl, 2019, p. 188)

É na dimensão noética que pode ser encontrada a superação dos opostos, soma e psique. Dessa forma, por meio dessa primeira lei, podemos concluir que o ser humano é muito mais que um animal, pois este não se eleva até a dimensão especificamente humana. O animal é agressivo, possui uma energia sexual, por exemplo. O ser humano também possui essas características, porém também é capaz de amar e de se entregar a alguém desinteressadamente. Condição esta, própria da dimensão noética (Frankl; Lapide, 2005; Aquino, 2011).

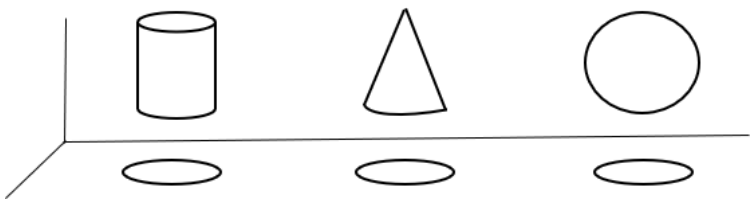
Frankl relata uma anedota em que um Rabino foi procurado por dois homens. Um dos homens afirmara que o gato do outro comera cinco libras de sua manteiga. Porém, o dono do gato negava, então, o Rabino resolve pesar o animal, a balança indica cinco libras, o que motiva o religioso a afirmar

> Certo, agora achei a manteiga. Mas onde estará o gato? Sobre isso nos diz em seguida Frankl: "Antes de responder à interrogação feita por Kant – e também a indagação feita pelo salmista- "o que é o homem?” devemos voltar à questão "onde está o homem?". Isto é: em que dimensão a humanidade de um ser humano pode ser encontrada? (Frankl, 2011, p.36).

A segunda lei da ontologia dimensional (Figura 5) afirma que quando vários objetos são projetados de um espaço tridimensional em um plano horizontal como, por exemplo, um cilindro, um cone e uma esfera, temos como resultado um círculo em qualquer uma das projeções dos três objetos. Dessa forma, percebemos que não podemos concluir a partir das sombras projetadas se o objeto é um cilindro, um cone ou uma esfera. Impossibilita a nossa percepção da realidade, pois o que temos mais uma vez é a projeção da realidade.

Assim, Frankl cita o exemplo de Dostoievsky, Bernadette de Soubirous e Joana d'Arc, que, se reduzidos a uma única dimensão, a saber a psíquica, seriam nada mais que um epilético, uma histérica e uma esquizofrênica, entretanto, estas personalidades históricas foram muito mais do que as suas patologias. O objetivo da obra de Frankl é superar o psicologismo, o que vem junto com o "patologismo", o que reduz a esfera do humano ao nível subumano, por meio da luta contra as tendências despersonalizantes e desumanizantes.

Figura 5 – Segunda Lei da Ontologia Dimensional de Viktor Frankl



Fonte: Frankl, (2003, p. 43)

Aplicando ao ser humano a segunda lei da ontologia dimensional, podemos postular que se projetamos figuras como Fiodor Dostoiweski, ou Bernadete Soubirous no plano psiquiátrico, eles serão tidos como "nada mais que" um epilético e "nada mais que" uma histérica, respectivamente. O que os mesmos são, para além disso, não se reflete no plano psiquiátrico. Na sua dimensão especificamente humana, eles são "mais que" a sua sintomatologia percebida no plano psiquiátrico, onde tudo permanece equívoco à semelhança do que aconteceu com a sombra que foi projetada. Não conseguimos distinguir o que está por trás ou acima do plano psiquiátrico da mesma forma como não podíamos nos assegurar se se tratava da esfera, do cilindro ou do cubo.

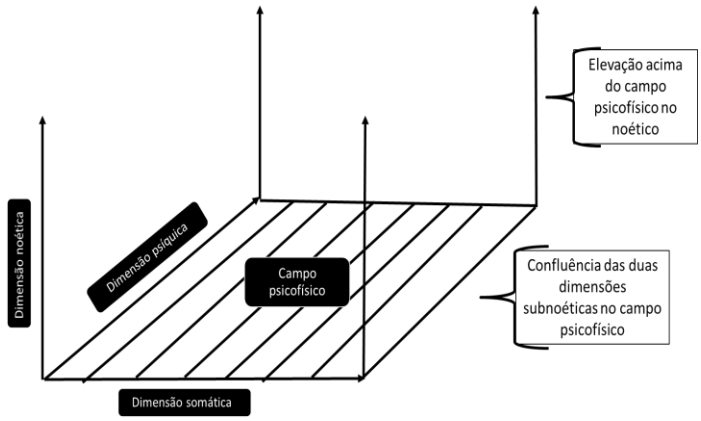
Nesta lei, podemos perceber o perigo do reducionismo. O cientista trabalha com as projeções e deve adotar a ficção de que lida com uma realidade unidimensional, mas deve ser consciente de suas limitações, pois a realidade não pode ser unidimensional e ele não pode

captá-la em sua multidimensionalidade posto que "ante as árvores dos resultados da investigação, o investigador perde de vista o bosque da verdade" (Frankl, 1988, p. 133).

O fundador da logoterapia busca superar o psicologismo que vem junto com o patologismo que reduz a esfera do humano ao nível subumano. Pois a dimensão especificamente humana só pode ser encontrada na dimensão noética (Xausa, 1986; Frankl, 2000; Aquino, 2001).

De acordo com a figura de Lukas (1989), a dimensão noética encontra-se em um nível, mais elevado do que as dimensões subnoéticas (dimensão somática e psíquica) (Figura 6). Estas possuem uma área de confluência que a autora citada chamou de campo psicofísico e localizam-se no plano mais baixo, numa região inferior.

Figura 6 – As dimensões do ser humano



Fonte: Lukas, (1989, p.29)

Frankl (2011), então, propunha uma psicologia que considerasse a totalidade do ser humano e não o reduzisse a uma única dimensão. Isso só seria possível, se essa psicologia levasse em conta a dimensão noética. Frankl (2003) vai usar o termo psicologia das alturas para se referir à logoterapia. "Já se consagrou a expressão Psicologia profunda; (...) Cumpre perguntar-mo-nos se não terá já soado a hora vermos, no âmbito da psicoterapia, a existência humana, não só na sua profundeza, mas também nas suas alturas" (Frankl, 2003, p. 20).

2.3 O que é saúde para Frankl

Para Frankl (2019), a tensão interior gerada pela busca de sentido é um pré-requisito fundamental para a saúde mental, pois nada contribui tanto para a saúde do indivíduo do que a consciência de que a vida tem sentido. O que o homem necessita não é um estado livre de tensões, ou seja, a "homeostase" tão defendida pela psicodinâmica. O que ele precisa é sentir o

chamado de um sentido potencial que está à espera de que ele o cumpra. Em suas palavras, "saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria ser" (Frankl, 2010, p. 129). O ser humano precisa de uma dose sadia de tensão que lhe provoca, no ser, as exigências e solicitações do sentido (Frankl, 2003).

Dessa forma, o bem-estar mental do indivíduo será atingido através da dinâmica existencial em um campo polarizado de tensão, chamado pelo autor vienense de "noodinâmica". Em um polo, temos o sentido a ser realizado e, em outro polo, a pessoa que deve realizá-lo (Frankl, 2019).

O autor vai distinguir a noodinâmica da psicodinâmica afirmando que a primeira se constitui uma situação de liberdade. Ela leva em consideração a capacidade do homem de realizar ou não o sentido da situação a cada momento. A psicodinâmica, porém, é necessariamente cega à liberdade humana, pois afirma que o ser humano é um sistema fechado de reações e ab-reações. Irá priorizar os instintos que impulsionam o ser humano, diferentemente da noodinâmica que levará em conta os valores que o atraem. Dessa forma, ele pode dizer sim ou não à exigência dos valores. Sendo o ser humano, sempre, um ser que decide.

Sobre esse assunto, Frankl escreve como testemunha:

> Quanto a mim, quando fui levado para o campo de concentração em Auschwitz, um manuscrito meu, pronto para a publicação, foi confiscado. Não há dúvida de que meu profundo desejo de reescrevê-lo me ajudou a sobreviver os rigores dos campos de concentração em que estive. [...] Tenho certeza de que essa reconstrução do meu manuscrito perdido, levada a cabo na penumbra dos barracões de um campo de concentração na Baviera, ajudou-me a superar o perigo de um colapso cardiovascular. (Frankl, 2019, p.129).

Por este relato, percebemos claramente que saúde, para a logoterapia, está baseada em certo grau de tensão. Aquela existente entre o que foi alcançado e o que ainda não foi alcançado ou entre o que se é e o que se deveria ser. É uma tensão inerente ao ser humano e, por isso, indispensável à saúde mental. Dessa forma, é necessário desafiar o ser humano a que cumpra o seu sentido potencial, somente assim, despertaremos do estado de latência a sua vontade de sentido e contribuiremos para a sua saúde mental.

Frankl (2019) afirma a necessidade do ser humano mover-se por meio de uma sadia tensão em direção à realização de sentido. Esse dinamismo é inerente à vida humana e salutar para a saúde mental.

> O homem jamais "é", "sempre chegará a ser". Nunca alguém poderá dizer de si mesmo "sou aquele que sou", apenas "sou aquele que chegarei a ser", ou "serei o que sou" – "serei *actu*, segundo a realidade, o que sou *potentia*, segundo a possibilidade. Somente Deus pode afirmar de si mesmo "sou o que sou". Pode fazê-lo porque é *actus purus*, potência atuada, possibilidade realizada. Deus é uma congruência de ser e ser-assim, de existência e *essentia.* No homem, porém, há sempre uma discrepância entre, de uma parte, o ser, e de outra o poder e o dever. Esta discrepância, esta distância entre existência e essência são inerentes à vida humana como tal (Frankl, 2019, p. 291-292).

O sentido da existência humana reside na diminuição dessa discrepância, ou seja, na aproximação de existência e essência. O sentido da vida é que o homem realize sua essência na existência, dessa forma, aquele há de ser sempre concreto e será respondido unicamente na ação. O sentido é pessoal e situacional. "A tensão entre ser e dever-ser faz parte, precisamente, do ser-homem, constituindo, por isso, condição inalienável da saúde mental" (Frankl, 2016, p. 103).

O sentido de vida deve ser descoberto no mundo e não dentro do ser humano e tem um caráter objetivo de exigência. Esta realização de sentido não tem relação com uma atitude autocentrada de diminuição de tensão ou de autogratificação. Esta exigência de realização de sentido é dada ao homem sempre de forma concreta. Na concretização do aqui e agora daquilo que o homem deve fazer. Os valores absolutos convertem-se em deveres concretos que são traduzidos nos deveres pessoais e nas exigências do dia (Frankl, 2019).

O autor afirma sobre esse fato

> Toda pessoa representa algo único, cada uma de suas situações de vida algo singular, que se produz uma só vez. O dever concreto do homem em cada caso, é informado por esses caracteres de algo único e de que se produz uma só vez. Isso faz com que cada homem só possa ter um dever único em cada momento e essa unicidade é justamente o que confere a esse dever ser seu caráter absoluto. O mundo dos valores se contempla em perspectiva, o que ocorre é que cada ponto de vista corresponde a uma só perspectiva, que é precisamente a certeira. Existe, portanto, uma justiça absoluta por causa da relatividade da perspectiva (Frankl, 2016, p. 62).

Dessa forma, podemos falar do sentido do momento, aquele dever-ser para o qual o homem se direciona no aqui e agora, que é único e irrepetível. Com esse dinamismo, ele protegerá sua vontade de sentido da frustração existencial.

A vontade de sentido é um conceito fundamental quando falamos de saúde para a logoterapia de Viktor Frankl, pois ela é um valor de sobrevivência e promove resiliência. Frankl (2010) confirma essa característica ao afirmar que o sentido da vida foi uma condição necessária para a sobrevivência dos prisioneiros no contexto dos campos de concentração nazista.

Dessa forma, Frankl (1989) define saúde como autotranscedência da existência humana que “assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém” (Frankl, 1991, p.18). O ser humano só será de fato ele mesmo, só será humano no pleno sentido da palavra, quando se dedica a uma tarefa na vida, a uma missão, a uma pessoa que ame, ou ao seu Deus a quem sirva. Dessa forma, ele vivencia um positivo esquecimento de si mesmo, e encontra a sua autorrealização como consequência da realização de sentido de vida.

Assim, o ser humano saudável seria aquele ente que se esquece de si (autotranscendência) na medida em que é absorvido por valores criativos e vivenciais, enquanto que o homem doente psiquicamente é aquele que sempre rumina em torno do seu próprio eu (Frankl, 2011).

Por estar voltado para além de si mesmo, o ser humano encontra sentido na vida de três formas, quais sejam: criando algo para o mundo (*homo faber*), vivenciando algo ou alguém (*homo amans*) e diante de seu posicionamento frente ao sofrimento inevitável (*homo patiens*). Desse modo, pode-se chegar à conclusão de que o sentido é incondicional, visto que o ser humano é capaz de encontrar uma possibilidade que configure um significado para o seu existir no mundo em qualquer situação que esteja vivenciando (Frankl, 2011).

Para ilustrar essa característica da existência humana, Frankl (1991) vai utilizar a imagem do olho. Quando este consegue enxergar a si mesmo ou enxerga algo em si, está adoecido. Porém, quando o olho está saudável, cumpre sua função de ver o mundo. Da mesma forma o ser humano, quando toma a si mesmo como foco de sua atenção poderá adoecer. Somente na medida em que o homem autotranscende a si mesmo é que ele se tornará humano e inteiramente ele mesmo. Para Frankl (2019, p.35): “Somente a existência que transcende a si mesma, somente a vida humana que ultrapassa seus limites na direção do mundo é capaz de se realizar. Do contrário, ao visar diretamente à autorrealização [sic], fracassa”.

A logoterapia adentra na dimensão espiritual do ser humano, aquela dimensão saudável e que nunca adoece. É nessa dimensão que ocorrem os fenômenos da existência humana e, dessa forma, ela possui um potencial terapêutico para contribuir com a saúde humana. O encontro e a realização de sentido e valores possuem efeitos terapêuticos, tornando, dessa forma, o ser humano mais resiliente para confrontar momentos de doença pelos quais ele possa vir a vivenciar, pois contribui para a sua vitalidade psicofísica.

Sendo assim, retornamos para a importância do conceito supracitado sobre a ontologia dimensional, o ser humano enquanto unitas multiplex, unidade na diversidade, em suas dimensões biológica, psicológica e noética. Abordando a integralidade da ontologia

dimensional podemos considerar que as dimensões biológica e psíquica são passíveis de adoecer, o que não acontece com a dimesão noética. Conforme explica, “a pessoa espiritual situa-se, essencialmente, além de toda morbidez e mortalidade psicofísicas” (Frankl, 2011 p. 172). Dessa forma, deve-se pôr em movimento a dimensão noética para que os processos curativos de promoção à saúde possam ser estimulados no ser humano.

Para a logoterapia, saúde não é apenas ausência de doença, mas podemos defini-la como a capacidade humana de transcender para alguém ou algo e realizar sentidos de vida. Somente o ser humano é capaz disso. E esta busca pelo sentido implica em um mundo repleto de outros seres humanos a encontrar e repleto de sentidos a preencher. Existe uma necessidade de o ser humano sair de si mesmo e ir em direção ao mundo. Quando a autotranscendência é negada, a existência humana é materializada e o ser fica reduzido à coisa, o ser humano é despersonalizado, e o sujeito é transformado em objeto. Por isso, ela é um fato antropológico fundamental. O ser humano está sempre endereçado a alguma coisa que não seja ele mesmo. Somente na medida em que ele vive isso, é que ele pode ser realmente humano. Dessa forma, ele encontra a autorrealização. Pois é ao transcender a si mesmo que ele vai trilhar o caminho do sentido e porque não dizer também, o caminho da saúde (Lukas, 2002).

Podemos citar alguns exemplos que Frankl se utiliza para ilustrar essa capacidade humana. Exemplo do bumerangue que um caçador joga e quando ele volta para a pessoa é porque não alcançou o seu objetivo que é acertar a presa. Assim também é o ser humano quando se volta para si mesmo está falhando em seu objetivo, por isso não irá encontrar a realização completa.

A autotranscendência constitui a essência da existência. Ela é o caminho propriamente humano, o caminho que nos humaniza. O ensimesmamento adoece a pessoa (Frankl, 1991). Outro exemplo citado pelo autor vienense é do avião que pode taxiar em solo como um carro, porém ele só se revela verdadeiramente como uma aeronave, quando entra na tridimensionalidade, ou seja, quando voa. Assim também, a pessoa humana só se revela na medida em que ela se eleva, sobe, sai da realidade bidimensional e entra na tridimensionalidade, quando está mais preocupada como o outro, com o mundo do que consigo mesma (Frankl, 1991).

A essência do ser humano não está em si mesmo, na centralização ou nos condicionamentos biopsicossociais, pelo contrário, o ser humano transcende, ele se abre para o mundo. Quanto mais a pessoa se esquece, mais humana ela se torna e também mais saudável.

Frankl (2011) cita duas manifestações da capacidade humana de autotranscendência, quais sejam: o amor e a consciência. Pois, para o autor em tela, o ser humano transcende a si

mesmo quando sai de si em direção a outro ser humano (amor) e quando sai de si em busca de um sentido (consciência). Sobre essas manifestações, o autor irá afirmar:

> O amor, eu diria, constitui a capacidade de apreender outro ser humano em sua genuína singularidade. Já a consciência encerra a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade – numa análise final, o sentido é sempre algo único, assim também como o é cada pessoa (Frankl, 2011, p. 29).

Dessa forma, o amor, foi originalmente intuído por Frankl como um dos principais elementos da eficácia psicoterapêutica. Outro conceito importante para a saúde na logoterapia é o autodistanciamento que é uma característica especificamente humana. Diz respeito à "capacidade do homem de distanciar-se de si próprio" (Frankl, 1989, p.43). É possível ao ser humano distanciar-se de si, por exemplo, por meio do humor - a capacidade de rir ou sorrir apesar da tragédia. Quando o sujeito ri de seus problemas, provoca uma distância entre o núcleo do seu "eu" e a situação problemática. O humor possibilita ao homem tornar-se "senhor de si" (Frankl, 2011, p.98). O homem coloca-se "acima de uma situação" para dominá-la (p.87). O autodistanciamento ocorre também pela autocompreensão. À medida que a pessoa se compreende, torna-se capaz de distanciar-se de si mesma. Por exemplo, diante de impulsos agressivos, a pessoa pode se posicionar e escolher o que fazer, para depois agir (Frankl, 1989).

Saúde para a logoterapia não pode ser definida como ausência de sofrimento, pois o mesmo faz parte da vida humana e, por conseguinte, tem sentido, pois se a vida tem sentido e o sofrimento é inerente à vida humana, logo o sofrimento também tem sentido. E se ele é algo que tem sentido, podemos deduzir que ele pode contribuir para que o ser humano fortaleça a sua saúde. O sofrimento inevitável permanece um mistério para o ser humano, porém, diante de uma situação de dor, ele sempre é desafiado a encontrar um sentido. Quando ele se posiciona interiormente diante de um destino sofrido. A pergunta pelo sentido da vida parece ser legítima também no contexto da saúde e da doença, sobretudo na condição do *homo patiens*, tendo em conta que o sofrimento e a enfermidade são disparadores de inquietações existenciais e podem promover uma ascese (Lukas, 1993).

Dessa forma, podemos afirmar que, quando falamos de saúde, estamos falando sobre a dimensão espiritual, pois é nela que residem todos os fenômenos especificamente humanos. De forma geral, ampliar essa dimensão e pôr em movimento a busca por um sentido na vida, no sofrimento e na morte seria imprescindível para promoção da saúde.

Frankl abraça um novo enfoque no relacionamento entre saúde e doença. O seu questionamento fundamental tem sido não a forma que torna a pessoa doente, mas aquilo que

mantém a pessoa saudável. Ele descobriu que a pessoa se torna doente não apenas em decorrência de fatores de risco da sua vida, mas, além dos fatores de risco, existem também os fatores de proteção, que evitam que a pessoa fique doente. A doença ocorre quando há predominância dos fatores de risco sobre os fatores de proteção. E, por outro lado, trata-se, portanto, da relação entre esses dois fatores, tendo importância nesse caso, qual dos dois é mais forte. E muitas pesquisas dentro da logoterapia estão direcionadas para a descoberta desses fatores protetores. E quando examinamos casos tratados logoterapeuticamente, nós verificamos que o enfoque principal está direcionado para aqueles fatores protetores e que permitem a pessoa manter a sua saúde. Há uma causa para a doença, mas existe um motivo para a pessoa se manter saudável. E, a partir deste ponto, Frankl chegou à conclusão que o principal fator de proteção seria aquilo que ele chamou de fator interno de realização interior de sentido (Lukas, 1992).

Essa realização interna de sentido é um fator imunológico de ordem psíquica. Podemos perceber esse fato na própria história de vida do autor, onde verificamos a existência dessa imunidade psíquica. Frankl é sobrevivente de quatro campos de concentração. E este fato acabou fazendo com que ele não perdesse seu sentido de vida. Podemos imaginar quando alguém perde na vida tudo o que ele é caro, ou seja, todas as suas pessoas amadas, quando a pessoa é humilhada em todos os sentidos, quando todo o sofrimento causado numa pessoa é injusto e quando alguém vive sob ameaça permanente de morte e não sabe se vai morrer no dia seguinte ou não. Então, realmente é surpreendente verificar que alguém tenha sobrevivido a tudo isso conservando o sentido de vida? Ou seja, sobreviver sem cair no desespero, ou sem ficar no seu coração com um profundo ódio, rancor e sem perder a fé na vida, no futuro, nas pessoas. Este realmente é um fato muito importante. Podemos afirmar que Frankl tinha um fator de proteção extremamente forte (Lukas, 1992).

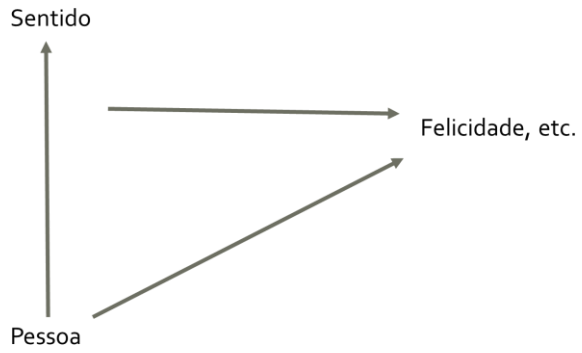
Uma pessoa que busca um sentido torna-se ao mesmo tempo feliz e, por outro lado, capaz de suportar sofrimento. Esta pessoa caminha e à sua frente paira alguma coisa, ou seja, existe algo que está sempre à frente dessa pessoa. De acordo com Frankl, o essencial é que se trata sempre de um sentido transubjetivo, ou seja, que não pode ser estabelecido voluntariamente por uma pessoa. Mas é sempre possível de ser encontrado, pois ele já está pré-existente no mundo. Ninguém pode inventar o sentido, nós apenas podemos sair em busca para encontrá-lo, pois ele já existe. É algo que nos atrai constantemente (Lukas, 1993).

No caminho para a realização de sentido, temos a felicidade e a capacidade de suportar o sofrimento, e estes são exatamente os dois elementos que compõem a imunidade psíquica. Assim, temos a alegria de viver (satisfação e realização pessoal), que nos dá as condições de

dizer sim à vida. Se observarmos uma pessoa psiquicamente doente, nós verificamos que esses dois elementos faltam na sua vida. Portanto, ele não é feliz. E tem pouca força, pouca tolerância à frustração, quase não suporta nada e não tem persistência. Por outro lado, leva uma vida sem alegria, sua identidade e autoestima são fracas. Sua vida se caracteriza por experiências de fracasso, medos e depressões.

Para Lukas (1993), esses fatores se reduzem quando desaparece o sentido, pois é ele que faz brotar neste caminho a força e a felicidade como efeito colateral. Ambos estão como que amarrados na existência do sentido. Quando o sentido desaparece, então o ser humano se movimenta na linha inclinada. Dessa forma, o ser humano irá buscar diretamente a felicidade e procurará evitar o sofrimento, pois não tem força para suportá-lo. Buscará o sucesso por que internamente se sente muito inferior. Essa pessoa não está mais a caminho do sentido, mas na linha inclinada em direção à busca da felicidade. Porém, quanto mais ela busca a felicidade, mais a felicidade foge dela, pois esta não pode ocorrer porque está ligada ao sentido que ele não busca (Figura 7).

Figura 7 – Sentido da felicidade



Fonte: Lukas (1993)

A felicidade é um efeito colateral da realização de sentido, que é o fim em si, independentemente dos efeitos que acarreta. Isto é, o homem é um ser orientado para a realização de sentido, a qual acaba por prover uma razão para se ser feliz. Com uma razão para se ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral. Tal busca "direta" de uma felicidade incondicional também deve ser entendida segundo aquilo que Frankl (1988) denominou "princípio autoanulativo" (p. 45), segundo o qual, quanto mais o sujeito se propõe a perseguir uma ideia acabada e autossuficiente de felicidade, de prazer ou de sucesso, em detrimento da realização de sentido, mais esse sujeito se desviará desse intento. Assim, tal busca da felicidade, acabaria por constituir uma motivação potencialmente patológica. Na medida em que houver uma razão para a felicidade, ela decorrerá espontânea e automaticamente. Na

medida em que se faz da felicidade um objeto motivacional, ela passa a se constituir em objeto de atenção, perdendo-se de vista a razão para ser feliz, o que, consequentemente, afastaria o sujeito da felicidade.

No entanto, a felicidade apenas pode dar sentido à vida, se a vida por si mesma já a tiver. "Aliás, o sentido mais rigoroso da felicidade, não é nela que reside. Bem vistas às coisas, reside sempre fora dela, porque, em cada caso, intende para um objeto" (Frankl, 2000, p. 72). Dessa forma, a felicidade é um sentimento intencional. Assim, compreende-se por que motivo a felicidade não pode ser nunca um fim em si, não se pode intencionar para a felicidade como tal, ou seja, tê-la como um fim em si mesmo.

É contra essa psicologia homeostática que Frankl (2000) se insurge, afirmando que, primariamente, o homem busca o sentido, e que este não tem qualquer relação de necessidade *a priori* com uma preocupação solipsista de redução de tensão ou de autogratificação. Quem busca a "felicidade" em si, parece desejá-la de modo absoluto, incondicional e individual, sem que nela esteja implicada uma ideia de "razão" para ser feliz.

Essa "razão", no entanto, está implicada como efeito da realização de um sentido, não como algo alcançável por si mesmo. Isto é, a vontade de sentido orienta para uma realização de sentido, a qual acaba por prover uma razão para se ser feliz. Por conseguinte, Frankl (1988), nega-se a aceitar as noções de "autorrealização", de "felicidade", de "prazer" ou de "poder" como objetos da busca última do ser humano. O entendimento das vontades de "prazer" e de "poder" como motivações primárias resulta de um terreno de observação das motivações autocêntricas tipicamente neuróticas. "Não se deve buscar a felicidade e nem se pode perseguir a felicidade" (p. 36). Frankl (1989) entende, portanto, uma excessiva preocupação com a autorrealização como um possível sinal de uma frustração da vontade de sentido, fazendo uso da metáfora do bumerangue, que só volta ao caçador que o atirou se seu alvo não tiver sido atingido. Da mesma forma, o homem só se volta para si como centro maior de suas preocupações se tiver falhado na busca de sentido.

3 ESPIRITUALIDADE

3.1 Espiritualidade: origem

A palavra *espiritualidade* origina-se do Latim *spiritus*, que significa sopro, respiração ou vida, ou do Latim *spiritulis* designando uma pessoa do espírito. Pode ser definida como a essência da pessoa (Hufford, 2005), ou como uma busca pessoal pela compreensão das questões últimas acerca da vida, do seu significado e da relação com o sagrado e o transcendente, produzindo autêntica experiência interior, liberdade de expressão individual ou mesmo experimentação religiosa individual, mas não está necessariamente relacionada a rituais religiosos ou formação de comunidades (Pargament, 1999; Koenig, 2001).

A espiritualidade toca em profundidade a vida e experiência do ser humano, ela não é algo que ocorre para além de sua existência. Podemos falar da experiência espiritual enquanto movimento e busca do sentido radical que habita a realidade, pois ela traduz a força de uma presença que escapa à percepção do humano e também provoca no ser humano o exercício de captar esse sentido onipresente. Essa experiência se manifesta na relação de um sujeito que se volta para a presença de um objeto e que busca penetrar na presença dele. A espiritualidade é algo tão básico e elementar como a necessidade de desenvolver a autoconsciência ou estabelecer relações saudáveis com os demais seres humanos. É uma busca pessoal e se orienta para o sentido último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a ela nos impõe. Ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles.

Dessa forma, ela pode fazer referência a um plano de realidade superior ao ser humano ou também pode fazer referência a um plano interior a ele mesmo. Nesses casos, o ser humano se situará em uma atitude de busca e, às vezes, de acolhida em uma atitude de reverência diante desses planos.

Nessa mesma direção, Solomon (2003) deixa explícito que não há obrigatoriamente uma associação da espiritualidade com a existência ou crença em Deus, imortalidade pessoal, religiões institucionalizadas, sensações em outra vida, pelo contrário, insiste em uma definição de espiritualidade que inclui amor à vida, caminho em direção à autonomia, abertura e experiência do novo, respeito à singularidade dos demais indivíduos. Tudo isso faz da espiritualidade um bem desejável e que contribui para o crescimento humano.

A relevância da espiritualidade, atualmente, tem sido percebida em função dos diversos estudos realizados para além das fronteiras da teologia. É preciso lembrar também que esse tema faz parte da vida de todo ser humano independente se ele o reconhece ou não. É nela onde

estão os questionamentos mais profundos sobre a existência humana. Ela resulta de um aprendizado que a vida nos ensina sobre nossa humanidade (Cruz; Aquino, 2020).

No entanto, não significa que a espiritualidade nessa perspectiva não esteja vinculada a transcendência, ou seja, para além de si mesmo. O que se pretende evidenciar é que esse "para além de si" não necessariamente tenha que ser algo divino ou uma divindade. Nessa perspectiva, Cruz e Aquino (2020) afirmam que a espiritualidade é uma transformação da pessoa que exige um trabalho sobre o próprio eu. Ela mostra o dom gratuito que nos é oferecido em momentos privilegiados de nossa vida, que podemos ou não descobrir, aceitar e cultivar. Provavelmente, essa questão seja uma das razões pelas quais o estudo da mesma extrapolou os limites da teologia e/ou filosofia. Atualmente, o tema da espiritualidade tem sido objeto de diversos estudos, tendo em vista sua abrangência.

Se olharmos para a história e cultura da humanidade ao longo dos milênios, perceberemos que a espiritualidade foi expressa quase que exclusivamente em linguagens e em vivências de cunho religioso. No entanto, ao longo do tempo, percebeu-se que essa não é a única maneira de ela se expressar. Existem experiências e modalidades de profundo sentido espiritual que não se identificam com o religioso. Todas as vivências humanas são realmente criativas e profundas e podem chegar a favorecer o ser humano na experimentação de sua espiritualidade. Nesse sentido, a espiritualidade é inerente ao homem, enquanto tal, é algo encarnado no contexto real da vida de cada pessoa e de cada época (Amatuzi 2008).

O conhecimento e a aceitação dos próprios limites e possibilidades são características de uma pessoa que tenha uma espiritualidade madura. Uma atitude humilde e corajosa de alguém que sabe que sua vida é um projeto aberto, uma experiência de despojamento. Alguém que reconhece o malefício que a autossuficiência e o egocentrismo podem fazer em sua existência. Dessa forma, podemos falar que ninguém é psicologicamente adulto, sem que seja "espiritual".

Para Amatuzi (2008), porém, é necessário considerar também que nem toda a espiritualidade é saudável e conduz ao bem da pessoa e do próximo. São espiritualidades que só têm o valor das aparências. Não contribuem com o amadurecimento do ser humano e podem, ao contrário, conduzi-lo à ruína. Essas pessoas vivem com máscaras e ilusões do que seja a vida espiritual. Muitas vezes estaremos diante de patologias de fundo neurótico que escondem conflitos religiosos não bem resolvidos. É evidente que o caminho para um saudável crescimento espiritual, passa sempre por insuficiências e superá-las vai trazer amadurecimento para o ser humano. Toda e qualquer abertura espiritual, aponta para algo maior, para o mistério

que, se penetrado mais a fundo, levará a uma purificação das motivações e vivências inadequadas e ao encontro com o outro.

Koenig (2012) propõe duas definições para o termo espiritualidade. Uma definição mais rigorosa para conduzir as pesquisas e outra, mais ampla, para aplicar as descobertas aos pacientes no contexto clínico. Com os pacientes, é importante definir espiritualidade da forma mais ampla possível, para que os mesmos possam ter as suas necessidades espirituais satisfeitas não importando como as definam. "Definições de religião e de espiritualidade não precisam ser tão nítidas e diferenciadas em ambientes clínicos do que o são em contextos de pesquisa" (Amatuzzi, 2008, p. 18).

Para Koenig, o termo *espiritualidade* é amplo e permite que as pessoas deem suas próprias definições e, por conta disso, percebe-se que existem consequências positivas e negativas da ampliação desse termo. Para ele, "precisamos restabelecer uma definição mais precisa de espiritualidade que retenha sua base histórica na religião" (p.10), pois esse termo pode ser usado de maneiras distintas na pesquisa de forma mais restrita e no atendimento ao paciente que é uma forma mais ampla. Dessa forma, esse autor ressalta ainda, que a ampliação do conceito do termo espiritualidade é de grande valia para a prática clínica.

Vale ressaltar ainda que a espiritualidade do ser humano também pode ser vivida dentro da religiosidade. A religião agrega dimensão especial à experiência e ao processo de enfrentamento da vida humana, por esse motivo, podemos explicá-la, mas não a reduzir a essas explicações. A religião fornece às pessoas motivações de cunho pessoal que envolvem objetivos relacionados às preocupações últimas e que influenciam na direção dos esforços empreendidos pelas pessoas para enfrentar a vida. Além disso, os modos de enfrentamento religioso não são um mero subconjunto de formas não religiosas de enfrentamento (Pargament, 2002).

Sobre a definição de religião, Amatuzzi ano vai afirmar:

> Pode-se definir religião como o sistema de crenças e práticas observado por uma comunidade, apoiado por rituais que reconhecem, comunicam-se com ou aproximam-se do Sagrado, do Divino, de Deus (em culturas ocidentais) ou da Verdade Absoluta, da Realidade ou do Nirvana (em culturas orientais). A religião normalmente se baseia em um conjunto de escrituras ou ensinamentos que descrevem o significado dado e o propósito do mundo, o lugar do indivíduo, nele, as responsabilidades dos indivíduos uns com os outros e a natureza da vida após a morte (Amatuzzi, 2008, p. 11).

Koenig (2012) afirma que as práticas religiosas podem ser praticadas pelas pessoas de maneira particular e/ou pública. A religiosidade pública, organizacional, envolve a reunião no formato de grupo, participação em serviços religiosos etc. A religiosidade privada é aquela não organizacional, que se refere à atividade realizada em particular, como orar, meditar etc. Essas

práticas religiosas (públicas e privadas) são reflexos à profundidade da religião de uma pessoa, porém, nem sempre se pode concluir isto. E, para conseguirmos perceber melhor a religiosidade de alguém, o autor fala sobre o conceito de religiosidade subjetiva, que é "uma dimensão de religião que tem a ver com a importância ou centralidade da religião na vida" (Koenig, 2012, p. 11). Essa dimensão é medida pelos pesquisadores por meio de questionários autorrelatados de importância religiosa.

Existe ainda outra dimensão a partir da qual podemos estudar a religião na pesquisa científica. São os conceitos de religiosidade extrínseca, quando ela é usada como meio para algum outro propósito (posição social, ganho financeiro etc.) e o conceito de religiosidade intrínseca, quando a religião é buscada como um fim em si mesma por seu próprio valor. Esses aspectos talvez sejam os mais significativos para a pesquisa sobre religião, porém há ainda outras dimensões através das quais podemos observá-la, quais sejam: crença ou ortodoxia religiosa, enfrentamento religioso, maturidade religiosa, conhecimento religioso etc.

Koenig (2012) analisa a religião a partir de três aspectos: enquanto estratégia de enfrentamento pessoal, enquanto força pró-social e enquanto método de controle comportamental, é sabido que o estresse e as emoções negativas podem afetar a saúde do ser humano. Ele, percebendo isso, ao longo da história foi se voltando para a religião que se tornou uma solução comum para o enfrentamento das intempéries da vida. Atividades pró-sociais, atos de altruísmo e voluntariado também estão relacionados ao envolvimento religioso. Essas atividades possuem relação com a saúde física e mental, o que pode ajudar a explicar como a religião influencia a saúde.

A religião também pode se tornar uma fonte importante de suporte social, pois quanto mais intenso o envolvimento religioso de uma pessoa, maior é o suporte social que ela recebe em quantidade e em qualidade, já que ele não é baseado somente nas condições nas quais se registram as fontes seculares de suporte, mas ele advém do próprio sistema de crença religiosa. Elas querem fazer o bem ao próximo, cuidar dos necessitados, pois Deus as recompensará por essas ações altruístas nesta vida ou na próxima.

Por mais que nos esforcemos para maximizar a significância por meio de nossos próprios *insights* e experiências, ou por meio dos outros, permanecemos humanos, finitos e limitados. Em qualquer tempo, podemos ser empurrados para além de nossos recursos imediatos, expondo nossa vulnerabilidade básica para nós e para o mundo. Para essa crise existencial, a mais fundamental de todas, a religião fornece soluções, que podem vir sob forma de apoio espiritual, quando falham outras maneiras de apoio social; de explicação quando nenhuma outra parece convincente; um senso de controle definido por meio do sagrado quando

a vida parece fora de controle; ou novos objetos de significância quando os antigos não mais impressionam. Em qualquer caso, a religião complementa o enfrentamento não-religioso, com sua ênfase no controle pessoal, oferecendo respostas aos limites dos poderes pessoais. (Pargament, 1997).

Segundo Pargament (2010), a maioria dos estudos sobre religião se concentra nos efeitos úteis do enfrentamento religioso para medidas de saúde psicológica e bem-estar. Esses estudos, geralmente, associam a religiosidade das pessoas a resultados positivos na saúde física e emocional. Porém, importa ressaltar ainda que ela pode, por outro lado, também contribuir para um maior estresse e tensão. Diante disso, o autor infere que o papel transformador da religião não deve ser subestimado.

> Crenças religiosas influenciam o modo como pessoas lidam com situações de estresse, sofrimento e problemas vitais. A religiosidade pode proporcionar à pessoa maior aceitação, firmeza e adaptação a situações difíceis de vida, gerando paz, autoconfiança e perdão, e uma imagem positiva de si mesmo. Por outro lado, dependendo do tipo e uso das crenças religiosas, podem gerar culpa, dúvida, ansiedade e depressão por aumento da autocrítica (Stroppa; Moreira-Almeida, 2008, p. 5).

3.2 Espiritualidade e religiosidade em Frankl

O conceito de espírito na logoterapia é derivado do pensamento filosófico, especialmente da fenomenologia de Max Scheler (2003), cuja filosofia fazia uso da palavra *espírito* para designar os fenômenos originários, quais sejam atos da vontade e a decisão livre, atos da pessoa espiritual, pois "o espírito é o único ser que é por si mesmo incapaz de ser objetivado – ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos" (Scheler, 2003, p. 45).

Para Frankl (1995), existe um núcleo espiritual onde têm origem os fenômenos genuinamente humanos diferenciando, dessa forma, o ser humano dos animais. E ela também não pode ser confundida com a espiritualidade no seu aspecto religioso, posto que:

> [...] utiliza a seguinte palavra da língua germânica para designar espiritualidade: *Geistigkeit*. Esse termo não se refere à vida espiritual religiosa, mas antes aos valores e sentidos que o ser humano está imbuído. Dessa forma, ainda faz a distinção entre o *subjektiv Geistige* e o *objektiv Geistige*. A primeira expressão se refere à perspectiva do sujeito perante os valores e os sentidos, já a segunda, diz respeito ao sentido em si mesmo, como se encontra no mundo (Aquino *et al.* 2015, p. 60).

A espiritualidade poderia ser compreendida por meio da dinâmica existencial no espaço entre o ser e o dever-ser. Ademais, na medida em que o ser humano escolhe e responde às

demandas da vida no seu espaço de liberdade, converte-se em um ser responsável (Aquino, 2020).

Na logoterapia, a religião é entendida como objeto e não como posição. Elas são aceitas em sua autenticidade e levadas tão a sério que Frankl nunca teve a pretensão de explicar psicologicamente a religião de forma completa e definitiva. E afirmava que ela se situava fora do âmbito psiquiátrico. Ele queria proteger a psicologia de ultrapassar as fronteiras de seu potencial de esclarecimento (Frankl, 2014).

Dessa forma, a psicologia da religião sofre uma evolução por meio do pensamento de Frankl, pois os campos espirituais não seriam psicologicamente acessíveis em toda a sua dimensão, visto que a religiosidade é uma expressão da busca do homem pelo sentido e, por isso, não redutível, assim como a busca de sentido. Frankl (2014, p. 43 e 44) afirma que:

> Em relação à posição da Logoterapia sobre a religião é possível registrar três afirmações fundamentais (...) em primeiro lugar, Frankl reconhece o papel legítimo que a religiosidade pode ter ou não na vida do indivíduo; em segundo lugar ele também lhe confere historicamente significado, que lhe corresponde como expressão da busca humana pelo sentido; em terceiro lugar ele a mantém fora da terapia aplicada, como é indicado em relação à necessária distância ideológica do médico e do terapeuta.

A existência religiosa e a irreligiosa são fenômenos coexistentes para a logoterapia. Dessa forma, essa escola de psicoterapia assume uma postura neutra diante do homem religioso e do irreligioso. Para o autor em tela, somente quando o ser humano se decide e escolhe livremente perante "quem" ele se considera responsável podemos falar de uma religiosidade autêntica, pois ela será existencial. Vale ressaltar que "o autor em tela se distancia da compreensão da religião e da religiosidade como alienação (Karl Marx, 1818-1883) ou neurose (Sigmund Freud, 1856-1939)" (Aquino, 2014, p. 60).

Frankl escreve sobre a religião como um objeto de estudo, sua escola de psicoterapia tem suas bases na filosofia da existência, dessa forma, ele apreendeu o fenômeno religioso por meio de uma compreensão fenomenológica. Portanto, ele se distancia de uma postura explicativa da religiosidade e assume uma postura compreensiva. Ele não é nem um repressor e nem um representante de uma vertente religiosa. Vale ressaltar ainda que ele foi um homem religioso, dessa forma experienciou o transcendente para além da teoria de sua abordagem acerca do assunto (Aquino, 2014).

O ser humano tem como motivação primária de sua vida a vontade de sentido. Dessa forma, para o homem religioso, o relacionamento com um Deus pessoal constitui uma via para a compreensão de sentido. A religiosidade é um fenômeno autêntico e não um subproduto da

dimensão psicológica do ser humano. Ela é uma busca do sentido último da vida. O argumento da transcendência da consciência moral nos dá pistas para entendermos o fenômeno do *homo religiosus* frankliano, pois é a partir da interpretação que cada indivíduo faz da experiência da própria consciência que teremos a distinção entre o ser humano religioso e o irreligioso (Pereira, 2021).

Frankl (2019) afirma que há duas interpretações que o ser humano pode fazer em relação à voz de sua consciência, a saber: a primeira diria que o homem, quando em situações-limites falaria consigo mesmo nesses solilóquios íntimos, cabendo aqui a objeção de que isso seria tautológico, redundante; a segunda diria que nessas situações, ele fala com Deus e essa interpretação poderia ser rejeitada por ser teológica. Diante dessas duas interpretações, restaria ainda a possibilidade de uma terceira, a de que, nessas situações, o homem fala com o nada e está sozinho.

Para o autor em tela, o ser humano irreligioso interpreta o fenômeno de sua consciência na imanência e não na transcendência. Para ele, ela é facticidade da dimensão psicológica. Ele para antecipadamente e não questiona além, "não pergunta pelo que é responsável, nem de onde provém sua consciência" (Frankl, 1992, p. 97). Ele considera a consciência como "a última instância perante a qual tem que se sentir responsável" (Frankl, 1992, p. 43).

Porém, para o autor vienense, a consciência é a penúltima instância diante da qual o ser humano precisa ser responsável. Sobre o homem irreligioso, Frankl afirma:

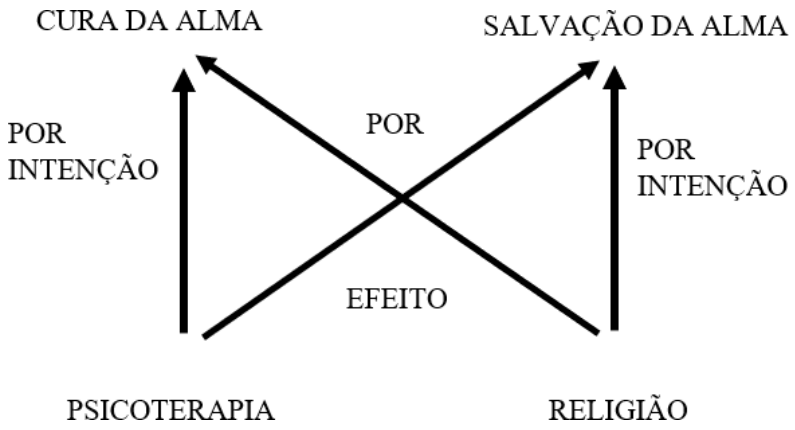
> É como se tivesse chegado a um pico imediatamente inferior ao mais alto. Por que não vai adiante? É porque não quer perder o chão firme sob os seus pés, pois o verdadeiro pico não está visível para ele, está oculto na neblina, e nesta neblina, nesta incerteza, ele não se arrisca a penetrar. Somente a pessoa religiosa assume este risco. O que, porém, impediria que ambos, naquele lugar onde um para e o outro parte para o último pedaço do caminho, se despeçam um do outro sem rancor? Frankl (1992, p. 72).

Aquino (2011) afirma que a concepção de religiosidade em Frankl é positiva, ou seja, ele a concebe como uma manifestação da dimensão espiritual, uma expressão saudável do ser humano. E afirma que "sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente com Deus" (Frankl, 1992, p. 48). Ele ainda afirma que a religiosidade autêntica pode ter efeitos terapêuticos.

Dessa forma, o homem religioso deve reconhecer a decisão do homem irreligioso como uma possibilidade de sua liberdade. Vale ressaltar que tanto a existência religiosa como a não-religiosa são consideradas pela logoterapia como fenômenos que podem coexistir livremente e, diante deles, ela assume uma posição neutra. Considera as duas existências sem tomar partido

de nenhuma delas. Pois, como podemos ver na Figura 8, o objetivo da psicoterapia é diferente do objetivo da religião; aquela se concentra na promoção da saúde mental, e esta diz respeito à ideia de salvação. Porém, em alguns momentos, ambas podem gerar efeitos diferenciados de seus objetivos (Pereira, 2021).

Figura 8 – Objetivos da psicoterapia e da religião



Fonte: Frankl (1992, p. 57)

Percebemos por essa figura que a psicoterapia tem uma intenção psico-higiênica, porém sem ter nenhuma intenção religiosa, pode favorecer aos pacientes, em alguns casos, redescobrir "fontes soterradas de crenças anteriores: não por intenção, mas por efeito" (Frankl, 2016, p. 225). O autor ainda afirma que "[...] uma psicoterapia aplicada corretamente libera a religiosidade de um homem, mesmo quando ela é apenas latente, ainda que esse efeito não tenha sido tencionado por parte do médico" (Frankl, 1991, p. 239).

Por outro lado, a religião não tem uma motivação diretamente psicoterapêutica, pois o seu objetivo é a salvação das pessoas, porém, ela pode ter uma função psico-higiênica como efeito colateral. "Afinal, ela possibilita uma incomparável sensação de segurança e um apoio espiritual ao ser humano, contribuindo imensamente para a preservação do seu equilíbrio anímico" (Frankl, 2016, p. 225).

É interessante ressaltar ainda, que a psicoterapia não está a serviço da religião e nem a religião é um meio para os objetivos da psicoterapia. Dessa forma, a psicoterapia tem sua autonomia como ciência e sua independência diante da religião. Ela não é "serva da teologia (*ancilla theologiae*)" (Frankl, 1992, p. 57).

A psicoterapia aborda questões clínicas de forma laica e tem como objetivo, enquanto logoterapia, a realização de sentido por parte do ser humano e, consequentemente, a cura da alma. Porém, quando o paciente tem uma crença religiosa e traz essa questão para sua

psicoterapia, pode-se levar em consideração o alcance terapêutico de sua religiosidade que mobiliza também seus recursos noéticos.

> [...] por menos que a religião se preocupe em suas intenções primárias com a cura psíquica ou com medidas profiláticas, em seus resultados – não em sua intenção – ela não deixa de ter efeitos psico-higiênicos e até psicoterapêuticos, uma vez que propicia às pessoas uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrado alhures, a não ser na transcendência, no Absoluto (Frankl, 1992, p. 59).

A fé é considerada como crença no suprassentido e não somente como fé em Deus. Essa fé é derivada da vontade de sentido último diante das questões existenciais que o ser humano vivencia e que não se sustentam em explicações racionais, tais como: sofrimento, culpa e morte. Dessa forma, a religiosidade é um fenômeno especificamente humano, de um ser que busca um sentido último para a sua existência no mundo. Nas palavras de Frankl: "Não conseguimos relacionar-nos com esse suprassentido em solo puramente racional, mas apenas, em solo existencial, através do todo do nosso ser, isto é, por meio da fé" (Frankl, 2011, p. 181). Para ele, o que é racionalmente incompreensível não precisa ser inacreditável.

O ser humano tem uma limitação em sua forma de conhecer, pois ele é limitado ao tempo e ao espaço, dessa forma, o sentido e a finalidade do cosmos são ignorados para a pessoa. Porém, essa mesma limitação abre uma possibilidade de fé incondicional em um sentido. Em conformidade com este fato, o autor em tela define a fé como "[...] uma maneira de pensar da qual não se subtraiu a realidade, mas uma maneira de pensar à qual se acrescentou a existência do pensador" (Frankl, 1994, p. 90).

Para o autor em tela, a ciência natural trabalha apenas em um plano unidimensional, dessa forma, o sentido não pode ser apreendido unicamente por meio dela. O autor abre uma perspectiva de reconciliação entre fé e razão. Frankl (1992) afirma que aquilo que não se poderia compreender por meio da razão, poderia ser intuído por meio da fé em um sentido último, ou seja, a compreensão teleológica do mundo inclui os sentidos que estariam encobertos. "O sentido não se encontra no mesmo plano da ciência, entretanto, por não corresponderem ao mesmo plano, não significa que não exista tal sentido" (Aquino, 2014, p. 62).

A religião é vista pela logoterapia sob a perspectiva saudável, porém, dependendo do tipo de vivência religiosa, esse fenômeno da religiosidade humana poderá sofrer distorções. Ela pode ser concebida como uma atitude. Dramática. "O homem, induzido pelo fanatismo, não enxerga o ser pessoal do outro, daquele que não sintetiza com seu pensamento" (Frankl 1991, p. 46). Essa atitude religiosa se manifesta por meio do proselitismo. As pessoas têm uma ideia

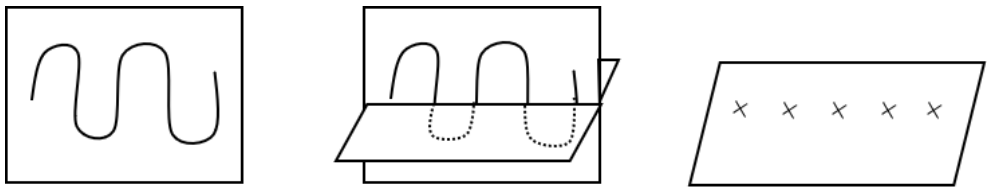
sobre Deus como um ser que tem um único objetivo, fazer com que o maior número possível de pessoas acredite nele e naquilo que determinada religião orienta. Essas pessoas fanáticas não conseguem conceber que outros pensem de forma diferente dela, só consideram sua própria opinião e desconsideram o entendimento dos outros (Aquino, 2014).

A segunda distorção da religiosidade humana acontece quando os sentimentos religiosos são reprimidos e a religiosidade é atrofiada. Sendo assim, as superstições poderão ser a forma que o ser humano encontra para manifestar sua vivência religiosa. Frankl (1991) vai afirmar: "Ou o homem tem um Deus ou tem um ídolo". E poderíamos complementar a observação de Scheler acrescentando que, ou o homem tem uma crença, ou presta culto a uma crendice.

Frankl (1994) vai afirmar que não há religiosidade "superior" ou "inferior". E vai fazer uma analogia entre as religiões e os idiomas, pois em qualquer idioma pode-se falar a verdade, mentir, errar etc. E, por conta disto, não existem idiomas superiores a outros. Assim, também nas religiões não existiriam umas superiores a outras.

Frankl (1992) utiliza a imagem de uma curva senoidal (Figura 9) e afirma que, se ela fosse cortada por meio de um plano horizontal, apareceriam somente pontos desconexos entre si. Esses mesmos pontos apareceriam como pura casualidade, pois o plano vertical seria excluído e, dessa forma, por trás dos fatos empíricos não poderia ser apreendida nenhuma teleologia.

Figura 9 – Plano horizontal e vertical da evolução



Fonte: Frankl, (1992, p. 83)

4 NOVAS COMUNIDADES CATÓLICAS

A manifestação mais evidente do Espírito Santo durante toda a história do cristianismo aconteceu quando os primeiros cristãos se achavam reunidos em oração, no Cenáculo: "De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa (At

2,2). Achavam-se, então, em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu [...]. E todos ouviram publicar as maravilhas de Deus em sua própria língua" (At. 2, 5-11). Foi o dia de Pentecostes (Carranza, 2009).

Durante o Concílio Vaticano II, o então Papa João XXIII, impulsionado pela certeza de que a Igreja Católica nasceu sob o impulso do Espírito Santo no dia de Pentecostes, pediu um novo derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja Católica a fim de que acontecesse um novo pentecoste e que os acontecimentos realizados nas primeiras comunidades cristãs fossem renovados. Ele o faz, abrindo uma janela e pedindo a Deus um novo ar para a Igreja, um novo sopro do Espírito Santo:

> Renova em nossos dias os prodígios como em um novo Pentecostes e concede que a Santa Igreja, reunida em unânime e mais intensa oração em torno de Maria, Mãe de Jesus e guiada por Pedro, propague o reino do divino Salvador, que é reino de verdade, de justiça, de amor e de paz. Assim seja (João XXIII, 1962; Dac 4).

Alguns anos mais tarde, no dia 19 de fevereiro de 1967, 30 pessoas estavam reunidas durante um final de semana, na Universidade de Duquesne, um pequeno grupo de universitários e alguns professores, em Pittsburg – Pensilvânia, começa a se reunir para rezar e meditar sobre a Palavra de Deus que os leva a questionar a ação do Espírito Santo na Igreja, o porquê de esta ser tão viva nos Atos dos Apóstolos e tão distante naqueles seus dias. Ficaram em estudo e oração, à noite pedem o Batismo do Espírito Santo e um novo derramamento do Espírito Santo acontece. Essa notícia se espalhou pelo mundo inteiro e os dons espirituais são derramados em muitas partes do mundo. Nascia, então, a Renovação Carismática Católica (RCC), que teve seu início essencialmente no meio dos jovens e logo se tornou vivência para todos os públicos. Eles viveram uma grande experiência com a pessoa do Espírito Santo, fato que se repetiu em diversos lugares do mundo naquele tempo que teve como consequência o nascimento dos Grupos de Oração (Carranza, 2009).

A Renovação Carismática Católica destaca o uso dos dons e carismas do Espírito Santo como meios de santificação pessoal e de serviço aos outros, a busca pela vontade de Deus, o cultivo da vida de oração, a vida fraterna, dentre outros aspectos. Os grupos de oração são a sua estrutura básica, locais onde as pessoas podem renovar sua experiência com o Espírito Santo, que foi recebido no dia de seu batismo. Podem ainda vivenciar a fraternidade na convivência com os demais membros e participar de formações segundo a doutrina da Igreja Católica.

As Novas Comunidades nasceram a partir do movimento da RCC, porém, cada uma delas possui um carisma específico. Carisma é um desses dons divinos derramados sobre a Igreja para renová-la e atualizar a vivência do Evangelho. Assim, são manifestados à

humanidade os diversos carismas das Novas Comunidades, que desabrocham no "coração" de seus fundadores.

A palavra *carisma* vem do grego: χάρισμα, derivando de χάρις (graça). É geralmente traduzida por dom do Espírito. Trata-se de forças permanentes ou transitórias que Deus, pelo Seu Espírito, dá ao homem. Em sentido mais estrito, entende-se por uma força especial dada ao cristão individual por via não sacramental, visando principalmente ao bem do próximo, para a construção da Igreja (Bins, 2015).

Elas reúnem membros de vocações distintas na Igreja e, portanto, com diferentes estados de vida: leigos, portadores do sacramento da ordem em qualquer grau, celibatários por consagração. Talvez seja esta a característica que mais as diferencia de outras comunidades eclesiais: a comunhão de membros de várias categorias de fiéis, de todas as classes sociais ou intelectuais, de diferentes idades (jovens, estudantes de diversos níveis, seminaristas, idosos). Essas pessoas podem participar nestas realidades agregativas, demonstrando, assim, a riqueza multifacetada da comunhão eclesial. Isto acontece porque as pessoas são chamadas pelo Espírito Santo a participarem do carisma de um mesmo fundador, desejando viver segundo valores evangélicos essenciais.

Elas não podem ser entendidas simplesmente como uma associação voluntária de pessoas com o objetivo de prosseguir um determinado fim de natureza religiosa ou social. O carácter de movimento distingue-os no panorama eclesial como realidades altamente dinâmicas, capazes de suscitar particular atração pelo Evangelho e de sugerir uma proposta de vida cristã fundamentalmente global, afetando todos os aspectos da existência humana. Elas nascem de um carisma partilhado e tendem a ter como finalidade a meta apostólica geral da Igreja Católica (Carta Iuvenescit Eclesia).

Ainda sobre a definição das comunidades novas, a Carta Iuvenescit Eclesia vai afirmar:

> As novas comunidades propõem formas renovadas de seguimento de Cristo, trazendo aos novos contextos sociais o encanto do encontro com o Senhor Jesus e a beleza da existência cristã vivida na sua totalidade. Nestas realidades exprime-se também uma forma peculiar de missão e de testemunho, que visa encorajar e desenvolver tanto uma consciência viva da própria vocação cristã como itinerários estáveis de formação cristã e caminhos de perfeição evangélica. A forte capacidade agregadora destas realidades representa um testemunho significativo de como a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração.

Vale ressaltar que elas são estruturas consolidadas econômica e socialmente. Por falta de um quadro legislativo próprio, as novas agregações têm sido examinadas sob o ângulo das associações de fiéis, previstas no Código de Direito Canônico da igreja católica. Essas

associações podem ser privadas, lançadas pelos fundadores e membros (cânone 299), escolhendo seus orientadores espirituais, autonomia patrimonial; ou ser públicas, erigidas pela autoridade eclesial (cânones 312-320) e existindo em nome da Igreja, com caráter oficial, às quais os fiéis podem aderir.

São uma vocação, ou seja, um chamado específico de Deus para os membros daquela determinada Comunidade. Elas geralmente se apresentam como duas formas de viver a mesma vocação, quais sejam: comunidade de aliança e comunidade de vida. Em ambos os casos, estão presentes as relações interpessoais, o sentimento de pertença e o fato de os membros estarem orientados para um objetivo e um testemunho de vida comuns (Sá, 2016).

A comunidade de aliança responde a uma vida secular, seus membros são chamados a conciliar os compromissos diários profissionais, familiares etc., com a vivência do carisma daquela Comunidade, colocando a vocação como a grande primazia de suas vidas. Permanecem em suas famílias, residências e em suas atividades ou trabalhos próprios (Sá, 2016).

A comunidade de vida vive em núcleos comuns que são as residências comunitárias, geralmente não possuem bens materiais e o seu trabalho é dedicado à obra de Deus na Comunidade. Respondem ao chamado de Deus em suas vidas reproduzindo o modelo da comunidade cristã primitiva: colocam tudo em comum, renunciam à posse de bens materiais, de projetos, planos e expectativas pessoais. É normal que as famílias habitem cada qual sua própria casa na área maior da comunidade, para poderem educar os filhos; e também que homens e mulheres residam em casas comuns separadas por sexo. Todos fazem a experiência da reciprocidade de vocações, podendo-se falar em um contexto educativo progressivo em direção à comunhão de vida (Sá, 2016); (Bins, 2015).

São formadas em sua maioria por leigos. O termo leigo vem do grego, laïkos – λαικός, referindo-se à pessoa que pertence ao povo ou provém dele: não oficial, civil, comum. O adjetivo deriva do substantivo laos – povo – e vai assumir o sentido de pertencer ao povo de Deus. Na Igreja dos primeiros momentos, todos os batizados, sem distinções, formam o povo de Deus, o kleros – κλερος – palavra grega que significa o povo eleito, o povo da promessa de Deus. O cristianismo procura aquilo que pode ser útil à comunidade, para ser imitador do Cristo. Os fiéis formam todos juntos um só corpo, não se devendo deixar aos sacerdotes toda a solicitude da Igreja (Ratta, 2003).

Borges Neto (2018) discute algumas características principais das novas comunidades que são de grande valia para compreendermos melhor esse movimento dentro da Igreja Católica. Elas são eclesiais, possuem a presença predominante de leigos, possuem uma nova autoconsciência eclesial e fazem parte da dimensão carismática da Igreja Católica.

4.1 Elas são eclesiais

As Novas Comunidades Católicas são agregações laicais, porém possuem uma especificidade importante, pois nasceram e existem no interior da Igreja Católica, ou seja, elas também são agregações eclesiais. O termo "eclesial" significa "característica daquilo que se refere ou pertence ao âmbito da Igreja, ou a seus sacerdotes" (Houaiss, 2009, p. 48). Vale ressaltar que esta é uma das suas características fundamentais. Não discriminar eclesial de laical reduziria o significado específico das novas comunidades.

João Paulo II, na exortação apostólica *Christifideles Laici* 30, pontua critérios de eclesialidade para as agregações laicais e procura oferecer instrumentos para que se possa verificar o quanto eclesial é uma agregação laical. As comunidades novas possuem um caráter laical, sendo esta uma de suas características mais importantes. Porém, precisamos também destacar seu aspecto eclesial que está na essência destes movimentos. Existem grandes diferenças entre simples agregações laicais e agregações eclesiais.

O termo *eclesial* diz respeito à natureza mais profunda de uma agregação, que possui um programa de vida e de ação claros os quais devem ser compatíveis com essa natureza. Já o termo laical exclui o sacerdócio ministerial e o status religioso. O termo *eclesial*, contudo, não exclui nenhum deles. Evitando, dessa forma, a oposição entre sacerdócio ministerial e sacerdócio comum. Assim, como o esquecimento da questão dos leigos evitando o risco de enxergá-los fora da problemática eclesial (Borges Neto, 2018).

Sobre essa questão João Paulo II fala:

> Se tomarmos o conjunto dos documentos conciliares e os interpretarmos sob o prisma da pertença à Igreja, salta aos olhos, não o status clerical ou laical de seus membros, mas o título Povo de Deus, título que incorpora todos os *Christifideles*, sejam estes fiéis leigos, fiéis sacerdotes ou fiéis religiosos e religiosas. Todos são, antes de mais nada, fiéis de Cristo! Ministérios e carismas fazem parte do universo composto pelo Povo de Deus a serviço da Igreja e do mundo (CFL 165).

As comunidades novas devem ser, antes de tudo, eclesiais porque não podem prescindir do mistério que é a Igreja, sendo esta a sua referência fundamental. Também é uma de suas características fundamentais acolher membros de toda a Igreja, sem distinção de estado. Podem pertencer a estas todas as ordens de pessoas na Igreja, leigos ou religiosos, homens e mulheres, sacerdotes e bispos, crianças e adultos, pessoas de todas as classes sociais, em espírito de comunhão entre as diversas vocações.

Registre-se, contudo, que certamente existe a diversidade de formas, tarefas, ministérios e carismas. O termo “povo de Deus” permite que se supere a dicotomia clérigos-leigos, que desde sempre favoreceu seja a prevalência dos primeiros sobre os segundos, seja a identificação redutiva dos fiéis com os leigos (Borges Neto, 2018).

4.2 A presença predominante dos leigos

O Papa João Paulo II afirmou, em sua mensagem aos participantes do congresso mundial dos movimentos eclesiais, que as novas comunidades são “uma concreta realidade eclesial com participação predominantemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão que fundamenta o próprio método pedagógico sobre um carisma claro doado à pessoa do fundador em circunstâncias e formas determinadas” (João Paulo II).

É uma característica nova que surpreende a todos se considerarmos a mentalidade social que se desenvolveu nos séculos XVIII e XIX na Europa, e que se difundiu em todo o mundo ocidental, carregada de forte secularismo e de um estilo de vida que não tem nada em comum com o evangélico. Ainda em sua mensagem para os movimentos eclesiais, João Paulo II afirma: “O Espírito Santo suscitou novos líderes leigos na Igreja com a finalidade de voltar a buscar a face de Deus, do Pai de Jesus Cristo. Parece-me que a importância dos novos movimentos leigos consiste em evidenciar a sede de uma experiência cristã de fé por parte dos leigos” (João Paulo II).

Na contemporaneidade, estamos diante de um mundo que está perdendo, cada vez mais, o sentido da própria existência, e no qual o individualismo gera uma solidão crescente. É justamente num mundo como este, tão desarmônico e de grandes desequilíbrios sociais, econômicos e confrontos culturais, que a religiosidade emerge novamente com força. As novas comunidades correspondem, assim, ao desejo de muitos cristãos de encarnar o Evangelho de Jesus Cristo de uma forma mais concreta, em um mundo cuja mentalidade (individualista, utilitarista, hedonista etc.), em grande parte, os despreza (Sá, 2016).

Atualmente, pode-se perceber que uma grande confiança é colocada sobre os leigos, o que, há algumas décadas, seria impossível sequer imaginar. Um sinal desta renovada confiança foram os numerosos santos e santas, beatos e beatas leigos, que receberam de Papa João Paulo II o reconhecimento por suas vidas cheias de coragem heroica diante do mundo, exemplo daquele testemunho inequívoco de fé que manifesta vivamente o chamado à santidade que é destinado a todos na Igreja. O protagonismo dos leigos salienta e determina de maneira

relevante esta mudança de época que estamos atravessando na Igreja Católica (Borges Neto, 2018).

4.3 Uma nova autoconsciência eclesial

Os leigos tomam uma nova consciência de sua responsabilidade diante da Igreja católica. O protagonismo dos leigos promovido pelo Concílio Vaticano II fez com que estes desenvolvessem uma progressiva autoconsciência de sua dignidade de filhos de Deus e da Igreja católica. O que caracteriza as novas comunidades hoje é a sua consciência eclesial, a sua forma de viver e de comunicar a fé na história, sendo uma novidade para os tempos atuais. Esta consciência de fazer parte da Igreja faz com que seus membros sintam os problemas eclesiais como próprios, envolvendo-se em primeira pessoa e empenhando-se na promoção da fé cristã de forma mais incisiva, com a própria vida. Assim, levam o Evangelho ao mundo (Borges Neto, 2018).

Os leigos são chamados a darem o testemunho do evangelho em meio às suas atividades cotidianas. Esse testemunho é um grande desafio porque esses leigos e leigas são chamados a dá-lo precisamente em meio a suas atividades cotidianas. A santidade para os leigos deve ser buscada justamente em meio a suas rotinas diárias no mundo. Através do trabalho, da relação homem-mulher no matrimônio e na família, deve ser buscada na política, na economia, no mundo acadêmico, entre os jornalistas e profissionais da comunicação etc. (Sá, 2016).

Aguçando neles a consciência de ser Igreja e de ter dons fundamentais para a sua construção histórica. A realidade do apostolado dos cristãos leigos foi afirmada como direito e dever. Dessa forma, os fiéis leigos têm, direitos e deveres em relação à sua própria fé e devem desenvolver sempre mais a sua consciência a esse respeito. Enquanto direito, é afirmado o indivíduo, a sua personalidade cristã, a sua responsabilidade, a sua tarefa na Igreja que, vinda do Espírito, ninguém tem o direito de impedir. É fundado sobre os sacramentos da iniciação cristã. Sobre o batismo, na crisma e na eucaristia. Enquanto dever, por outro lado, é dada a nobre tarefa de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e aceita por todos os homens, sobre toda a terra (Sá, 2016).

As novas comunidades demonstram ter uma notável capacidade de despertar a consciência eclesial nos fiéis cristãos. Este despertar é fortemente marcado pelo seu empenho na evangelização dos povos. Parece ser isto que converte tantos homens e mulheres do nosso tempo.

4.4 A referência à dimensão carismática da igreja

A quarta e última característica fundamental dos movimentos eclesiais contemporâneos que queremos salientar é expressa por aquela evidente referência à dimensão carismática da Igreja. Estamos diante de agregações que se percebem como profundamente ligadas à dimensão pneumática da Igreja, ou seja, a Igreja constituída, guiada e conduzida pelo Espírito Santo. A palavra grega "pneuma", significa espírito, sopro animador ou força criadora. Quer dizer que a Igreja, não pode ser pensada sem Jesus Cristo e sem o Espírito Santo, como condição para ela produzir frutos. Esta dimensão parecia ter sido "esquecida" por muito tempo. Para que existisse um novo interesse por esta realidade, foi necessário um "novo evento", uma renovada manifestação daquele fenômeno carismático fundante qual seja: a efusão do Espírito Santo sobre os Apóstolos (Constituição dogmática *Lumen Gentium* 4).

Podemos falar de esquecimento porque o próprio Papa João Paulo II falara de redescoberta: é desta providencial redescoberta da dimensão carismática da Igreja que, antes e depois do Concílio, afirmou-se uma linha singular de desenvolvimento dos movimentos eclesiais e das novas comunidades. Eis que o Espírito Santo, por assim dizer, tinha pedido outra vez a palavra. E em jovens, homens e mulheres, reflorescia a fé, sem "se" nem "mas", sem subterfúgios nem brechas, vivida na sua integralidade como dom, como um presente precioso que faz viver (Sá, 2016).

De tempos em tempos, a estória se repete: alguém ou algumas pessoas fazem uma experiência carismática na Igreja, decisiva para a própria vida, e que, depois, de maneira misteriosa, estende-se a outros. A partir deste primeiro encontro, nasce um caminho de santidade e aprofundamento na fé para si e para tantas outras pessoas que depois venham a ter contato e desejem acolher aquela experiência na própria vida (Sá, 2016).

Assim, poderíamos identificar os efeitos da ação criadora do Espírito Santo na Igreja do nosso tempo também no surgimento desses movimentos eclesiais e comunidades novas; eles são frutos da índole carismática da própria Igreja. No curso da história da Igreja, o Senhor nunca deixou de repetir a sua Palavra, anunciando-a de vez em quando com "palavras" novas. Por meio de diversos carismas, Deus continua, ainda hoje, a dirigir-nos as suas palavras através de testemunhos concretos na vida da Igreja. Todos os carismas são chamados a levar a Palavra aos homens do nosso tempo, sobretudo, a palavra da caridade. De fato, são dados a uma pessoa ou a um grupo de pessoas "para" os outros e "para" a Igreja, não certamente para aumentar a própria vanglória (Borges Neto, 2018).

Dessa forma, podemos perceber que tanto a dimensão hierárquica da Igreja, como a sua dimensão carismática, brota da mesma fonte que é o Espírito Santo. A hierarquia não é outra coisa a não ser um dos dons. Toda a Igreja é, portanto, carismática. As duas dimensões são, portanto, complementares. Na complementaridade e na visão do serviço a que miram ambas as dimensões, encontra-se também a necessidade de verificação dos carismas por parte dos Pastores da Igreja. O Papa João Paulo II afirma na Exortação Apostólica *Christifideles laici* que "nenhum carisma é dispensado da referência e da submissão aos pastores da Igreja" (CFL 17).

É fundamental, a esse respeito, que cada movimento se submeta ao discernimento da autoridade eclesiástica competente. Há quem queira ver nesta indicação uma oposição entre dimensão institucional e carismática, mas, na realidade, não é assim. Essas dimensões se mostram complementares no serviço que ambas devem prestar à Igreja e ao povo de Deus. O aspecto pneumático-carismático se mostra tão fundamental na Igreja quanto o institucional-hierárquico. Tratam-se, assim, de dois canais distintos para santificar a Igreja, como duas diferentes direções das quais sopra o Espírito.

4.5 Burnout religioso

A síndrome do esgotamento profissional foi chamada de diferentes maneiras, sendo o termo *burnout*, em inglês, o mais conhecido. Foi utilizado pela primeira vez em 1974 por Herbert Freudenberger, um psiquiatra que trabalhava como assistente voluntário numa clínica de recuperação de toxicodependentes em Nova York. Ele percebeu que os voluntários que cuidavam desses pacientes, ingressavam nesse serviço com grande entusiasmo; porém, com o passar do tempo, o contato com o mundo das drogas levava-os à depressão e a transtornos emocionais. Então, eles se transformavam em pessoas cansadas e tristes. Por fim, mostravam-se pouco compreensivos com os pacientes e irritavam-se com eles. O doutor Herbert Freudenberger deu a essa situação o nome de burnout, termo que se usava na própria clínica de reabilitação para descrever o cérebro danificado pelo consumo crônico de drogas, posto que normalmente se dizia: "Este sujeito está com o cérebro queimado (burned out)" (Almada, 2015).

Burnout é um tipo de *stress* negativo, ligado ao trabalho. É uma expressão americana que significa *queimar-se*. É a exaustão devido ao excesso de trabalho, de compromissos e atividades. Causa no indivíduo exaurimento emocional, uma espécie de despersonalização de si mesmo, e uma redução no âmbito da realização profissional. Ele é como "a resposta adequada a um estresse emocional crônico cujas características principais são: esgotamento físico e

emocional, atitude fria e despersonalizada na relação com os demais e um sentimento de inadequação para as tarefas que vinham sendo realizadas anteriormente" (Almada, 2015, p. 47).

Essas três dimensões da síndrome de *burnout* geralmente vêm acompanhadas de manifestações psicossomáticas. As mais frequentes são os transtornos do sono, transtornos gastrointestinais, problemas cardiovasculares e dores musculares. As repercussões na esfera do trabalho são evidentes: absentismo, deterioração do ambiente, diminuição da qualidade do trabalho e, em casos extremos, abandono da profissão. Na vida de pessoas com uma consagração de vida, pode gerar menor participação nos encontros comunitários, um esfriamento na vida fraterna e uma incoerência nos valores vocacionais e de fé.

Podemos atribuir ao *burnout* alguns fatores de ordem pessoal, quais sejam: a extrema dedicação, perfeccionismo, idealismo, expectativas irreais, vida pessoal não satisfatória, motivações não adequadas, excessivo controle, ansiedade, dentre outros.

Dentre os fatores de ordem ambiental, podemos citar: sobrecarga de trabalho, ambiguidade de funções, incompatibilidade entre o que se pede e o que se tem como capacidade para oferecer, rigidez, excessiva burocracia, exclusão nos processos de decisões, limitada autonomia pessoal, pobre qualidade de colaboração no trabalho, comprometimento no relacionamento com o superior, não gratificação etc.

Quando falamos sobre burnout é importante a compreensão da natureza humana como autotranscedência, alguns estudos sobre burnout carecem de uma visão integrada das causas que geram o desgaste profissional; correndo o risco de se tornarem unilaterais e reduzirem o ser humano à sua dimensão somática, psicológica ou sociológica, esquecendo da dimensão espiritual/noética.

O serviço prestado pelas pessoas religiosas engajadas nas comunidades novas exige dedicação e entrega tal qual um trabalho com vínculo empregatício. A missão religiosa tem como característica a oferta de vida do missionário por aqueles que receberão o anúncio. Sempre dedicados e em um vínculo fraterno profundo com o povo ao qual são enviados, muitos passam por problemas psíquicos e de saúde integral pelo cansaço físico, mental ou emocional.

Vale ressaltar ainda que a evolução da síndrome nem sempre está fadada ao esgotamento total das forças e ao conseguinte abandono das atividades. Muitas pessoas superam esse mal graças a um processo de aprendizagem, com ajuda externa ou com seus próprios recursos, e não são obrigadas a repeti-lo pouco depois de retomar suas atividades.

Sobre o *burnout* das pessoas religiosas, Ide afirma:

> devemos inferir que a doação é patológica? As disfunções da doação desqualificam-na? De jeito nenhum! Não é a dádiva generosa que falha, mas a sua prática. Pois os seres humanos são espontaneamente inclinados ao altruísmo. (Ide, 2014, p. 87)

O autor supracitado ainda aponta três características de uma pessoa religiosa que vive uma doação de vida e que desenvolve o *burnout*: 1. ela não tinha consciência suficiente de que estava se esgotando, não "recarregou as baterias" e, portanto, não recebeu o suficiente em relação ao que deu; 2. não se apropriou suficientemente dos dons que recebeu, por exemplo, não se lembrou dos sinais de reconhecimento, e sofre de um déficit de autoconfiança e de autoestima; 3. não se doou de verdade, mas secretamente acabou buscando o retorno para si.

Segundo o Ide (2014), a melhor prevenção ou tratamento a se fazer com as pessoas que vivem o desafio do desgaste e da exaustão está na vivência de três dinâmicas muito simples, às quais ele nomina: aprender a receber, aprender a apropriar-se, aprender a dar. A capacidade de aprender a receber implica dois aspectos: conhecer e aceitar os nossos limites e cuidar de si mesmo. Conhecer a si mesmo e aceitar que somos limitados é, realmente, o primeiro passo, pois é partindo de tal constatação, que nós veremos que precisamos de ajuda, que somos frágeis e, por isso, precisamos receber, precisamos cuidar do dom que é cada um de nós. A capacidade de apropriar-se é aquela de interiorizar o que recebemos. A capacidade de *aprender a se dar* vem justamente como o cume da vivência de outros dois processos anteriores, o *receber* e o *apropriar-se*.

A síndrome de *burnout*, como os demais sofrimentos psíquicos, não advém da entrega que se faz ao outro por meio do trabalho, do cuidado e da afeição, mas da maneira e da intencionalidade com que é realizada. Quando se caracteriza o *burnout* como uma explosão de carga emocional surgida do excesso de entrega ou das frustrações acumuladas, poderíamos pensar no que Frankl denominou por neurose noogênica, isto é, quando o prazer que deveria vir como consequência da dedicação empreendida de forma livre e consciente, passa a ser um objetivo a ser conquistado a qualquer preço.

Assim, o indivíduo que deseja se recuperar de um burnout terá que tomar cuidado para se livrar não de sua doação de vida, mas da doação dolorosa, para encontrar o dom autêntico e, assim, afastar o risco de ceder ao ressentimento e à suspeita contra a generosidade. Ou seja, deverá purificar o dom de si mesmo, e não o amputar. "A ocorrência do *burnout* não só não pode ser utilizada como prova da nocividade da generosidade, mas, pelo contrário, confirma a doação" (Ide, 2016, p. 96).

Almada (2015) irá afirmar que o homem e a mulher possuem a capacidade de autotranscedência e autodoação, ou seja, de sair de si mesmo, partir de sua forma orgânica,

psicológica e social, para abrir-se a valores, ideais, tarefas e pessoas pelas quais sacrifica a vida. Frankl (1991) postula o conceito de autotranscendência da existência humana como essa capacidade de saída de si para encontrar o sentido que está no mundo. Dessa forma, o indivíduo poderá entregar-se a uma missão, amar alguém, servir ao seu Deus, pois ele é capaz de autotranscendência. Ao passo que, se essa sua capacidade for atrofiada, ele poderá cair em um vazio existencial e adoecer.

5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

5.1 Tipo de pesquisa

Foi desenvolvido um estudo qualitativo por razão de a pesquisa qualitativa ser a mais adequada aos objetivos deste trabalho, pois discute os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos indivíduos – neste caso, da busca do sentido último por parte dos membros de uma nova comunidade católica. O objetivo da pesquisa qualitativa não é a análise estatística dos dados, nem generalização de conclusões, pois privilegia as experiências dos sujeitos, e, portanto, o seu vivido, o contexto no qual estão imersos e a natureza multifacetada da realidade por eles construída. Assim, minha escolha pelo método qualitativo de pesquisa se justificou pelo fato de que este tipo de investigação me permitiu abranger o fenômeno investigado, em suas múltiplas dimensões. Acredito que este tema é bastante complexo e que somente uma abordagem de cunho qualitativo poderia me munir de um referencial metodológico adequado para compreender tal fenômeno.

5.2 Local da pesquisa

Os questionários da pesquisa foram aplicados de forma on-line e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado digitalmente.

5.3 Participantes do estudo

O estudo contou com 45 participantes de uma comunidade nova da Igreja Católica, dos quais 41 eram provenientes da Comunidade de Aliança e quatro da Comunidade de Vida. Os entrevistados eram de vários estados do Brasil (CE = 18, TO = 7, DF = 5, SP = 4, PI = 3, PE = 2, AL = 2, PB = 2, RN = 1, RJ = 1). A média de idade dos participantes foi de 47,1 anos, e sua amplitude foi de 23 anos a 77 anos, sendo que 80% eram do sexo feminino. O tempo médio de comunidade foi de 19,7 anos (amplitude mínima = 5 anos, amplitude máxima = 34 anos).

5.4 Instrumentos para coleta de dados

Utilizei para este estudo o Questionário de *Burnout* Religioso (QBR) e a Autobiografia Dirigida para a Vida Espiritual (ver apêndices C e D), assim como o questionário de dados sociodemográficos (apêndice B) a fim de coletar informações gerais sobre os participantes do estudo.

5.5 Procedimentos para coleta de dados

Os questionários foram aplicados aos participantes de forma on-line. Eles foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa, a garantia do sigilo das informações fornecidas, o compromisso de assegurar o anonimato, bem como o direito de suspender a participação na pesquisa a qualquer momento. Eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

O projeto foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisas, atendendo ao preceituado nas Resoluções 466/12 e 510/16, ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam as pesquisas envolvendo seres humanos. A pesquisa foi aprovada sob o número (CAAE**:** 60651322.5.0000.5188).

5.6 Análise dos dados

Para a análise dos resultados, utilizei o software Iramuteq. A partir da década de 1980, a criação de programas computacionais que oferecem auxílio na análise de dados em pesquisas qualitativas aumentou em quantidade e possibilidades aos pesquisadores. Esses programas são denominados CAQDAS (*Computer Aided Qualitative Data Analysis Software*), e o debate quanto ao seu uso tem crescido, sendo de consenso a sua eficiência no gerenciamento e recuperação de dados qualitativos.

Dentre os vários *softwares* disponíveis, estão os de uso livre, que advêm de um movimento pelo compartilhamento do conhecimento tecnológico baseado em princípios como liberdade de uso, cópia, modificações e redistribuição. Esses fundamentos são efetivados pela distribuição do código-fonte dos programas, transformando-os em bens públicos.

Um desses *softwares* livres é o Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), criado por Pierre Ratinaud e mantido até 2009 na língua francesa, mas que atualmente conta com dicionários completos em várias línguas. O Iramuteq é desenvolvido na linguagem Python (http://www.python.org) e utiliza funcionalidades providas pelo *software* estatístico *R* (http://www.r-project.org). No Brasil, ele começou a ser utilizado em 2013 em pesquisas de representações sociais, entretanto, outras áreas também se apropriaram do seu uso, e contribuem para a divulgação das várias possibilidades de processamento de dados qualitativos, visto que permite diferentes formas de análises estatísticas de textos, produzidas a partir de entrevistas, documentos, entre outras.

Ele é um programa informático gratuito e permite diferentes formas de análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras. Contribui para

pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, pois permite fazer variadas formas de análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras. Ele ainda possui rigor estatístico, diferentes possibilidades de análise, interface simples e compreensível, e, sobretudo, acesso gratuito (Camargo; Justo, 2013).

A análise de dados textuais pressupõe a superação da dicotomia entre as pesquisas quantitativas e qualitativas em relação à análise de dados, pois possibilita que se quantifique e empregue cálculos estatísticos sobre os textos que são variáveis qualitativas.

Sobre o Iramuteq, Camargo e Justo (2013), irão afirmar que ele

> [...] viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras). Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de hapax (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (Camargo; Justo, 2013, p. 515).

Ele possibilita os seguintes tipos de análises: estatísticas textuais clássicas; pesquisa de especificidades de grupos; classificação hierárquica descendente; análises de similitude e nuvem de palavras. O processamento de dados permitido pelo *software* viabiliza o aprimoramento das análises, inclusive em grandes volumes de texto. Pode-se utilizar das análises lexicais, sem que se perca o contexto em que a palavra aparece, tornando possível integrar níveis quantitativos e qualitativos, trazendo maior objetividade e avanços às interpretações dos dados de texto.

A análise textual é um tipo específico de análise de dados. Trata-se, precisamente, da avaliação de textos produzidos em diferentes condições tais como: textos originalmente escritos, entrevistas, documentos, redações etc., fontes usadas tradicionalmente em Ciências Humanas e Sociais. Esses dados mostram-se relevantes aos estudos sobre pensamentos, crenças, opiniões etc. por serem compostos essencialmente pela linguagem (Nascimento; Menandro, 2006).

A análise de dados textuais possibilita a quantificação e o emprego de cálculos estatísticos sobre variáveis essencialmente qualitativas que são os textos. Dessa forma, propõe que se supere a dicotomia clássica entre quantitativo e qualitativo.

O uso de *softwares* específicos para análise de dados textuais tem sido cada vez mais presente em estudos na área de Ciências Humanas e Sociais, especialmente naqueles estudos em que o *corpus* a ser analisado é bastante volumoso (Nascimento; Meandro, 2006).

Vale ressaltar que um software não é um método, e os relatórios gerados pelo software não são, em si, a análise dos dados. O Iramuteq pode ser muito útil se acompanhado de um estudo sobre o significado das análises lexicais e do emprego de análises multivariadas, além de um bom domínio do estado da arte que envolve o tema específico de cada pesquisa.

O método da Classificação Hierárquica Descendente classifica os segmentos de texto em função dos seus respectivos vocabulários, e o conjunto deles é repartido com base na frequência das formas reduzidas. Esta análise visa obter classes de UCE (unidades de contexto elementares) que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente das UCE das outras classes.

A análise de similitude se baseia na teoria dos grafos, que possibilita identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura de um *corpus* textual, distinguindo também as partes comuns e as especificidades em função das variáveis ilustrativas identificadas na análise (Camargo; Justo, 2013).

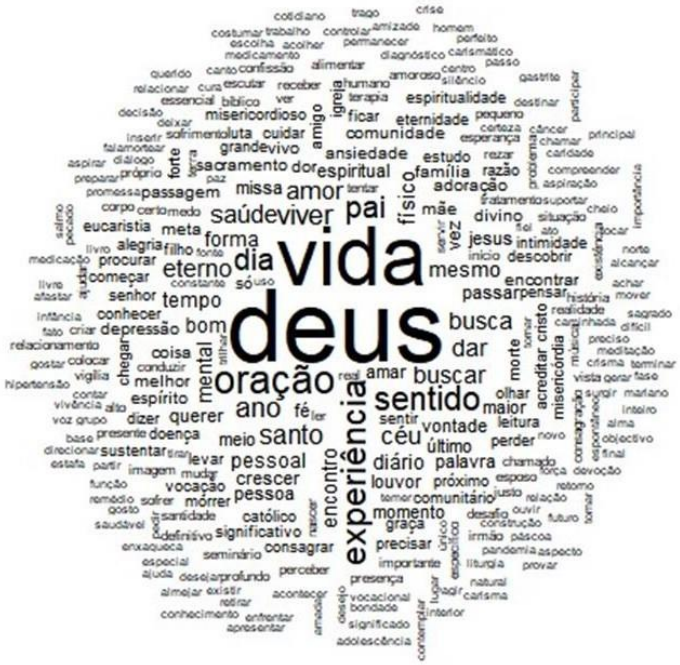
Entre as vantagens no processo de análise dos dados por meio de *softwares*, estão o auxílio na organização e separação de informações, o aumento na eficiência do processo e a facilidade na localização dos segmentos de texto, além da agilidade no processo de codificação, comparado ao realizado à mão.

6 RESULTADOS

6.1 Autobiografia espiritual

Inicialmente, descreve-se os resultados da autobiografia espiritual, que apresenta a espiritualidade de um grupo religioso que representa uma comunidade nova da Igreja Católica. Conforme evidencia a Figura 10, as palavras que mais se repetiram no corpus textual das entrevistas acerca da autobiografia espiritual foram: Deus (f = 164), vida (f = 127), oração (f = 51), experiência (f = 45) e sentido (f = 44).

Figura 10 – Nuvem de palavras do corpus composto pela autobiografia espiritual

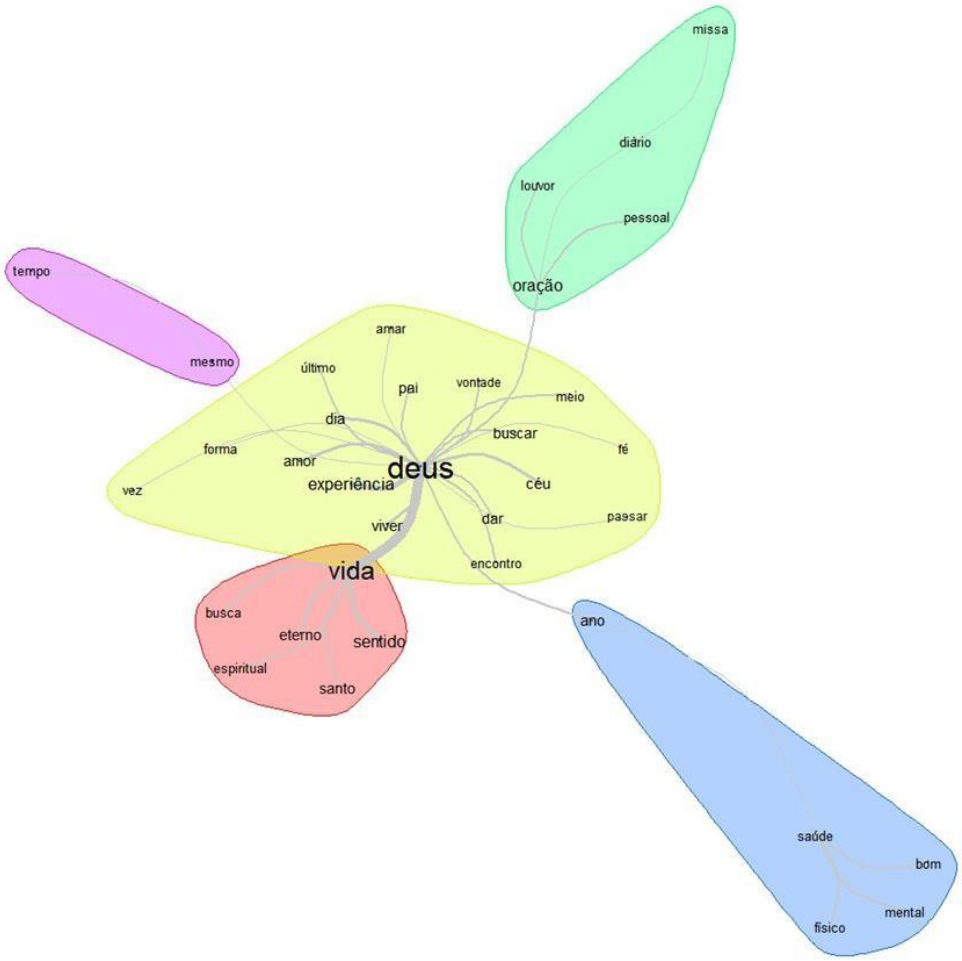


Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

A nuvem de palavras se limita tão somente demonstrar a frequência de ocorrências no *corpus*. Para identificar as conectividades entre as palavras, efetuou-se uma análise de similitude (Figura 2), o que evidenciou dois eixos semânticos fortemente associados: Deus e Vida. A partir da palavra Deus, que outros termos se constelam ao seu redor, tais como: “viver”, “amor”, “experiência”, “pai”, “vontade”, “buscar”, “céu”, “fé”, “viver” e “dar”. Ademais, a palavra Deus se associou com “Oração” e esta, por sua vez, se conectou com: “louvor”, “diário”, “pessoal” e “missa”. A conexão mais forte foi entre Deus e vida. O termo “vida”, por sua vez, se associou com “Buscar”, “eterno”, “sentido”, “espiritual” e “santo”. Além disso, outros núcleos secundários se associaram com a palavra Deus: mesmo que se associou com a

palavra tempo e ano que se conectou com o léxico saúde, que por sua vez apresentou conectividade com bom, mental e físico (Figura 11).

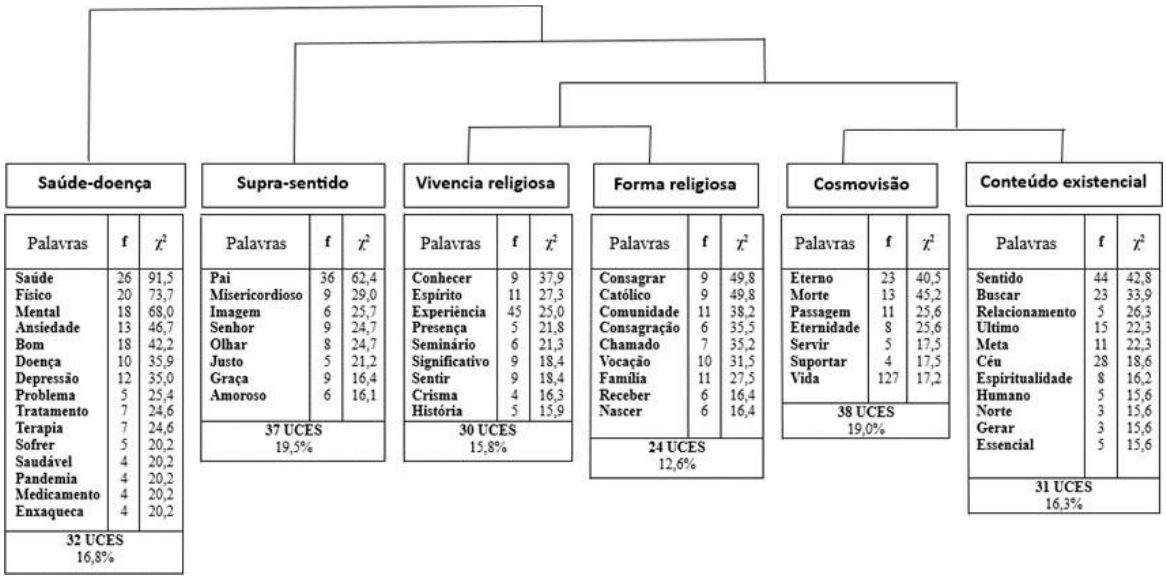
Figura 11 – Árvore de similitude do corpus analisado



Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

Embora a análise de similitude possa apresentar um avanço na compreensão textual, em comparação à nuvem de palavras, ainda assim, não consegue capturar a estrutura e o contexto lexical das autobiografias. Para suprir esta lacuna, foi realizada uma Classificação Hierárquica Descendente, conforme demonstra a Figura 12.

Figura 12 – Dendograma referente às classes temáticas da narrativa da autobiografia espiritual



Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

Ao executar o Iramuteq com as entrevistas acerca da autobiografia espiritual, foi constatado um aproveitamento do corpus de 82,6%, isto significa que dos 239 segmentos de textuais, ou Unidades de Contexto Iniciais (UCI), foram classificadas em 190 Unidades de Contexto Elementar (UCE). Com relação à classificação do *corpus* textual, as narrativas dos religiosos se encontram subdivididas em seis classes relacionadas em si com contextos semânticos distintos, conforme demonstra o dendrograma da Figura 11.

Da direita para a esquerda, encontra-se a classe *conteúdo existencial*, que compôs 16,3% do conteúdo das autobiografias. Esta, por sua vez, se associou com a classe denominada semanticamente de cosmovisão (19%). Estas duas classes se relacionaram com outras duas: *Vivência Religiosa* (15,8%) e *Forma Religiosa* (12,6%). As quatro classes descritas, em seu conjunto, se relacionaram com o *Suprassentido* (19,5%), que, por sua vez, conectou-se com o campo lexical *Saúde-Doença* (16,8%).

Cada classe é descrita por meio do vocabulário ou contexto semântico comum, constituindo um campo lexical. Assim, a classe *Conteúdo existencial* reuniu vocábulos tais como: sentido, busca, relacionamento, último, meta, céu, espiritualidade, humano, norte, gerar e essencial. Como exemplos de seguimentos de textos, pode-se observar:

> é algo muito característico da minha vida, faz parte da minha identidade via de salvação é o centro de minha vida centro a espiritualidade é o que me leva a deus o sentido maior da minha vida. (*sic)*

> hoje a espiritualidade move a minha vida ela direciona os meus dias o meu presente e o meu futuro importantíssima sem ela minha vida não teria sentido. (*sic)*

> pela vida de oração de intimidade com deus minha busca pelo sentido último é a busca por um relacionamento verdadeiro com deus está o tempo todo em oração e meditação da palavra e ensinamentos dos santos doutores. (*sic)*
>
> depois do seminário de vida foi como nascer de novo viver com esperança com sentido com alegria a cada dia buscar perseverar no relacionamento com deus através de uma vocação não há vida melhor. (*sic)*
>
> a experiência de deus me encaminha à vida contemplativa fraterna e evangelizadora e todas essas coisas me encaminham para o céu pra mim a busca se dá em uma mudança de olhar diante das situações onde eu coloco um novo sentido diante da minha dor e do meu sofrimento. (*sic)*
>
> tudo é o sentido da minha vida essencial dá-me o norte que preciso sustenta me reger todas as outras coisas na minha vida alimenta o sentido da vida fortalece a vida fraterna e gera paz. (*sic)*

Já a classe *Cosmovisão* foi composta pelas seguintes palavras: eterno, morte, passagem, eternidade, servir, suportar, vida. Alguns seguimentos de textos representam esta classe, tais como:

> mas na certeza que ela me levará ao fim último da minha vida que é contemplar a deus a morte para mim é o encontro definitivo com deus esperança na vida eterna. (*sic)*
>
> me unirem à vontade de deus e me conduzirem ao eterno suporte e fonte para a vida cotidiana encontros com deus ouvir a sua voz mais claramente descobrir e experimentar da alegria verdadeira em fazer a vontade de Deus. (*sic)*

A classe denominada *forma religiosa* agrupou as seguintes palavras: consagrar, católico, comunidade, consagração, chamado, vocação família receber e nascer. Encontra-se como exemplo os seguintes seguimentos:

> vi milagres acontecerem em minha vida e em torno de mim vi e vivi experiências de cura reconstrução e soerguimento ao longo desses 22 anos não acreditei quando ele me chamou para uma vida consagrada separada para ele (*sic)*
>
> tem sido uma luta diária viver uma intimidade com deus pela oração penitência mortificações essas experiências vivo em minha família em minha caminhada como consagrada ccsh e com as demais pessoas e situações q encontro (*sic)*
>
> para mim esse sentido está ligado ao próprio deus sou consagrada de uma comunidade católica portanto este chamado a uma vocação específica é o caminho que me conduz nesta busca. (*sic)*

No que concerne à classe *Vivência religiosa*, esta reuniu os seguintes léxicos: conhecer, espírito, experiência, presença, seminário, significativo, sentir, crisma e história. Como exemplos dessa classe, encontramos os seguintes seguimentos de textos:

> conhecer e amar a deus é a finalidade é o porquê é algo que almejamos até o fim da vida ser feliz desconheço este termo é o que se encerra ou melhor o que se inicia no amor que se inicia em deus. (*sic)*
>
> passei a rezar todos os dias passei a amar a igreja e a entender melhor a bíblia não tive nenhuma experiência marcante conhecendo cada vez mais a deus posso dá um sentido à minha vida. (*sic)*
>
> aí descobri o quanto fui amada e cuidada quando ainda não o conheci aquele amor sempre me amou fui crescendo passo a passo na intimidade com ele. (*sic)*
> minhas expectativas são sempre surpreendidas pelas suas escolhas por mim minha crisma foi algo significativo porque foi onde conheci a jesus como amigo o acampamento M me fez compreender que a igreja é muito maior que a minha paróquia. (*sic)*
>
> meus valores mudaram e busquei viver a espiritualidade com sede de conhecer a deus a sua palavra e sobretudo perceber sua presença cá nos acontecimentos e no meu viver. (*sic)*

A classe atribuída como *Suprassentido* foi caracterizada a partir das seguintes palavras: Pai, misericordioso, imagem, Senhor, olhar, justo, graça e amoroso. O contexto em que essas palavras emergiram foi nos seguintes seguimentos:

> um deus muito paciente comigo um deus que luta por mim todos os dias mesmo que eu seja dura um deus misericordioso de um homem que é pai protetor que está ali sempre a auxiliar o filho a crescer e amadurecer. (*sic)*
>
> Deus é misericordioso não me tira nada e me dá tudo meu pai do céu faço a experiência de sempre descobrir novidades da imagem de deus atualmente vou fazendo a experiência de deus que é bem maior do que meu entendimento ele é pai. (*sic)*
>
> alguém que me olha paternalmente e sabe todos os pontos alguém que me conduz e me leva as lembranças do início de minha relação com ele a imagem de um pai bondoso pai amigo íntimo providente soberano e imbatível. (*sic)*
>
> um pai cheio de amor e bondade que não se contém e se derrama sobre as criaturas a perfeita bondade o sumo bem onde tudo começa e termina misericordioso (*sic)*
>
> o vejo como o pai do filho pródigo que todos os dias fica aguardando o filho retornar pai misericordioso e fiel hoje a imagem que tenho de deus é que ele é amor e paciente pai amoroso. (*sic)*
>
> que vai muito além do que possa imaginar de gratidão por me ter criado pai presente e misericordioso um pai bondoso que não mede esforços para me ter consigo eternamente para mim é uma pessoa um esposo meu amigo. (*sic)*
>
> é muito importante pra mim me lembra quem eu sou desperta o melhor de mim te é como o ar que respiro indispensável a forma de me relacionar com um deus que é pai (*sic)*
>
> a minha vida espiritual sou eu vivo diante do olhar amoroso do pai ela não faz parte da minha vida é a minha vida e abrange tudo o que sou e o que faço (*sic)*
>
> um comunidade divina em três pessoas de infinita bondade e amor pelos homens pai

> amigo esposo de uma pessoa divina que vivo está e interage comigo a imagem que tenho de deus é de uma pessoa da minha família. (*sic)*
>
> o pai bem presente com quem posso conversar acredito que de um amor me ultrapassa penso que ainda não sei nada sou um servo inútil nada fiz por ti deus misericordioso justo pai senhor (*sic)*
>
> pai misericórdia meu pai meu tudo meu protetor mais dentro de mim que eu mesma meu companheiro deus que é pai e cuida de mim amoroso e justo pai um pai em ação (*sic)*
>
> e toda sua ação é amor pai de amor e misericórdia fiel constante terno e justo um ser que ama e só sabe fazer isso amar é também próximo isso faz toda a diferença (*sic)*
>
> um Deus conosco é a maior dádiva da vida um pai misericordioso que me ama que me dá muitas graças mas que me deixa ser provada em vista do meu crescimento pessoal mas que me socorre sempre em meus sofrimentos (*sic)*
>
> cruz tenho de deus uma imagem muito misericordiosa um pai que olha para as nossas dores e pecados e cuida vela e trata as feridas lado outro que complementa enxergo muita justiça de deus. (*sic)*

Por fim, a classe *Saúde-doença* coligou os seguintes vocábulos: saúde, físico, mental, ansiedade, bom, doença, depressão, problema, tratamento, terapia, sofrer, saudável, pandemia, medicamento e enxaqueca. Seguem alguns exemplos onde essas palavras se evidenciaram:

> boa saúde graça de deus não trago problemas relacionados à saúde mental com exceção do estresse e cansaço muitas vezes doença física trago o refluxo e em decorrência dele a laringite saúde mental (*sic)*
>
> no momento estou me recuperando de uma estafa ja tive depressão e crises de ansiedade estou vivendo doenças próprias do envelhecimento a espiritualidade acalma a ansiedade trás saúde emocional físico.
>
> mentalmente nunca tive nada estou bem de saúde mental e física eu já tive hernia de disco depressão hoje ainda trato a depressão com remédios uma passagem para a vida eterna passagem término da vida terrena. (*sic)*
>
> saúde física boa embora com realidades difíceis a saúde física e mental permanece adequada à fase da vida hoje depois da pandemia minha vida espiritual sofreu muitas mudanças tenho sofrido com medos de perder alguém. (*sic)*
>
> saúde física na adolescência tive situações forte de cólicas menstruais passava de três a quatro dias de dores vômitos dores de cabeça não conseguia passar tempo no emprego na minha juventude comecei tratamento onde melhorava mas nunca tive um diagnóstico. (*sic)*
>
> tenho gastrite e esofagite bom estado físico e mental até aos 65 anos tive muita saúde a partir daí comecei a está cansada muitas provações pai acamado 10anos mãe depressiva e filho complicado. (*sic)*
>
> hoje não tomo mais medicamentos já tive burnout por não saber ter limites fazia tudo e ainda hoje tenho resquícios da síndrome saúde física boa sem nenhum tipo de gravidade. (*sic)*
>
> procuro cuidar da saúde física e mental faço exercícios e me alimento de forma

> saudável e valorizo momentos de lazer durmo bem tenho hipertensão arterial desde 35 anos desenvolvi diabetes tipo ii tem alguns anos. (*sic)*
>
> são doenças comuns na minha família procuro conviver minha saúde mental é boa nunca precisei de remédios nem terapias sempre tive saúde boa mas quando em 2011 sofri um surto psicótico. (*sic)*
>
> transtorno psiquiátrico e depressão hoje estou bem, mas já tive depressão e ansiedade hoje faço atividade física nenhuma até então bom estado de saúde histórico de enxaqueca desde os 25 anos. (*sic)*
>
> atualmente há quase um ano sem crise, mas ainda em tratamento medicamentoso estou com apena uma medicação já cheguei a tomar 4 ao mesmo tempo e em pre alta da terapia com resultados bem positivos até os 50 anos tinha uma saúde muito boa(*sic)*
>
> depois dos 50 veio a hipertensão e depois um câncer tive um esgotamento há cerca de 3 anos depois do tratamento do câncer hoje meu estado de saúde mantém se sobre um certo controle buscando evitar o desequilíbrio. (*sic)*
>
> percebo que sou um pouco ansiosa, mas estou acostumada a me controlar nunca tive crises mais fortes ou fiz algum tratamento específico de saúde mental encontro me bem. (*sic)*

7 DISCUSSÃO AUTOBIOGRAFIA ESPIRITUAL

Objetivou-se compreender como a busca pelo sentido último pode influenciar na saúde mental de membros de uma Comunidade Nova. Na Classificação Hierárquica Descendente,

podemos perceber na 1ª classe temática um contexto semântico comum relacionado com "saúde-doença". Frankl (2019) afirma que a pessoa humana possui corpo e alma, mas a sua essência se encontra na dimensão noética/espiritual. É essa dimensão espiritual/noética que torna a pessoa humana verdadeiramente humana. Essa dimensão não é passível de adoecimento, já a dimensão psicofísica adoece. Dessa forma, o acesso à dimensão noética fará com que o ser humano siga por um caminho de saúde. Visto que essa dimensão permite ao ser humano adentrar na dimensão mais elevada de sua existência e ser antagonista ao seu psicofísico, caso o mesmo esteja adoecido. Para Frankl (1991, p.18), saúde é a autotranscedência da existência humana que "assinala o fato antropológico fundamental de que a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém".

Podemos ainda afirmar, juntamente com Frankl (1992), que a religião tem como objetivo a salvação da alma das pessoas, porém, em alguns momentos ela pode ter um efeito psicoterapêutico já que "possibilita uma incomparável sensação de segurança e um apoio espiritual ao ser humano, contribuindo imensamente para a preservação do seu equilíbrio anímico" (Frankl, 2016, p. 225). Dessa forma, como efeito colateral, a religião poderá ter um efeito psicohigiênico.

Algumas citações dos entrevistados podem ilustrar nossa discussão:

> em terapia investigação de TDAH, saúde física sem grandes problemas de saúde, alimentação saudável, mas precisando começar a ser mais ativa fisicamente faço controle anual de hipertensão mesmo diante de tantos desafios externos ainda considero minha saúde mental boa. *(sic)*
>
> saúde mental em equilíbrio não tenho nenhuma doença crônica e não faço uso de medicamentos contínuos saúde física e psíquica boas não tive nada diagnosticado de doença psíquica física tive problemas cirurgias no joelho tenho ansiedade já tive depressão ansiedade gastrite enxaqueca. *(sic)*
>
> desde pequena tive uma saúde muito boa, mas ao chegar a fase adulta tive uma doença autoimune hipertireoidismo minha mãe apresentou essa doença desde adolescente, mas em mim foi algo mais tarde atualmente está controlada. *(sic)*
>
> sendo q por dias estou bem outros nem tanto, mas já consigo sobreviver depois de algumas sessões de terapia e retorno a caminhada na vivência da fé saúde física e mental regular a boa pois estou em tratamento de quadro de ansiedade devido estafa mental período de menopausa. *(sic)*
>
> hoje estou bem melhor tenho enxaqueca esporadicamente tenho uma saúde física relativamente boa hoje estou mais equilibrada mentalmente hoje cuido da minha saúde física e mental anêmica suspeita de endometriose e disbiose intestinal. *(sic)*

Na 2ª classe temática, percebeu-se palavras com o contexto semântico "Suprassentido". Para Frankl (2019), o ser humano seria existência, enquanto Deus, Transcendência. No caso do

ser humano, ao menos de forma *a priori*, haveria um hiato entre existência e essência, já o supra-Ser, coincide essência e existência. Por conseguinte, segundo o autor, "o homem não pode falar de Deus, mas pode falar a ele. Ele pode orar" (Frankl, 2011, p. 182). A pessoa humana é incapaz de entrar no suprassentido, Deus é um ser inominável, então, ela atribui características antropomórficas a Deus. O ser humano atribui atributos humanos a Deus. Vale ressaltar que entre o símbolo e o objeto simbolizado, no caso o suprassentido, há uma distância infinita e intransponível. Por esse motivo, os atributos divinos são antropomorfizados, por conseguinte, são demasiadamente humanos (Frankl, 1992, p. 85) e até mesmo simbolizados de forma antropopática: Deus ri, chora, enfurece-se e sente compaixão. Essa forma simbólica antropomórfica ajuda o ser religioso a se aproximar do mistério da verdade última.

Destaco alguns exemplos das falas dos entrevistados relativas a essa questão:

> imagem de pai e esposo como aquele que cuida consola nos dá sempre a medida certa do que precisamos um deus justo que luta por nós até o fim e nos exorta quando precisamos. *(sic)*
>
> Deus é uno e trino é meu pai meu salvador e senhor meu consolador minha força meu amplo minha alegria minha paz amor da minha vida deus como um pai amoroso cuidadoso e justo. *(sic)*
>
> que ri que se alegram, mas que é divino um pai amoroso carinhoso e atencioso que me ama mas pequenas coisas e cuida de mim que sempre está comigo me ouve e sempre vem ao meu socorro. *(sic)*
>
> bem engraçadinho às vezes um pai amigo próximo santo grande altíssimo pai amigo totalmente outro digno de adoração de confiança providente fiel. *(sic)*

A 3ª classe foi denominada "*vivência religiosa".* Frankl (1990) afirma que, embora tanto o homem religioso quanto o não religioso busquem igualmente sentidos, para o primeiro poderia ser mais fácil encontrá-los, pois este já crê previamente em um sentido. Além disso, para o autor em foco, a religiosidade só é autêntica se for produto de uma decisão pessoal e quando for espontânea, ou seja, não pode ser resultante nem de uma pulsão, nem de uma imposição externa (Frankl, 1992). A religiosidade é uma decisão do ser humano, dessa forma, ele estará vivendo uma religiosidade autêntica. Somente quando o ser humano se decide e escolhe livremente perante "quem" ele se considera responsável, podemos falar de uma religiosidade autêntica, pois ela será existencial.

Encontramos os seguintes seguimentos de textos com as falas dos entrevistados:

> com os sacramentos confissão e comunhão com a santa missa também cresço muito conhecendo a vida dos santos sem grandes experiências apenas a grande descoberta de ser amado por Deus *(sic)*

> aos 19 anos num encontro religioso fui apresentado de modo explícito à pessoa de jesus cristo trilhando um caminho em grupo de oração fui aprofundando essa experiência poucos anos depois descobri minha vocação na igreja e quis consagrar-me a Deus. *(sic)*

A 4ª classe denominamos de "*forma religiosa",* pois apresentou palavras com esse contexto semântico. Podemos encontrar no pensamento de Viktor Frankl diferenças entre os conceitos de religião e de religiosidade. A religião se constitui inicialmente por um iniciado ou uma grande alma que descobre novos sentidos, diferente dos valores cristalizados na cultura. Em seguida, este sentido, que anteriormente era pessoal, pode ser compartilhado (Aquino, 2021). Para o fundador da logoterapia, "o sentido único de hoje é o valor universal de amanhã. É dessa forma que as religiões são criadas e que os valores evoluem" (Frankl, 2011, p. 82). Nessa perspectiva, a religião seria a forma, enquanto a religiosidade seria o conteúdo. Ambas são movimentos do espiritual no ser humano. Assim, as religiões são constituídas por esquemas confessionais constitutivos na cultura, estes, por sua vez são preenchidos por meio da religiosidade pessoal (Frankl, 1992).

Destacamos algumas falas para ilustrar essa 4ª classe semântica,

> a comunidade que me apresentou uma forma de consagrar minha vida e confirmar minha pertença a deus quando adolescente em meio a dramas existenciais jesus me acolheu de uma maneira tão amorosa que comparado a isso as outras coisas perderam a cor. *(sic)*

> daquele dia pude trilhar um caminho de sincero desejo de ama-lo deixando sonhos e profissão para segui-lo em um caminho de consagração total dando a ele o timão da minha vida hoje sou consagrado a ele e meu presente e futuro pertence a ele. *(sic)*

A 5ª classe temática foi "cosmovisão". A cosmovisão fundamental da teoria de Frankl diz respeito ao sentido da vida, conceito este que postula a ideia de que a vida sempre tem um sentido. Segundo a teoria de Frankl, a motivação básica do comportamento do indivíduo é uma busca pelo sentido para sua vida e não a satisfação de seus instintos e o alívio de tensões. O estado "homeostase", tão defendida pela psicodinâmica, não é saudável para o ser humano, pois o que ele precisa é sentir o chamado de um sentido potencial que está à espera de que ele o cumpra.

Algumas falas dos entrevistados nos fazem perceber essa classe semântica:

> e nascemos para a vida também morreremos, mas já na vida morremos um pouco para termos uma boa morte e participarmos da vida eterna com cristo vivos preparamos com cristo a páscoa definitiva essa minha concepção *(sic)*

> hoje tenho a consciência e experiência de o sentido último de tudo é deus é quando a minha vida corre para único sentido de vida deus a razão última da existência deus a vida eterna. *(sic)*

A 6ª classe temática foi "*conteúdo existencial*". A logoterapia não concebe da mesma forma o fenômeno da fé como crença em Deus, mas concebe-a como uma crença ampliada no sentido; sendo assim, é legítimo que ela não se ocupe apenas com a "vontade de sentido", mas também com a vontade de um sentido último, um "superssentido". Ou seja, a fé religiosa é uma crença no superssentido". Em Frankl (2003), a iniciação na dimensão supra-humana, efetivada na fé, funda-se no amor. E mais, quer seja entendido como conceito-limite ou em termos religiosos, a fé no plano do suprassentido tem grande importância psicoterápica e psico-higiênica. Tal fé é criadora. E, brotada duma força interior, esta fé torna o homem mais forte. Para o crente, não há, em última instância, nada sem sentido. O superssentido aparece no "efeito", não na intenção. O superssentido, porém, impor-se-á independentemente do que eu venha a fazer ou deixe de fazer, com minha ajuda ou sem ela, com minha cooperação ou sem me levar em consideração (Frankl, 1978, p. 235).

> ser santa é a razão da existência humana para que e por quê existimos a busca dessa razão responde a algo profundo que nos inquieta internamente razão de ser do meu viver é o sentido maior por uma determinada pessoa ou coisa *(sic)*

> o sentido último para mim é deus aquilo que almejo o céu o próprio deus o sentido completo da vida a busca pela felicidade e o encontrar sentido em meio ao sofrimento. *(sic)*

> é deus aquilo que vai ficar de fato em minha vida é o grande sentido que dá sentido aos outros sentidos da minha vida. *(sic)*

> através dela posso enxergar um sentido maior em todas as coisas e fico mais forte para enfrentar os desafios diários primordial base de tudo e definidora das metas e objetivos. *(sic)*

7.1 Análise do inventário de Burnout Religioso

Neste tópico, apresentam-se as análises textuais do corpus acerca do inventário de *burnout* religioso. As respostas foram obtidas da mesma comunidade nova da Igreja Católica. Conforme evidencia a Figura 4, as palavras que mais se repetiram no *corpus* textual das entrevistas foram: Sentir (f = 101), Deus (f = 80), vez (f = 54), vida (f = 35), atividade (f = 34) comunidade (f = 32) e trabalho (f = 32).

Figura 13 – Nuvem de palavras do *corpus* composto pelo Inventário de Burnout Religioso

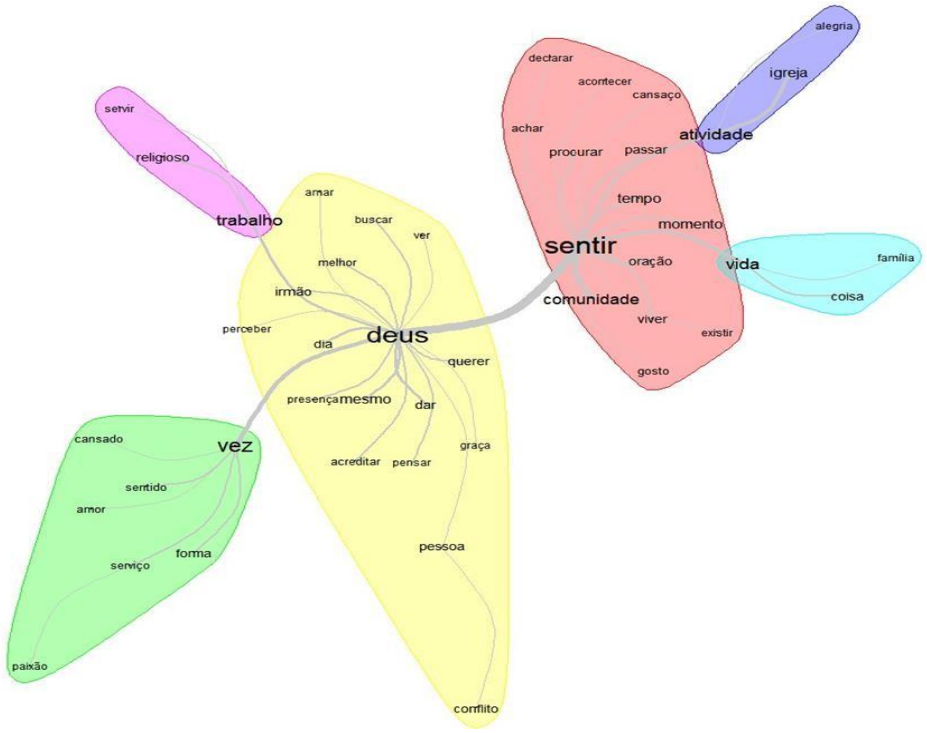


Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

Considerando a limitação da nuvem de palavras que tão somente apresenta a frequência de suas ocorrências, efetuou-se uma análise de similitude, conforme observa-se na Figura 14.

Assim, pôde-se constatar dois eixos semânticos fortemente conectados: “Deus” e “Sentir”. A palavra “Deus” se associou com “dia”, “querer”, “dar”, “presença”, “irmão”, “buscar”, “graça”, “perceber”, “ver”, “melhor” e “amar”. Deus também se associou com trabalho, que por sua vez se coligou com “religioso” e “servir”; também “vez”, que se conectou com “sentido”, “forma”, “amor”, “servir”, “cansado” e “paixão”. O outro núcleo semântico, “sentir”, se associou com “comunidade”, “oração”, “procurar”, “viver”, “existir”, “gosto”, “achar”, “cansaço”, “acontecer” e “declarar”. Ademais, “sentir” se conectou com duas outras palavras: “atividade”, que por sua vez se associou com “igreja” e “alegria”; e “vida”, que se conectou com “família” e “coisa”.

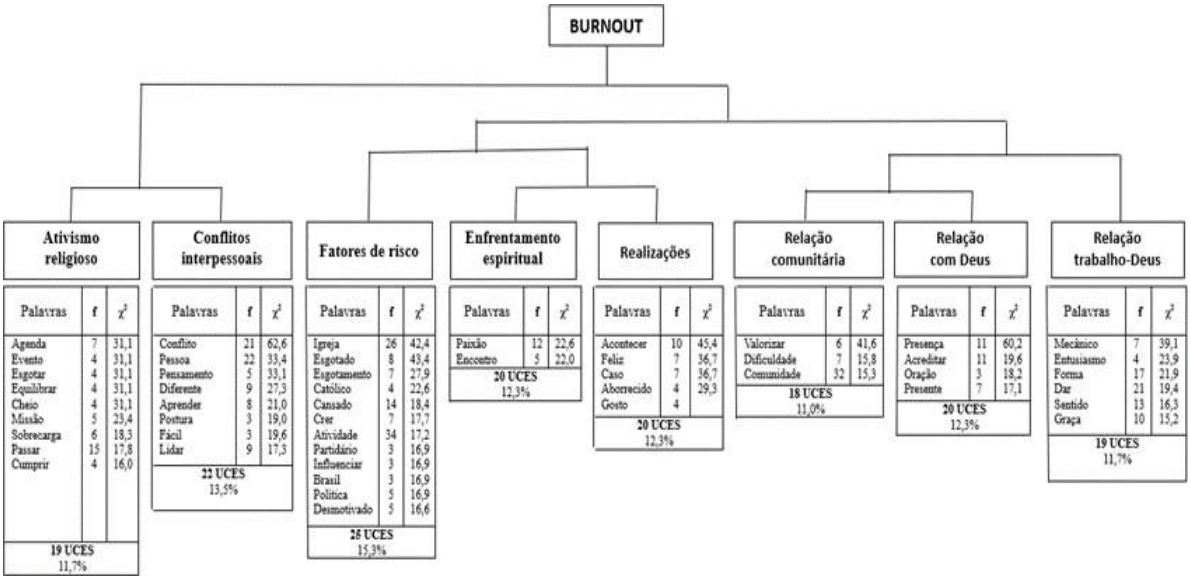
Figura 14 – Árvore de similitude do corpus analisado



Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

Para aprofundar a análise textual em questão, procedeu-se também uma Classificação Hierárquica Descendente com o *corpus* do Inventário de *Burnout* Religioso, conforme é explanado na Figura 15.

Figura 15 – Dendograma referente as classes temáticas da narrativa do Inventário de Burnout Religioso



Fonte: produzida a partir do software IRAMUTEC

Ao executar o Iramuteq com as entrevistas acerca do Inventário de Burnout Religioso, foi constatado um aproveitamento do corpus de 91,1%, isto significa que dos 179 segmentos de textuais, ou Unidades de Contexto Iniciais (UCI), foram classificadas em 163 Unidades de Contexto Elementar (UCE). Com relação à classificação do corpus textual, as narrativas dos religiosos se encontram subdivididas em oito classes relacionadas em si com contextos semânticos distintos, conforme demonstra o dendrograma da Figura 15.

Da esquerda para a direita, encontra-se as classes *relação comunitária*, que compôs 11% do conteúdo do Inventário de Burnout Religioso. Esta, por sua vez se associou com a classe denominada semanticamente de *relação com Deus* (12,3%). Estas duas classes se relacionaram com a classe relação trabalho-Deus (11,7%). Estas três classes, em seu conjunto se relacionaram com fatores de risco (12,3%), enfrentamento espiritual (12,3%) e realização (12,3%). Essas seis classes, por sua vez, se coligaram com Ativismo religioso (11,7%) e conflitos interpessoais (13,5%).

A classe *Ativismo Religioso* reuniu vocábulos tais como: agenda, evento, esgotar, equilibrar, cheio, missão, sobrecarga, passar e cumprir. Como exemplos de segmentos de textos, pode-se observar:

> o problema é enfrentar resolver minha dedicação é intensa não me vejo assim com prazer faço a vossa vontade senhor minha agenda está cheia de compromissos que pretendo cumprir se não conseguir alguns remarco simples assim *(sic)*
>
> o trabalho na igreja descansa minha alma quando existe uma sequência de eventos e afazeres me vejo exausto sim já a muito tempo na função e sentir que não consigo entregar resultados e que nada do que faço é suficiente *(sic)*
>
> tenho muitos papéis metas trabalhos na igreja, mas vejo-os como missões dadas por deus que tenho sua ajuda para executá-las e assim devo fazê-las da melhor forma possível *(sic)*
>
> algumas vezes realizo apenas para cumprir tabelas, mas em grande parte quero dar o meu melhor procuro seguir as orientações e as inspirações de deus. *(sic)*
>
> as noites tento ter equilíbrio bem leve diminuí minhas atividades na igreja minha agenda é sempre cheia, mas tenho tentado equilibrar e ter momentos de pausa. *(sic)*
>
> tem sido um aprendizado não querer dar conta de tudo não vejo sobrecarga em amar a deus no servir procuro equilibrar a agenda com momentos pessoais e familiares acho até q eu deveria me doar mais estou com bastante trabalho na comunidade, mas não sinto sobrecarregada. *(sic)*
>
> tenho só o ministério hoje são outras sobrecargas, mas procuro equilibrar nada a declarar não digo que está sobrecarregada pois se vivo para evangelizar minha agenda deve ter muitos compromissos religiosos. *(sic)*

Já a classe *Conflitos interpessoais* foi composta pelas seguintes palavras: “conflito”, “pessoa”, “pensamento”, “diferente”, “aprender”, “postura”, “fácil” e “lidar”. Alguns seguimentos de textos representam esta classe, tais como:

> me dou super bem com todos, mas sempre ponderando e relevando algumas situações por vezes aprendo a silenciar vejo hipocrisia demais aprendi a respeitar os pontos de vista diferentes não é fácil conviver com pessoas diferentes com visões e temperamentos distintos ter conflitos é algo inevitável nas relações humanas *(sic)*

> acho que posso dar mais, no momento não, mas já me senti e aprendi a pedir socorro a exaustão é fruto da forma como me relaciono com as pessoas e com as minhas tarefas. *(sic)*

A classe *fatores de risco* reuniu os seguintes vocábulos: “Igreja”, “esgotado”, “esgotamento”, “católico”, “cansado”, “crer”, “atividade”, “partidário”, “influenciar”, “Brasil”, “política” e “desmotivado”. Como exemplos de seguimentos de textos desta classe, encontram-se:

> diria que estou cansado emocionalmente com as atividades da igreja não tenho hoje, mas já senti meu esgotamento se dá por conta do acúmulo das atividades corriqueiras trabalho etc acho que deve se respeitar o cansaço do outro. *(sic)*

> procuro não faltar nesses compromissos busco viver o estatuto da comunidade católica X. Sou próxima, não, não sinto-me distante mas sim inserida engajada e com raízes, contudo com o excesso de funções sinto-me cansada e desanimada *(sic)*

> hoje vivo bem minhas atividades religiosas já me senti muito desmotivado hoje já não me sinto assim o ativismo sem alimentar a oração a meditação da palavra e os sacramentos geram ansiedade o pela falta deste equilíbrio. *(sic)*

A classe *Enfrentamento espiritual* reuniu os seguintes vocábulos: “paixão” e “encontro”. A seguir, encontram-se alguns exemplos do contexto em que essas palavras emergem:

> os trabalhos religiosos nem sempre é apaixonante e nem sempre vou com paixão mas e um compromisso de vida e tem uma razão a cada dia me apaixono mais pelo serviço nas coisas de deus cresço na humildade sou formada e revigorada em cada doação de si.

A classe denominada Realização, encontram-se vocábulos como: “acontecer”, “feliz”, “caso”, “aborrecido” e “gosto”. Essas palavras aparecem nos seguintes seguimentos de textos:

> não tenho atividades na igreja, mas já me senti assim como também rejeitando o apostolado nada a declarar algumas vezes me vejo triste por muitas coisas, mas não

> direi aborrecido de forma geral essas tristezas não pontuais nada a dizer eu fiz uma escolha e sabia das consequências que a mesma traria *(sic)*

A classe relação comunitária coligou as seguintes palavras: “valorizar”, “dificuldade” e “comunidade”. Exemplos de seguimentos de textos que emergem tais palavras se encontram a seguir:

> na verdade não acho que valor seria a palavra eu não acho que sou olhada sinto que a minha comunidade não me conhece acredito que seja mais sobre isso eu me sinto valorizada. *(sic)*

> já busquei muito esse valor dentro os irmãos hoje vejo que minha recompensa não está aqui está no céu a caridade nos faz valorizar os irmãos e amar e ser amado essa é a proposta de deus para nós *(sic)*

> apesar das dificuldades próprias na oração a voz de deus é um consolo e sustento a resposta ficou confusa, mas o que eu quero dizer é que sinto o quanto deus me sustenta. *(sic)*

A classe relação com Deus reuniu os léxicos: “presença”, “acreditar”, “oração” e “presente”. São exemplos de seguimentos de textos nos quais essas palavras surgem:

> busco pensar que os momentos difíceis irão passar e que nada dura para sempre rezo pq sinto a presença de deus às vezes vivemos às securas espirituais *(sic)*

> as fazes da vida me leva a entender que os sentimentos passam não é o sentimento que me faz acreditar já precisei dos sentimentos e ainda preciso, porém a presença sempre permanece. *(sic)*

> sinto muito a presença dele não só em minhas orações, mas em tudo todos os dias quando deito e levanto porque por vezes não estou com ânimo para oração o sinto sim Deus permanece o mesmo. *(sic)*

Por fim, a classe *relação Trabalho-Deus* reuniu as seguintes palavras: “mecânico”, “entusiasmo”, “forma”, “dar”, “sentido” e “graça”. Os seguimentos de textos onde se encontram tais palavras são:

> se eu não fizer uma entrega do meu trabalho tudo se torna mecânico não porque convido jesus para estar comigo ao executar tudo ele mesmo disse sem mim nada podeis fazer *(sic)*

> com entusiasmo para contribuir com um mundo novo preciso aprender a desacelerar por obrigação o que faço é sincero as vezes vou pela obediência, mas sempre há uma graça sobrenatural que me ultrapassa realizo para deus *(sic)*

> precisamos encontrar Deus nos deixarmos ser amados por ele ama-lo nos apaixonamos e estão servi-lo. Posso me cansar o excesso, mas o excesso mesmo de trabalhos se a pessoa não tiver uma graça especial algo sobrenatural pode levar a perder o entusiasmo. *(sic)*

> faço por amor a deus o ativismo sem sentido cansa as vezes faço de forma mecânica, mas esse não é a regra no geral vou vivendo me abrindo a condução do espírito. *(sic)*
>
> não é pesado fico cansada muitas vezes, mas depois descanso e fico bem não não faz sentido realizar algo de forma mecânica pode até ser que haja cansaço mas não agora de forma mecânica. *(sic)*
>
> há muitos servos de deus que realizam este trabalho de forma mecânica ainda que não percebam cada dia um novo dia muitas vezes sim de forma mecânica e puramente técnica. *(sic)*

7.2 Discussão do inventário sobre *Burnout* Religioso

Na Classificação Hierárquica Descendente, podemos perceber na 1ª classe temática um contexto semântico comum relacionado com *Ativismo Religioso.* Segundo Almada (2015), os religiosos não vivem o que fazem como um simples trabalho; toda a sua vida está em jogo no que fazem. Entretanto, dadas as características dessa atividade, verifica-se neles uma propensão ao *burnout*. Para este autor, é necessário levar em consideração as características da pessoa que padece dele que a deixam mais ou menos vulnerável, para logo em seguida levar em conta também o trabalho que ela realiza. Com relação às características pessoais, é importante levar em conta que cada indivíduo é um ser único, bem como suas atitudes e reações. "Sua história afetiva, a ideia que tem de si mesmo e do seu trabalho, como o interpreta, valoriza e enfrenta, são, na realidade, fatores que influenciam suas reações emotivas, suas ações e sua capacidade de suportar tensões" (Almada, 2015, p.67). E com relação ao trabalho religioso, é importante analisar o tipo de trabalho, a estrutura da instituição onde realiza a tarefa e o ambiente.

Algumas falas dos entrevistados podem exemplificar essa 1ª classe lexical:

> não graças a mudança de missão e apostolado estou tentando viver o equilíbrio da agenda, mas realmente tenho o costume de ter a agenda muito cheia sim tenho quatorze formandos e estou me convencendo que que preciso diminuir para servir melhor. *(sic)*
>
> o stress já é comum a muitos e eu sou uma. O stress é fruto da sobrecarga gerada pela indisponibilidade do outro, não são grandes estresses, mas existem pequenos estresses sim. *(sic)*
>
> penso que a doação a Deus esgota alguém quando tudo passa pelo externo a necessidade que se tem de fazer mais que ser a busca pelo equilíbrio sempre será necessária para que não culpe Deus. *(sic)*

Na 2ª classe, percebemos um contexto semântico relacionado com "Conflito Interpessoais". Cencini (1998) afirma que os religiosos, na vida comunitária vivenciam certas situações que também são desconfortáveis no relacionamento com o outro e não impedem o

processo de crescimento, mas são um impulso que os liga a um autoconhecimento mais preciso. Muitas vezes, as pessoas que vivem em comunidades religiosas, assumem um comportamento que induz sutilmente o outro a agir conforme a ideia que tínhamos feito dele. “A caridade verdadeira nasce do coração e do modo de ver o outro (...) Numa palavra: somos responsáveis por nosso irmão e por seu crescimento” (Cencini, 2015, p. 180). Nos pressupostos da Logoterapia e Análise Existencial de Frankl, a autotranscendência é a verdadeira via que indica para satisfação da vontade de sentido, e o amor é o acesso para embrenhar nesta via de sentido da vida. Sobre o amor, Frankl afirma: “por seu amor, a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado (...) além disso, através do seu amor, a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas potencialidades (Frankl, 1991, p. 136).

> conflitos são comuns e esperados pois somos pessoas com pensamentos ideias e posicionamentos diferentes isto pode levar a pequenos ou grandes conflitos, mas o perdão é o amor a deus supera tudo. *(sic)*
>
> não vejo o trabalho em si estressante, mas lidar com pessoas diferentes pode gerar certos desconfortos o que nos stressa é a forma de lidarmos com as situações desafiantes o que mais me estressa no trabalho religioso é a convivência com algumas pessoas e as pessoas que vão interferindo no trabalho. *(sic)*

A 3ª classe foi denominada *fatores de risco*. Almada (2015), afirma que os acontecimentos da vida e as crises vitais são elementos importantes a considerar quando tratamos o *burnout*. Acontecimentos negativos na vida podem promover ou agravar uma sobrecarga já existente, rompendo o equilíbrio alcançado, enquanto os acontecimentos positivos podem amortecer as dificuldades. A crise da meia-idade merece ser considerada um fator de risco, pois no centro dessa crise, há geralmente um balanço negativo entre o que foi realizado e os projetos da juventude. Segundo esse autor, podemos ainda traçar um perfil característico de pessoas mais propensas a desenvolver o *burnout*. Elas têm dificuldade em definir os limites nas relações, comprometem-se com inúmeras tarefas sem ter consciência de suas possibilidades. “São frágeis e dependentes ao lidar com os outros e procuram satisfazer no trabalho apenas as necessidades de realização, afeto e aprovação” (Almada, 2015, p. 120).

> minha família reclama muito sobre as minhas atividades na qual percebem que vou adoecendo mentalmente por não conseguir parar para descansar assumir inúmeras responsabilidades e acabo vivendo somente para o trabalho e a igreja com pouca vida social e tempo baixo de qualidade para com a família. *(sic)*
>
> realmente existe este esgotamento acredito que seja por uma necessidade de corresponder as expectativas de outras pessoas e não as de deus uma vida equilibrada é o que a igreja nos ensina não me sinto esgotada porque se algumas coisas que me cansam outras me descansam. *(sic)*

A 4ª classe denominamos *Enfrentamento espiritual*. Koenig; Pargament e Nielsen (1998) afirmam que o coping religioso é o uso de crenças e comportamentos religiosos para facilitar a resolução de problemas e prevenir ou aliviar consequências emocionais negativas de situações de vida estressantes. De acordo com Lukas (2012), no decorrer de nosso caminho, seja nos grandes ou nos pequenos eventos de vida, somente se terá êxito se algo estiver à nossa frente. Seja um ideal, algo que possamos alcançar ou realizar. Dessa forma, o homem religioso enfrenta as vicissitudes da vida na vivência da sua fé, caminhando em direção ao sentido último de sua vida. Algumas falas que exemplificam essa classe são:

> encontro paixão sim há sim paixão, mas tudo pode deixar de existir se não for alimentado na oração me sinto exausta e sem vigor quando não estou vivendo a vida comunitárias ou os seus compromissos. *(sic)*
>
> as atividades religiosas é em vista de algo e isso é o motivo encontro sempre algo em uma atividade porque a cada dia é uma experiência única que vivemos nos deparamos com dores alegrias descobertas novas trazendo um novo sentido para nossas vidas. *(sic)*

Denominamos de *Realização* a 5ª classe. Para a logoterapia, a autorrealização humana está na autotranscendência, ou seja, quando o indivíduo sai de si, ao encontro de alguém ou de algo que está no mundo. Segundo Frankl: "a existência do homem sempre se refere a alguma coisa que não ela mesma – a algo ou a alguém" (Frankl, 1991, p.18). Esta realização só ocorre após o sentido de vida ser concretizado. Quando ele se dedica a uma tarefa na vida, a uma missão, a uma pessoa que ame, ou ao seu Deus a quem sirva. Dessa forma, a vontade de sentido do ser humano é orientada para uma realização de sentido, a qual provê uma razão para a autorrealização, a felicidade, o prazer etc.; isto é, "com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral" (Pereira, 2007, p. 129).

> encontro alegria e paixão me sinto feliz essas atividades apesar de cansativas me fazem bem quando fiquei muito tempo num serviço que não tinha aptidão realmente me senti assim pode acontecer, mas não é o caso *(sic)*
>
> sinto-me próximo de Deus hoje gosto do que faço quero sempre melhorar pode acontecer, mas não é o caso apesar de não sentir apaixonada por minhas atividades sinto-me comprometida com o que assumi. *(sic)*

A 6ª classe foi denominada de *relação comunitária*. Cencini (2015) usa a expressão sentido de pertença para falar sobre essa sensação que nasce em uma pessoa quando ela se encontra em um determinado carisma de uma comunidade religiosa. No começo, é uma intuição

vaga que vai ficando mais clara com o passar do tempo. “Ela provoca um misto de quietude e tensão próprio de quem encontrou depois de ter procurado, mas que sente que ainda precisa procurar” (Cencini, 2015 p. 54). E é desse sentimento de pertença que provém a capacidade de amar a Comunidade assim como ela é, de senti-la como sua nova família etc. Dessa forma, quando uma pessoa se consagra, entrega-se à Comunidade e esta entrega-se a ele.

> sinto me cada vez mais inserido nas atividades de minha comunidade inclusive não perco um acamps não tenho esse tipo de sentimento sinto me valorizada na minha comunidade como pessoa como cristã como igreja *(sic)*
>
> gratidão a tudo que os irmãos fizeram por mim a própria comunidade vai me atraindo e me faz sentir responsável conforme relatado num item anterior da pesquisa vivemos como vivem os primeiros cristãos em atos dos apóstolos. *(sic)*
>
> muitas tarefas são a mim confiadas não apesar das dificuldades ainda consigo enxergar e escutar a vontade de deus para mim e isso me motiva a continuar sinto-me muito cuidada pela comunidade. *(sic)*

Na 7ª classe percebemos a *relação com Deus*. O fundador da logoterapia afirma que: “Deus é o parceiro de nossos monólogos mais íntimos” (2013, p. 79). A relação do ser humano com Deus se dá através da oração, ela dá plenitude a toda atividade humana, é a convicção da possibilidade de relacionamento com o Ser Supremo (Marin, 2023). Corroborando com essa ideia, Teresa D’Ávila irá afirmar: “A meu ver, a oração não é outra coisa senão tratar intimamente com aquele que sabemos que nos ama, e estar muitas vezes conversando a sós com ele” (D’Ávila, 2010, p. 59). Dessa forma, o epicentro da oração se encontra na construção de uma relação de amizade. A vida cristã se compreende a partir da oração como um relacionar-se. Não se reduz a um momento, se torna condição permanente do relacionamento com Deus.

> sinto muito a presença dele não só em minhas orações, mas em tudo todos os dias quando deito e levanto porque por vezes não estou com ânimo para oração o sinto sim deus permanece o mesmo. *(sic)*
>
> tem dias que me sinto sozinha e tem dias que sinto ele bem pertinho a fé nos faz crer na presença de deus não obstante sentimentos adversos eu acredito que sinto a presença de Deus. *(sic)*

Na 8ª classe denominamos de *Trabalho-Deus*. O ser humano transborda sua relação de intimidade com Deus através do serviço, do apostolado. Os leigos estão especialmente chamados a tornar a Igreja Católica atuante e presente naqueles lugares e circunstâncias em que só através deles ela pode chegar (Marin, 2023). Ser missionário é estar aberto a um constante compromisso de despojamento em prol da obra de Deus. Nem todos os batizados são

vocacionados a deixar seu estado, sua pátria etc. Porém, todos são chamados a sair da terra do egocentrismo e ser missionários na realidade em que se encontram.

> as vezes faço de forma baseado na experiência e não ouvindo a voz de deus busco dar sentido e olhar com esperança de que o meu trabalho melhora a vivencia espiritual de todos nada a dizer trato com respeito todos que me são confiados pela comunidade *(sic)*
>
> as atividades religiosas são as q mais dão sentido à vida elas dificilmente me desmotivam, porém já confio na misericórdia de Deus não a desmotivação esta ligada ao cansaço e a sobrecarga de coisas *(sic)*
>
> há muitos servos de deus que realizam este trabalho de forma mecânica ainda que não percebam cada dia um novo dia muitas vezes sim de forma mecânica e puramente técnica *(sic)*

8 CONCLUSÃO

O presente estudo se propôs a verificar como a busca de sentido último se constitui um fator protetivo para a saúde mental de membros de uma Nova Comunidade Católica, por meio de uma análise com o software *Iramuteq.* Foi percebido que a saúde mental dos membros é influenciada pela busca do sentido último. Através das falas dos participantes da pesquisa, ficam claras questões relacionadas com a vivência religiosa e o processo de saúde-doença dos mesmos. Também discutimos sobre o conceito de sentido último na Logoterapia de Viktor Frankl e sobre a saúde mental dos membros de uma nova comunidade católica.

Vale ressaltar que existem algumas variáveis que não conseguimos medir nesse estudo, que influenciam o processo de saúde-doença dos indivíduos, tais como: hereditariedade, história de vida, doenças preexistentes etc. que podem levar ao adoecimento do indivíduo e afetar sua saúde mental. O ser humano, como afirma a logoterapia, é um ser bio-psico-noético. Todas essas três dimensões humanas irão contribuir para o desenvolvimento de um ser humano saudável. Vale ressaltar que a dimensão espiritual/noética é aquela que nunca adoece. O que teremos é o psicofísico adoecido, porém, através da dimensão noética, o ser humano poderá elevar o seu psicofísico e crescer em qualidade em sua saúde.

Nesta tese, procurou-se qualificar a dimensão noética do ser humano quando em sua vontade de sentido último. Principalmente através das análises das Classificações Hierárquicas Descendentes realizadas, chegamos à conclusão de que a busca por Deus, aqui representada pela relação com Deus (vida de oração), relação comunitária (vida fraterna) e relação trabalho-Deus (vida apostólica), se constitui como medida de enfrentamento espiritual para os fatores de risco encontrados, quais sejam: conflitos interpessoais e ativismo religioso. A busca do sentido último por parte dos membros que participaram da pesquisa leva-os a uma vivência e a uma forma religiosa específica nessa comunidade nova que os faz vivenciar os conteúdos espirituais/noéticos com uma cosmovisão específica, o que influi em seu processo de saúde-doença.

Por fim, nessa exposição considera-se que, de algum modo, ela possa ser útil para os futuros pesquisadores, pois consiste numa amostra de uma nova comunidade católica. Novos estudos poderão ser feitos com outras comunidades novas, no sentido de ampliar a percepção e os resultados para um contingente maior de pessoas e para vivências distintas de formas específicas de busca do sentido último, visto que cada uma dessas comunidades possui especificidades próprias, segundo a forma de vida de cada uma.

Esta tese também poderá vir a contribuir com a formação da nova comunidade católica estudada, no sentido de reafirmar os caminhos saudáveis pelos quais estão caminhando com seus membros e orientar possíveis caminhos equivocados, no sentido de terem como efeito colateral da busca pelo sentido último, a saúde de seus membros, pois, como afirma Frankl em sua teoria, a religião tem como objetivo a salvação da alma, porém, como efeito, ela pode vir a obter a cura da alma.

REFERÊNCIAS

ALMADA, R. **O cansaço dos bons**: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2015.

AMATUZI, M. M. **Experiência religiosa, psicoterapia e orientação espiritual**. São Paulo: Editora: Roca, 2008.

AQUINO, T. A. A. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl**: articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Paulus, 2014.

AQUINO, T. A. A. et al. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2009, vol. 29, n.2, p. 228-243.

AQUINO, T. A. A. **Logoterapia e Análise Existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.

AQUINO, T. A. A. Espiritualidade e transcendência na perspectiva de Viktor Frankl. **Aufklärung: Revista de Filosofia**, João Pessoa, v. 7, n. esp., p. 65-72, nov. 2020.

AQUINO, T.; VÉRAS, A.; BRAGA, D.; VASCONCELOS, S.; SILVA, L. Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como modalidade de psicoterapia. **Revista Logos e Existência**, [S. L.], v. 4, n. 1, p. 45-65, 2015.

BINS, R. M. D. C. **A eclesialidade das Novas Comunidades**: as novas comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, 187f.

BORGES NETO, R. S. **O Renascer da esperança:** movimentos eclesiais contemporâneos e comunidades novas no pensamento de João Paulo II e Bento XVI. Califórnia: Createspace Independent Publishing Platform, 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.** [online]., vol.21, n.2. 2013, p. 513-518.

CARRANZA, B. **Novas Comunidades Católicas**: em busca do espaço pós-moderno. São Paulo: Letras e Ideias, 2009.

CENCINI, A. **L'albero della vita**: verso un modello di formazione iniziale e permanente. 2. ed. Milão: San Paolo Edizioni, 2005.

CENCINI, A. **Viver reconciliados**: aspectos psicológicos. São Paulo: Editora Paulinas, 1998.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do concílio ecumênico vaticano II.** São Paulo: Paulus,1997.

CRUZ, J. S.; AQUINO, T. A. A. Espiritualidade e resiliência: relevância e implicações no pensamento frankliano. **REVER**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. [89-103], mai./ago. 2020.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

D'ÁVILA, S. T. **Livro da vida**. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus.** Trad. Walter Schlupp e Helga H. O. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática:** uma introdução casuística para médicos. Trad. Vilmar Scheneider. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. **Fundamentos y aplicaciones de la logoterapia**. Trad. Claudio Garcia Pintos. Buenos Aires: San Pablo, 2000.

FRANKL, V. E. **La voluntad de sentido**. Barcelona: Herder, 1988.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial:** textos de cinco décadas. Trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Psy II, 2012.

FRANKL, V. E. **Teoria e terapia das neuroses**: introdução à logoterapia e à análise existencial. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E; Lapide, P. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido:** um diálogo. 2. ed. Trad. Márcia Neuman. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 18 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

FRANKL, V. E. Logoterapia e análise existencial: textos de cinco décadas. Campinas: Psy II, 1995.

FRANKL, V. E. O que não está inscrito nos meus livros – Memórias. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Existencialismo**. Textos selecionados em Logoterapia. São Paulo: É Realizações, 2020.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, V.; LAPIDE, P. **Busca de Deus e questionamentos sobre o sentido.** São Paulo: Vozes, 2005.

FRANKL, V. E. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. (1989). **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas: Papirus, 1990.

FRANKL, V. **A Presença ignorada de Deus**. Tradução de W. Schulupp e H. H. Reinhold. Petrópolis: Vozes, 1992.

HARTMANN, N. **Introducción a la filosofia.** México: Universidade Autónoma do Mexico, 1969.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de. Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

IDE, P. **Le burn out**: une maladie du don. Paray-le-Monial: Éditions de l'Emmanuel, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022**. Rio de Janeiro, 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Christifidelis Laici**: vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1989.

JOÃO PAULO II, Papa. Mensagem do aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais promovido pelo pontifício conselho para os leigos. **Vatican.va**. 1998. [N. P.]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980527_movimenti.html. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. Mensagem aos participantes no congresso mundial dos movimentos eclesiais. **Vatican.va**. 1998. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-speech-hf_po.html. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

JOÃO XXIII. **Discurso de sua Santidade Papa João XXIII na Abertura Solene do Ss. Concílio Vaticano, 1962.** [N. P.] A C 4. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

KOENIG, H. G.; PARGAMENT, K. I.; NIELSEN, J. Religious coping and health status in medically ill hospitalized older adults. **J Nerv Ment Dis**, [S. L.], v. 186, n. 9, p. 513-521, set. 1998.

KOENIG, H. G., McCULLOUGH, M. E.; LARSON, D. B. **Handbook of Religion and Health**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

KOENIG, H. G. **Religion, Spirituality, and Health**: The Research and Clinical Implications. ISRN Psychiatry, 2012.

LUKAS, E. **Mentalização e Saúde**: a arte de viver e logoterapia. Petrópolis: Vozes, 1993.

LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica**: transição para uma psicologia humanizada. Trad. H. H. Reinhold. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1992.

LUKAS, E. **Logoterapia**: a força desafiadora do espírito. Trad. J. de Sá Porto. São Paulo: Loyola, 1989.

LUKAS, E. **Psicologia Espiritual:** fontes para uma vida plena de sentido. São Paulo: Paulus, 2002.

LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

LUKAS, E. **Histórias que curam...: porque dão sentido à vida**. São Paulo. Verus, 2005.

MARIN, A. R. **A espiritualidade dos leigos**. Campinas: Editora Ecclesiae, 2023.

MOREIRA, V.; SLOAN, T. **Personalidade, Ideologia E Psicopatologia Crítica**. São Paulo. Escuta, 2002.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28(3), 2006, p. 242-250. Recuperado de http://wwwscielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1516-44462006000300018&lng=en&nrm=iso

OLIVEIRA, R. M. et al. Espiritualidade/Religiosidade e o HumanizaSUS em unidades de saúde da família. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde.** Fortaleza, 31(1): 1-8, jan-mar, 2017.

Papa Francisco. **Carta Iuvenescit Ecclesia**. Editrice Vaticana. 15 de maio de 2016.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping**: theory, research, practice. Nova York: Guilford Press, 1997.

PARGAMENT, K. I. Religion and Coping: the Current State of Knowledge. In: FOLKMAN, S. **The Oxford handbook os stress, health, and coping**. Reino Unido: Oxford University Press, p. 269-288, 2010.

PARGAMENT, K. I. The **Psychology of religion and coping**. Theory, research, practice. New York: The Guilford Press, 2002.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and spirituality? Yes and no**. International Journal for the Psychology of Religion, 9(1), 1999, p. 3-16.

PEREIRA, I. S. **Tratado de Logoterapia e Análise Existencial**. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

PEREIRA, L. L. **Espiritualidade na enfermagem brasileira**: retrospectiva histórica. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2007.

PINTOS, C. G. **Frankl por definición**: consultor temático de logoterapia y analisis existencial. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

RATTA, S. D. Movimenti, Associazioni e Gruppi dal Vaticano II ad Oggi: I laici nella storia della chiesa. In: **Seminario Scuola Teologica di Base San Luca Evangelista** (STB), 14 de maio de 2003, San Giuseppe Cotolengo. Disponível em: http://www.stb.diocesipa.it/stb/wp-content/uploads/2012/01/Movimenti associazionigruppi_della_ratta.pdf. Acesso em: 3 de jul. de 2013.

SÁ, N. L. **Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades:** questões Pastorais e Canônicas. São José dos Campos: Editora Com Deus, 2016.

SCHELER, M. **A posição do homem no cosmos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SOLOMON, R. C. **Espiritualidade para céticos:** paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STROPPA, A. et al. Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina. **Religiosidade e Saúde**. Belo Horizonte, p. 427-443, 2008.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Religiosidade e saúde. **Saúde e Espiritualidade**: uma nova visão da medicina. Mauro Ivan Salgado e Gilson Freire (Orgs.). Belo Horizonte: Inede, 2008.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) PARTICIPANTE DE PESQUISA,

Os pesquisadores Daniele Cajaseiras Matos e Thiago Antônio Avellar de Aquino convidam você a participar da pesquisa intitulada "A busca do sentido último como fator de proteção para a saúde mental em membros de novas comunidades católicas". Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde. Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você (ou para o seu empregador, quando for este o caso) e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Objetivo da Pesquisa

Esta pesquisa tem por objetivo verificar como a busca de sentido último se constitui como fator protetivo para a saúde mental de membros das Novas Comunidades Católicas.

Metodologia

Para este fim, serão utilizados dois questionários com perguntas abertas onde você poderá descrever suas vivências. A aplicação desses questionários será de forma online.

Riscos ao(à) Participante da Pesquisa

Caso você se sinta constrangido, incomodado ou cansado ao responder os questionários, eu me coloco à disposição para uma escuta terapêutica a fim de lhe dar suporte emocional, caso necessário.

Benefícios ao(à) Participante da Pesquisa

Essa pesquisa ainda poderá trazer benefícios possibilidade de usar o momento das entrevistas ter novas elaborações relacionadas à sua religiosidade e à forma como a tem vivenciado.

Informação de Contato do Responsável

Pesquisadora: Daniele Cajaseiras Matos. Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Telefone: +55 (85) 99675-3513. E-mail: danielematos@hotmail.com.
Endereço e Informações de Contato da Universidade Federal da Paraíba
Campus I Lot. Cidade Universitária., CEP: 58051-900. João Pessoa- Paraíba. Telefone: +55 (83) 3216-7200. E-mail: ppgcr@ce.ufpb.br.
Endereço e Informações de Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido

para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Cidade-Sigla do estado, DD de MM de AAAA.

_____

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

_____

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Sexo:

Cidade:

Estado:

Tempo que faz parte da comunidade religiosa:

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE BURNOUT RELIGIOSO (QBR)

1. Como você se sente em relação à sua comunidade religiosa?

2. Como você se sente em relação ao seu serviço na sua comunidade religiosa?

3. Como está o seu relacionamento com Deus?

4. Como está o seu relacionamento com as pessoas de sua comunidade religiosa?

APÊNDICE D – AUTOBIOGRAFIA DIRIGIDA PARA A VIDA ESPIRITUAL

1. O que é sentido último?

2. Fale sobre a sua busca pelo sentido último

3. Significado da sua vida espiritual - suas aspirações e metas;

4. História da vida espiritual (experiências mais significativas);

5. Relato da imagem de Deus;

6. Forma de se relacionar com o sagrado (formas de orações, preces e louvores)

7. Relato da função da espiritualidade em sua vida;

8. Histórico da sua saúde física e estado mental, principais doenças e estado atual de saúde;

9. Relato da sua concepção acerca da morte;